



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

FERNANDES FERREIRA DE SOUZA

**MATILDE: UMA REPRESENTAÇÃO DA PROSTITUIÇÃO EM *ROQUE*
SANTEIRO OU *O BERÇO DO HEROI*, DE DIAS GOMES**

**TRÊS LAGOAS/MS
2020**



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

FERNANDES FERREIRA DE SOUZA

MATILDE: UMA REPRESENTAÇÃO DA PROSTITUIÇÃO EM *ROQUE SANTEIRO* OU *O BERÇO DO HEROI*, DE DIAS GOMES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de Concentração em Estudos Literários) do campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito final para obtenção do título de Doutor em Letras.

Data da defesa: 30 de outubro de 2020, às 14h

Banca examinadora:

Prof. Dr. Wagner Corsino Enedino (UFMS/CPTL) -
Presidente e Orientador

Profa. Dra. Cristiane Rodrigues de Souza
(UFMS/CPTL) - Membro Titular

Profa. Dra. Vanessa Hagemeyer Burgo
(UFMS/CPTL) - Membro Titular

Prof. Dr. Agnaldo Rodrigues da Silva (UNEMAT) -
Membro Titular

Prof. Dr. Fábio Dobashi Furuzato (UEMS/Campo
Grande) - Membro Titular

Prof. Dr. Ricardo Magalhães Bulhões
(UFMS/CPTL) - Membro Suplente

Prof. Dr. Daniel Abrão (UEMS/Campo Grande) -
Membro Suplente

**TRÊS LAGOAS/MS
2020**

AGRADECIMENTOS

Com agradecimentos a

Luciana, Jucelia e Fabricia, pela parceria

Ana Paula Gomes, pelos olhos e ouvidos

Sullivan e Mariana, pelo abrigo

Professor Wagner Corsino, pela orientação e confiança

Deus, pela misericórdia.

Dedico a

Davi Augusto, Nathalia Fernanda e Stephanie Fernandes, para quem eu vivo.

José Rodrigues, por ter posto fim a minha longa espera.

*O que faz de mim ser o que sou é gostar de ir por
onde ninguém foi.*

(Biafra)

RESUMO

Esta tese traça uma análise da obra *Roque Santeiro ou O Berço do Herói* (1960), de Dias Gomes, com objetivo fundamental de retratar a representação da prostituição feminina no universo literário. E, nesse sentido, trazer à tona a relevância do olhar estético ao inscrever o corpo prostituído numa sociedade que, efetivamente, cria regras e normas, por vezes tirânicas, para controlar o comportamento da mulher. Partindo de uma realidade histórica e da concepção de prostituição como prática consciente da negociação do corpo por alguma compensação financeira e/ou material, sem viés antropológico ou feminista, procuramos discutir por que a prostituta é negada a integração social e o modo como a sociedade condena a meretriz à solidão e à morte. Matilde, personagem da obra de Dias Gomes, transcende a isso, não sendo tão rigorosamente punida pelo seu ofício, nem tendo que fazer concessões à sociedade local, que tradicionalmente julga e normatiza sob os padrões do sacro e do profano. Nosso trabalho tem como base os registros históricos e filosóficos de Nickie Roberts (1992), Nancy Qualls-Corbett (2005), Gilles Lipovetsky (2000), Paulo Sérgio do Carmo (2011) e Jonathan Kisch (1998), bem como demais trabalhos de temas pertinentes ao nosso estudo com o intuito de suportar as análises e reflexões desenvolvidas ao longo desta pesquisa.

Palavras-chave: Dias Gomes; Representação feminina; Prostituição; Sacro; Profano.

ABSTRACT

This thesis traces an analysis of the work *Roque Santeiro* or *O Berço do Herói* (1960), by Dias Gomes, with the fundamental objective of portraying the representation of female prostitution in the literary universe. Thus, to bring out the relevance of the aesthetic look when inscribing the prostituted body in a society that effectively creates rules and norms, sometimes tyrannical, to control the woman's behavior. Starting from a historical reality and from the conception of prostitution as a conscious practice of negotiating the body for some financial and/or material compensation, without an anthropological or feminist bias, we seek to discuss why the prostitute is denied social integration and the way society condemns the harlot to loneliness and death. Matilde, a character in the play of Dias Gomes, goes beyond that, not being so severely punished for her craft, nor having to make concessions to the local society, which traditionally judges and rules under the standards of the sacred and the profane. Our work is based on the historical and philosophical records of Nickie Roberts (1992), Nancy Qualls-Corbett (2005), Gilles Lipovetsky (2000), Paulo Sérgio do Carmo (2011) and Jonathan Kisch (1998), as well as other works by themes relevant to our study in order to support the analyzes and reflections developed throughout this research.

Keywords: Dias Gomes; Female representation; Prostitutio; Sacrum; Profane.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Inana	17
Figura 2 - Istar	17
Figura 3 - Isis	18
Figura 4 - Afrodite	18
Figura 5 - <i>Olympia</i> (1863), de Manet	52
Figura 6 - <i>La Toilette</i> (1889), de Toulouse-Lautrec	53
Figura 7 - <i>Sien</i> (1882), de Van Gogh	54
Figura 8 - <i>Rolla</i> (1878), de Henri Gervex	55
Figura 9 - <i>Les Demoiselles D'Avignon</i> (1907), de Pablo Picasso	56
Figura 10 - <i>Grande Odalisque</i> (1814), de Ingres	57
Figura 11 - <i>A menina nua dos cabelos negros</i> (1910), de Eigon Schiele	58
Figura 12 - <i>Christmas in the Brothel</i> (1903), de Edward Munch	59
Figura 13 - <i>In the Salon at Rue des Moulins</i> (1894), de Toulouse-Lautrec	60
Figura 14 - <i>Portrait of a Prostitute</i> (1885), de Van Gogh	61
Figura 15 - <i>The Festival of the Owner</i> (1876-77), de Edgar Degas	62

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
A PROSTITUIÇÃO FEMININA: UM MITO E UMA REALIDADE	13
1.1 A sacralidade e a profanação de um ofício	13
1.2 A prostituta grega	15
1.3 A Sacerdotisa: sexo em reverência à deusa	19
1.4 A prostituição e suas hierarquias	22
1.5 A prostituição profana	25
1.6 Em cena, o circo sexual romano	28
1.7 A presença da prostituta nos textos bíblicos	35
1.8 Não existe pecado ao sul do Equador	40
1.9 A prostituição em uma sociedade livre no século XX	48
QUANDO A ARTE REPRESENTA A PROSTITUIÇÃO	52
2.1 A prostituta como modelo e assunto nas artes visuais	52
2.2 Nas telas do cinema	62
2.3 Na vitrola, o som dos cabarés	63
2.4 Na sala de estar, através da televisão	66
2.5 Nas páginas de um livro	68
2.6 Lúcia, a primeira mulher	71
2.7 Ida Pomerikowski, a jornada da segunda mulher	77
2.8 A redenção ainda é necessária	81
MATILDE, A TERCEIRA MULHER: UMA CORTESÃ EM ASA BRANCA	86
3.1 Um dramaturgo criador de tipos brasileiros	87
3.2 Apresentação da obra e sua fortuna crítica	88
3.3 Matilde, uma cortesã em Asa Branca	91
3.4 Questões de espacialidade	95
3.5 O bordel, uma igreja às avessas	103
3.6 Matilde e o discurso de uma <i>business-woman</i>	111
COMENTÁRIOS CONCLUSIVOS	121
REFERÊNCIAS	126

INTRODUÇÃO

Sendo uma criatura exilada, expulsa da sociedade, como você e eu, porque somos artistas, a prostituta é certamente nossa amiga e nossa irmã.

Van Gogh

Uma década após a conclusão de um Mestrado que teve como objeto de pesquisa a análise da personagem Branca Dias, da peça *O Santo Inquérito*, de Dias Gomes, a qual teve como título *Branca Dias, uma paraibana de alma grega*, voltamos ao universo feminino do autor, sempre representado por “donas de casa, beatas, solteironas, empregadas. Mulheres morenas, sensuais. Mulheres reprimidas, maliciosas, adúlteras, virgens, prostitutas” (CAMPEDELLI, p.102, 1981). Matilde, de *O Berço do herói*, pertence ao último grupo representado: as prostitutas. Assim, nos distanciamos de Branca Dias, uma personagem que irradiava santidade, devida à sua pureza e virgindade, já anunciadas em seu nome e aos altos ideais de justiça universal por ela defendidos, e nos aproximamos de Matilde, uma mulher que traz consigo outras marcas e que luta por outros ideais, não tão altruístas como os defendidos por Branca. O espaço percorrido entre essas duas personagens compreende aquilo que convencionou-se chamar de atributos necessários para uma mulher fazer parte da história: ser uma santa ou uma puta. Nos despimos, então, de todo e qualquer preconceito para conhecer de perto Matilde, aquela que preferiu matar ao invés de se sacrificar. Se Branca Dias foi construída nos moldes da heroína grega Antígona, Matilde é forjada a partir do modelo daquelas mulheres, também gregas, mas que negociavam seus corpos, exercendo a tão famosa “profissão mais antiga do mundo”. De forma bastante genérica, é possível afirmar que o tema da prostituição na obra de Dias Gomes reflete valores e princípios da sociedade brasileira do século XX, uma vez que seus textos dramáticos foram escritos e tem sua época de ação demarcados nessa época.

Quanto à organização deste trabalho, elaboramos três seções. A primeira, intitulada “Prostituição Feminina: um mito e uma realidade”, é um espaço para a discussão da origem, conceituação e história da prostituição na cultura Ocidental. Discutimos, ainda, as causas originais da prostituição, evidenciando posicionamentos de pesquisadores que se debruçaram sobre o assunto, considerando que o exercício do meretrício é um evento social de relações complexas, ora religioso ora profano, que resistiu às adversidades do tempo e atravessou gerações. Para esse fim, o fenômeno da prostituição foi observado, nas suas especificidades, em diferentes épocas, lugares e contextos diversos, pois falar de prostituição é falar de um material humano definido em um contexto sócio-histórico particular. A prostituição apresenta

valores e significados resultantes das relações que o meretrício estabelece com o meio social de forma mais ampla e complexa. Esclarecemos que este recuo às origens da prostituição tem como única finalidade entender o processo de criação de Matilde, personagem de Dias Gomes, a ser analisada na terceira seção.

Na segunda seção “Quando a arte representa a prostituição”, abordamos a representação da prostituta na literatura brasileira, de caráter narrativo e dramático. A partir daí traçamos um alinhamento de alguns romances nacionais que põem em relevo a figura da prostituta, independentemente de ela assumir ou não, na narrativa, a posição de protagonista. Elaboramos, de forma breve, alguns comentários a respeito da condição da meretriz nas obras elencadas, especialmente *Lucíola*, de José de Alencar, e *Madame Pommery*, de Hilário Tácito. Esse recorte foi assim estabelecido para maior objetividade da pesquisa. Cientes de que algumas narrativas e textos teatrais ficaram de fora do nosso alinhamento, pois, assim não fosse, teríamos um volume impossível de ser abrangido por esta pesquisa. Ocorre, todavia, que a proposta foi observar, cronologicamente, a publicação de alguns romances e peças teatrais que trazem a prostituta como personagem. Acreditamos ser suficiente o número de obras destacado para comprovar que a figura da prostituta povoa o tecido literário, revelando dramas históricos e reais nas obras de ficção.

A terceira seção intitulada “Matilde, a terceira mulher: uma cortesã em Asa Branca” é destinada à análise do *corpus*. A obra *Roque Santeiro ou O berço do herói* aborda um tema social, pois explicita o lugar da prostituta numa sociedade marcadamente preconceituosa e machista, que tenta retirar da comunidade a mulher que não se restringe aos serviços domésticos e à educação dos filhos e que, por isso, numa tentativa de purificar a sociedade, ao som de marchas e gritos, tenta baixá-la à vala comum dos marginalizados. Nosso objetivo principal é apresentar a representação da prostituição feminina no universo literário, evidenciando a relevância do conhecimento do trajeto histórico da prostituta na história do mundo. Com isso, compreender que o dramaturgo Dias Gomes ao configurar a personagem Matilde valeu-se desse conhecimento. A partir do século XX, a modernização e o crescimento das cidades brasileiras foram decisivos para a estruturação da prostituição, nas suas representações e práticas, forjando uma economia específica do desejo e é justamente nesse contexto que se insere a personagem Matilde, uma empresária do sexo.

A decisão de verificar um texto teatral visando a uma análise sociológica fundamenta-se na tese de que a ficção representa de algum modo a realidade. Embora a peça em análise seja uma obra ficcional, contudo, traz em seu bojo traços e personalidades que poderiam ser facilmente localizados no mundo real:

Mas por isso mesmo a ficção pode proporcionar-nos uma viagem viva, densa, colorida – embora indireta e oblíqua – da realidade. Mais do que conhecimento preciso, pode apresentar-nos uma “visão” desse mundo, de modo a podermos participar dele, vivê-lo imaginativamente com uma intensidade que nenhuma leitura científica nos possibilitaria. Ao mesmo tempo, ela tenderá, enquanto ficção valiosa, a comunicar-nos uma interpretação da realidade, às vezes trágica, polêmica, satírica ou humorística, mas isso sempre em termos de experiência vivida (ROSENFELD, 1982, p.89).

Diversas narrativas conectadas ao tema da prostituição compõem o campo literário mundial, fundamentalmente a partir da segunda metade do século XX. Inserida no contexto e seguindo essa tendência, na Literatura Brasileira, a temática é também bastante fértil. Em busca de trazer à baila algumas das variadas formas de abordar o assunto, a presente tese debruça-se sobre a personagem Matilde, personagem do texto dramático *Roque Santeiro ou O berço do herói* que vai, então, revelar um pouco do universo narrativo do chamado “Mercado do sexo”. Como parte do referencial teórico, utilizam-se as obras: *As prostitutas na História* (1998), de Nickie Roberts, *A prostituta sagrada* (2005), de Nancy Qualls-Corbett, *A Terceira Mulher: permanência e revolução do feminino* (2000), de Gilles Lipovetsky, e *Entre a luxúria e o pudor: a história do sexo no Brasil* (2011), de Paulo Sérgio do Carmo.

SEÇÃO 1 - A PROSTITUIÇÃO FEMININA: UM MITO E UMA REALIDADE

A palavra prostituição origina-se do latim *prostituere*, o qual significa “colocar diante”, “à frente”, “expor aos olhos”. Não há, portanto, na palavra, nenhuma ligação direta com sexo ou pagamento, mas desde sempre o sexo foi uma moeda de troca, às vezes apenas pela sobrevivência. A forma como a prostituta é representada socialmente é diferente em cada época e cultura; nem sempre está carregada do estigma que o Ocidente em geral lhe confere, como no caso das comunidades onde a realidade da propriedade privada não existia. Importa destacar que esse conceito se estendia até a família, que não era monogâmica, e o sexo era então visto de forma bem diferente da nossa.

Em algumas civilizações, a prostituição era um ritual de passagem praticado pelas meninas ao atingirem a puberdade; em outras, os homens iniciavam sexualmente as jovens em troca de presentes. Como já mencionado, a percepção dessa prática está condicionada à moral vigente. A posição social que a prostituta ocupa atualmente na sociedade ocidental é derivada da visão que se tem da sexualidade, que em muito difere da Antiguidade, quando não havia a noção de pecado ligado ao sexo, como veremos a seguir.

1.1 A sacralidade e a profanação de um ofício

A tarefa de distinguir o sacro do profano é árdua e está diretamente ligada a qualquer concepção religiosa do mundo, que prevê sempre a despeito das diferenças de cada sociedade, a existência de dois espaços complementares, um onde o homem pode agir livremente, despido de temores e angústias; outro, onde um sentimento de dependência íntima o controla e o dirige em cada um de seus impulsos, paralisando-o (CAILLOIS, 1979). Esses conceitos excluem-se e supõem-se, assim como se definem, a rigor, um pelo outro:

O sagrado aparece assim como uma categoria da sensibilidade. Na verdade, é a categoria sobre a qual assenta a atitude religiosa, aquela que lhe dá o seu caráter específico, aquela que impõe ao fiel um sentimento de respeito particular, que presume a sua fé contra o espírito de exame, a subtrai à discussão, a coloca fora e para além da razão (CAILLOIS, 1979, p. 20).

Essa mesma atitude religiosa, para se garantir, precisa estabelecer os parâmetros do profano, a fim de que o sagrado se proteja dele, para evitar a contaminação. Assim, o profano rodeia-se de características negativas que aviltam, degradam e arruinam aqueles que o tocam

(CAILLOIS, 1979). Torna-se importante, então, que, com o objetivo de isolar o sacro do profano, ou o inverso, construam-se barreiras físicas e morais que os separem, ainda que, segundo Caillois (1979), ambos são necessários para o desenvolvimento da vida.

Parte da história da prostituição já foi vinculada a divindades como no caso das primeiras civilizações da Mesopotâmia e do Egito, onde sacerdotisas prostitutas, consideradas sagradas, recebiam presentes em troca de favores sexuais. Conforme Ceccarelli (2008), na Grécia antiga, havia as *hierodules*, mulheres sagradas que ofereciam serviços sexuais em ocasiões especiais, mas não correspondiam exatamente ao que se entende atualmente por prostituta, pois eram vistas como a encarnação humana de Afrodite e, conseqüentemente, respeitadas por toda a população e inclusive pelos governantes já que eram as responsáveis pela evocação do amor, do êxtase e da fertilidade.

Dessa forma, garantiam o seu lugar no cotidiano grego, do qual a prostituição era parte; estabelecendo um meio de obtenção de rendimento igual a qualquer outro; configurando-se como uma prática controlada pelo Estado, pela qual deviam pagar altos impostos e vestir-se de forma a serem identificadas como tal.

Conforme os pressupostos de Ceccarelli (2008), entre as várias categorias, existiam as *hetairas*, que se constituíam por grande relevância social, as quais eram conhecidas pela inteligência e esperteza na administração dos patrimônios, bem como na competência nas articulações políticas. Frequentavam livremente o universo masculino, participando das atividades reservadas aos homens. Trabalhavam nos bordéis do Estado sem sofrerem qualquer represália. As *hetairas* eram formadas em escolas, nas quais as aspirantes aprendiam a arte do amor, da Literatura, da Filosofia e da Retórica, vindo a ser as mulheres mais instruídas da Grécia. Segundo Bassermann (1968), poucas mulheres ultrapassaram o padrão de emancipação criado pelas *hetairas*.

De acordo com os estudos de Bassermann (1968), cabe ressaltar que a prostituição era uma profissão tão rentável que algumas mães incentivavam as filhas. Aspásia, por exemplo, tornou-se uma prostituta famosa e admirada pelas qualidades intelectuais a ponto do filósofo Sócrates levar seus antigos discípulos para ouvi-la. Em sentido oposto, na configuração da sociedade grega, havia as jovens destinadas ao casamento, as quais se dedicavam exclusivamente ao trabalho doméstico. Diante dessa reflexão, Aspásia, tornou-se um dos expoentes das *hetairas*, sendo reverenciada nos escritos de Platão e de Aristófanes. Não é forçoso trazer à baila uma curiosa expressão da democracia grega: “só as prostitutas tinham acesso ao conhecimento”.

Distante das tradições grega e romana, na cultura judaica a prostituição era severamente punida; a lei mosaica previa sanções severas aos praticantes, inclusive com pena de morte. Na prática, entretanto, havia certa tolerância como o mostra a história de Raabe – prostituta salva pela graça de Deus – relatada no Antigo Testamento do texto bíblico de Josué e que será particularmente estudada nesta pesquisa, além de Tamar. A moral cristã sempre condenou tal prática, que também era tida como a responsável pela disseminação de doenças sexualmente transmissíveis, como, por exemplo, a sífilis. Tal conceito ganhou fôlego por toda a história da prostituição, inclusive no Brasil.

1.2 A prostituta sagrada

Em nosso cotidiano, tal expressão soa contraditória, com contornos de um oxímoro, uma vez que “sagrada” refere-se à consagração ao divino, separado para a santidade; enquanto “prostituta” indica a profanação do corpo, outrora considerado templo santo. Todavia, nem sempre foi assim, particularmente no período denominado Idade da Pedra, quando as mulheres, por serem consideradas a criadora da força da vida, tinham papel de destaque, muitas vezes superiores aos dos homens. De acordo com Roberts (1998), naquele período, a mulher “[...] era adorada como a Grande Deusa e como tal estava no centro de toda a atividade social” (p.19). Roberts, na esteira da antropóloga Evelyn Reed, assevera que na Idade da Pedra o clã era matriarcal, ou seja, materializa-se como a primeira organização social criado pelas mulheres. Nesses primeiros formatos de sociedades, as mulheres se destacaram ainda na economia, pois eram as responsáveis pela maior parte das colheitas. Nesse contexto, quando descobriram as plantas comestíveis, contribuíram para a invenção das primeiras ferramentas e especialmente a utilização de plantas e ervas para a cura do corpo e da alma. Essas afirmações podem causar estranhamento, mas, de acordo com Roberts (1998), podem ser, por meio de pesquisas, comprovadas, uma vez que:

Evidências da arte da Idade da Pedra confirmam esta posição central das mulheres. Desde as culturas *gravettianas* e *aurignacianas* do período Paleolítico ou da Pedra Lascada (cerca de 25.000 a.C, em diante), quase todas as esculturas e estátuas que sobrevivem em locais que se estendem por toda a Europa, desde a Espanha até a Rússia, são de mulheres; e em algumas culturas – os *auragnacianos* das estepes do Leste Europeu, por exemplo – os homens não são de modo algum representados. Segundo Monica Sjöö e Barbara Mor, as duas escritoras que provavelmente foram mais longe rumo à reconstrução da religião pré-histórica, estas estatuetas e pinturas de mulheres descrevem figuras sagradas; e as mulheres sagradas da arte da Idade da Pedra representavam bem mais do que as unidimensionais “figuras da fertilidade” adoradas pelos homens pré-históricos. Sjöö e Mor mostram que o poder da Deusa da

Idade da Pedra foi bem além da noção simplista da fertilidade: como a atividade criadora das mulheres reais, mas a partir disso se expandindo para simbolizar um princípio ontológico abrangente, ela abraçava tudo e, desse modo, expressava o poder original que animava o universo e toda a natureza. Em seus três aspectos de virgem, mulher e anciã, baseada nas três faces da lua observada pelas mulheres da Idade da Pedra, a Grande Deusa era criadora, preservadora e destruidora de toda a vida (ROBERTS, 1998, p. 20).

Diante do panorama exposto, era natural que as mulheres passassem a serem vistas como a encarnação terrena de deusas; cabendo a essas personagens a função de estabelecer o vínculo entre a comunidade e sua divindade; passando, então, a desempenhar a função de sacerdotisas, por meio de diversos rituais sagrados, entre eles, a prostituição sagrada que se tornou parte integral dos serviços religiosos nas primeiras civilizações do mundo. Nessa verve, Nancy Qualls-Corbet nos oferece uma descrição imaginária da figura dessa sacerdotisa:

Ela é mistério coberta de véus. Conseguimos vê-la apenas indistintamente. Apesar da luz bruxuleante, discernimos sua silhueta feminina bem delineada. A brisa levanta seus véus deixando transparecer suas longas madeixas negras. Braceletes de prata enfeitam seus braços e calcanhares; meias-luas em miniaturas pendem de suas orelhas e contas de lápis-lázuli circundam seu pescoço. Seu perfume com aroma de almíscar cria uma aura que estimula e enriquece o desejo físico (QUALLS-CORBETT, 2005, p. 27).

Essa prostituta fora devidamente ensinada, vestida e preparada para o desempenho do ofício no templo. Ali, então, ela dançava ao som de diversos instrumentos da época: flautas, pandeiros e címbalos; todos os seus movimentos tinham o objetivo de trazer a paixão ao seu corpo e encantar o estranho, o homem que veio ao templo para venerar a deusa do amor. Como uma sacerdotisa xamânica, ela o seduz, o alimenta e entoia cantos suaves em orações de agradecimento à deusa. É quando estão finalmente prontos para o ato sexual:

A mulher e o estranho sabem que a consumação do ato de amor é consagrada pela deusa através da qual eles se renovam. O ritual em si, devido à presença do divino, é transformador. A prostituta sagrada agora não é mais virgem. Foi iniciada na plenitude da feminilidade, da beleza de seu corpo e de sua sexualidade (QUALLS-CORBETT, 2005, p. 29).

A venerada deusa do amor, da paixão e da fertilidade era conhecida por vários nomes, dependendo da época e da geografia. Na Suméria era chamada *Inana* (*Innana*), na Babilônia era *Istar* (*Ishtar*), no Egito, *Ísis*, na Líbia era Cibele, em Roma, a venerada Vênus e na Grécia era Afrodite, talvez aquela que até hoje mais seja associada ao amor, a beleza e à paixão. Qualquer que fosse seu nome ou onde era venerada, a deusa do amor esteve sempre relacionada com a primavera e com a lua, pois acreditava-se que esta era a que trazia à terra vida e abundância. A deusa do amor tinha a prostituta como sua sacerdotisa, que se oferecia a um

estranho num ritual transformador em que se vivia a plenitude da natureza feminina como símbolo de fertilidade e vida. Essa sacerdotisa era a sagrada representante do amor divino e o sexo era um caminho religioso ao ligar o humano ao sagrado. O ato sexual era, então, um ritual de *hieros gamos* ou casamento divino. Abaixo, as representações imagéticas das deusas citadas:

Figura 1 – Inana

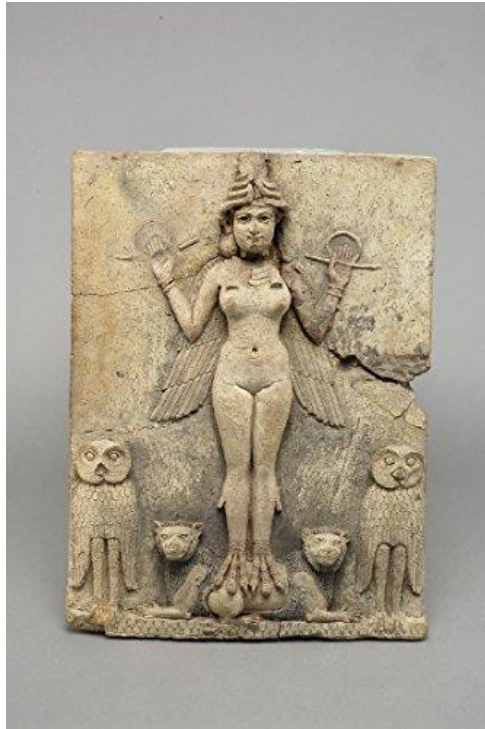


Figura 2 - Istar



Figura 3 - Isis



Figura 4 - Afrodite



Outra parte desse ofício era desempenhada nos festejos do Ano Novo, uma festa que tinha a duração de vários dias, durante o solstício de verão, quando a terra e a vegetação estavam

ressequidas e queimadas pelo sol escaldante do verão. Durante a celebração, com muita música, cerveja e vinho, sacrifícios eram feitos no templo, em agradecimento à deusa. As primícias das colheitas, do gado, e até a primeira criança, eram oferecidos a ela. Todos estavam cômicos da conexão entre sangue e fertilidade. E o ápice dessa festa era o casamento sagrado, pois:

Tal ritual consiste na tradicional reconstituição do casamento da deusa do amor e da fertilidade com seu amante, o jovem e viril deus da vegetação. A prostituta sagrada escolhida. Uma devota considerada como a personificação da deusa. Une-se ao monarca regente, identificado com o deus. Essa união garante a produtividade da terra e a frutificação do útero, tanto da espécie humana quanto animal. É o “acerto de destinos” (QUALLS CORBETT, 2005, p.31).

A sacralidade da prostituição não resistirá à mudança do papel da mulher nas comunidades, com o deslocamento do poder feminino do matriarcado para o patriarcado. A mulher, vista agora com desconfiança e suspeita, não mais poderia desempenhar tal função sob uma aura de santidade e, como visto a seguir, se não obteve êxito a tentativa de extinguir a prostituição, pôde-se pelo menos, alterar o seu *status*.

1.3 A Sacerdotisa - Sexo em reverência à deusa

A partir das contribuições de Roberts (1992) e Qualls-Corbett (2005) é possível afirmar que a prostituta sagrada tem sua existência atestada por diversas inscrições em tabuinhas de barro, relíquias desenterradas em escavações de templos. Também por meio de leis registradas e de documentos antigos, sabe-se da existência de mulheres que tinham participação nos ritos sagrados. Especificamente na Suméria, a deusa do amor era venerada como a deusa da lua e foi lá que *Enheduana*, uma sacerdotisa da deusa da lua e também a primeira escritora da história, escreveu poesias, até hoje preservadas, uma vez que

Sua poesia assemelha-se a diário pessoal, repleto de adoração à deusa da lua. De sublevações políticas. De sua expulsão do templo e de seu retorno a ele. Escreve com sensualidade e intimidade sobre a deusa do amor, *Inana*” (QUALLS-CORBETT, 2005, p. 33).

Esses escritos de *Enheduana* trazem compreensão sobre o universo da prostituta sagrada, especialmente o seu significado nos ritos religiosos em que era ela a figura mais relevante e decisiva, deixando patente que sua natureza sexual era um aspecto integral da sua natureza espiritual, uma visão paradoxal para a contemporaneidade. *Inana*, como era denominada a deusa suméria do amor e da fertilidade e a ela eram trazidas ofertas, pois

personificava a bênção da vida, a fecundidade da terra e a representação da fertilidade e do amor. Em uma cultura baseada num sistema matriarcal, cuja natureza e fertilidade consistiam no âmago da existência, a paixão erótica estava intrinsecamente associada à natureza humana do indivíduo, pois:

Desejo e resposta sexual, vivenciados como poder regenerativo, eram reconhecidos como dádiva ou bênção do divino. A natureza sexual do homem e da mulher e sua atitude religiosa eram inseparáveis. Em seus louvores de agradecimento ou em suas súplicas, eles ofereciam o ato sexual à deusa, reverenciada pelo amor e pela paixão. Tratava-se de ato honroso e respeitoso, que agradava tanto ao divino quanto ao mortal. A prática da prostituição sagrada surgiu dentro desse sistema religioso matriarcal e, por conseguinte, não fez separação entre sexualidade e espiritualidade (QUALLS-CORBETT, 2005, p. 38).

Há, ainda, outras hipóteses para o surgimento e institucionalização da chamada “prostituição sagrada”, tanto a partir de simples necessidades como de ritos civis. A primeira está ligada ao costume das mulheres comuns que desempenhavam funções também comuns nos templos, mas que com o passar do tempo foram associadas a aspectos sagrados; fato que lhes conferiu maiores poderes religiosos, como interpretar as vontades divinas. Na segunda hipótese, em tribos primitivas, como num ritual de iniciação, a jovem era oferecida a alguém que não seu marido, para uma cerimônia de desvirginamento. Diversos escritores oferecem uma versão das origens da prostituição sagrada como uma evolução do culto à Grande Mãe, que considerava a entrega do corpo de uma mulher a um homem uma imitação da união da deusa e seu consorte, o que garantia fertilidade à terra. Voltando a abordar sobre *Inana*, cujas histórias foram encontradas em tabuinhas de barro com inscrições cuneiformes na Suméria, é de idade do panteão sumério. De acordo com a tradição, foi quem presenteou a humanidade com a civilização e a cultura; mas, sobretudo, a arte da materialização do amor:

O fiel pastor, aquele do cântico doce,
Entoará um cântico ressonante para ti,
Nobre Rainha, tu que adoças todas as coisas,
Inana, isso trará júbilo ao teu coração.

Nobre Rainha, quando entras na estrebaria,
Inana, a estrebaria rejubila contigo,
Hieródula, quando entras no aprisco,
A estrebaria rejubila-se contigo...
(QUALLS-CORBETT, 2005, p. 40).

Essa mesma deusa recebeu outros nomes em outras regiões, como na Babilônia, onde era denominada *Istar* ou *Ishtar*:

Sua atividade sexual era enfatizada em descrições dela como “a doce e sonora dama dos deuses”, apesar de ser conhecida também por sua cruel e implacável volubilidade em relação aos seus amantes. Uma vez que era ela quem trazia o amor e a felicidade sexual, ela também detinha o poder de retirá-lo. Sem essa deusa sedutora de seios fartos, nada que dissesse respeito ao ciclo da vida poderia consumir-se. Quando *Istar* faz sua descida ao Mundo dos Mortos, nenhuma paixão é sentida na terra: a esterilidade espalha-se sobre a terra, situação semelhante àquela que a sacerdotisa da lua, *Enheduan*, descreveu (QUALLS-CORBETT, 2005, p. 41).

Inúmeros relatos da antiguidade conduzem-nos a uma imagem da prostituta sagrada que, como uma deusa encarnada, é aquela que tem como tarefa a felicidade sexual da humanidade. Ela é ainda a que transforma os rudes instintos animais em amor, suavizando o comportamento humano. Vale destacar que em primitivas civilizações, as prostitutas sagradas tornavam-se

[...] frequentemente conhecidas por Amáveis ou Graças, uma vez que se referem à combinação única de beleza e bondade chamada *charis* (latim *caritas*), mais tarde traduzido por “caridade”. Na verdade, era como a *karuna* hindu, combinação de amor-de-mãe ternura, conforto, percepção mística e sexo (QUALLS-CORBETT, 2005, p. 43).

Na Babilônia, a iniciação à feminilidade aplicada às virgens era realizada por meio do sacrifício de sua virgindade, o qual ocorria no templo. O estranho, que nesse ritual era visto como um enviado dos deuses, fazia a escolha atirando-lhe ao colo algumas moedas, o que não era considerado um pagamento pelo ato, mas uma oferta à deusa. Tanto o dinheiro, como o ato eram oferecidos à deusa e, conseqüentemente, santificados. Heródoto, famoso historiador grego do século III a.C. também acrescenta dados para uma maior compreensão da prostituta sagrada:

O costume babilônico compele toda mulher daquela terra, uma vez na vida, a sentar-se no templo do amor e ter relações sexuais com algum estranho; os homens passam e fazem a sua escolha. Não importa a quantia em dinheiro; a mulher nunca recusará, pois isto seria pecado, o dinheiro intermediando esse ato tornado sagrado. Depois do intercurso sexual, ela se tornará santa aos olhos da deusa, e ia embora para casa; daí para frente, não há suborno, por maior que seja, que a faça voltar. Assim, pois as mulheres altas e belas ficam logo livres para partir, enquanto as feias têm que esperar muito tempo, por não preencherem os requisitos da lei; algumas chegam a esperar por três ou quatro anos. Há um costume parecido com esse em algumas partes do Chipre (QUALLS-CORBETT, 2005, p.43).

No Egito, na Grécia e em Roma, onde havia a adoração à deusa, praticavam-se rituais semelhantes, os quais eram sempre sinais de alta honraria para as mulheres participantes, nunca de desonra, com exceção para aquelas mulheres tomadas como saque em uma guerra, eram enviadas, então, ao templo, para servirem ao rei, visto como suplente de um deus. Fosse a razão de estarem no templo, se por determinação da lei, por dedicação ou escravidão, se de linhagem comum ou real, apenas por uma noite ou para toda a vida, sabe-se que eram muitas as prostitutas sagradas. Conforme Qualls-Corbett (2005, p. 46), “[...] de acordo com Estrabão, nos templos

de Afrodite em Érix e Corinto havia mais de mil, enquanto que em cada um dos dois *Comananas* residiam por volta de seis mil”. Sabe-se, ainda, que estas mulheres tinham posição de respeito na sociedade local, eram cultas e, às vezes, tinham direitos de igualdade com os homens:

No código de Hamurabi, uma legislação especial salvaguardava os direitos e o bom nome da prostituta sagrada; era protegida contra difamações, assim como seus filhos, através da mesma lei que preservava a reputação da mulher casada. Também por lei a prostituta sagrada podia herdar propriedades de seu pai e receber renda da terra trabalhada por seus irmãos. Se insatisfeita, ela podia dispor da propriedade da maneira que julgasse conveniente (QUALLS-CORBETT, 2005, p. 47).

A sacerdotisa, a deusa da lua, aquela que era o caminho para se chegar a deusa do amor e da fertilidade, através de rituais sagrados, ocupava um lugar de destaque naquelas sociedades antigas, porém as mudanças políticas e religiosas ocorridas nessas comunidades lhes tiraram os privilégios e seus espaços de atuação, o templo do amor daria agora lugar ao bordel.

1.4 A prostituição e suas hierarquias

Na medida em que houve a transição do matriarcado para o patriarcado, mudanças foram percebidas em todas as áreas sociais, cronologicamente. A agricultura e a religião, que eram os principais núcleos da vida cotidiana, deram lugar ao comércio, à guerra e à expansão, surgindo, assim, novas estruturas, conforme Roberts (1998, p.26):

- *Entus* – As de classe mais elevada, que gozavam dos mesmos direitos dos sacerdotes masculinos, eram elas quem realizavam o ritual do casamento sagrado de reis e sacerdotes;
- *Naditus* – Proibidas de casar ou ter filhos, mas se o faziam, não eram punidas. Eram ainda comerciantes;
- *Qadishtu* – Mulheres sagradas;
- *Ishtaritu* – Suas vidas eram totalmente dedicadas para servir *Ishtar*;
- *Harimtu* – Provavelmente estrangeiras, reféns de guerras, estavam sujeitas aos dirigentes do templo.

Nesse segmento, cabe mencionar que houve, no Egito, situação semelhante, uma vez que:

[...] as sacerdotisas do templo foram rebaixadas de seus antigos papéis de elevada posição para aqueles de dançarinas e instrumentistas. À medida que os governantes e sacerdotes homens consolidaram seu poder, muitas mulheres do templo foram despejadas dos templos e formaram troupes de cantoras-dançarinas-prostitutas profissionais, viajando pelos circuitos dos festivais religiosos e sociais para proporcionar o entretenimento e o sexo ritual que sempre fizeram parte da celebração.

Até hoje ainda existe na região do Alto Nilo do Egito uma tribo nômade de mulheres que combina as antigas habilidades tradicionais com as de artista-prostituta: conhecidas como as *Ghawazee*. São vistas pelos egípcios como as maiores expoentes do mundo em dança árabe. Estas mulheres talvez sejam descendentes diretas das sacerdotisas originais que foram expulsas do antigo Egito (ROBERTS, 1998, p. 27).

O patriarcado impôs novos valores e novas regras. Sua existência tinha como traço particular o de não se repetir no tempo, a exploração, a transposição de fronteiras e a remodelação da vida. Com efeito, as “[...] grandes festas não eram mais em honra à Grande Deusa. Importância muito maior era, pois, dada ao arriscar a vida do que produzir a vida” (QUALLS-CORBET, p. 52, 2005). A prostitua sagrada, outrora objeto de veneração, não encontrava mais espaço nesse ambiente, até porque tida como uma figura sagrada, na terra, ela não possuía poder algum. Seu espaço de ação se encontrava além do reino humano; portanto, o homem não a via como uma companheira para as suas façanhas. Quando o homem percebe a capacidade, bem como a relevância da prostituta no processo da procriação, ele não mais valoriza os rituais de fecundação ou fertilidade:

Ele passou a acreditar que apenas o homem gerava a nova vida, e que a mãe apenas a nutria em seu corpo; a nova vida era, portanto, apenas da linhagem dele. A autoridade e os direitos do pai eram absolutos e inpartilháveis. Dessa maneira, a descendência parilinear substituiu a matrilinear, e o homem começou a elaborar as leis de acordo as suas novas crenças (QUALLS-CORBETT, 2005, p. 53).

Como anteriormente mencionado, a estratificação social foi uma consequência direta do advento da política, do militarismo e do comércio. Surgiu também, posteriormente, uma nova religião, agora representada por um ser masculino, um Deus Supremo. Os chamados “Templos do Amor” foram substituídos pela “Casa do Senhor”, cujos ritos religiosos não utilizavam mais os serviços femininos; aliás, nesse recinto santo, a presença feminina nem era mais permitida. Em decorrência da mudança nos valores culturais e da institucionalização do monoteísmo, o indivíduo vinha à Casa do Senhor não mais para obtenção de prazer e deleite, mas, sobretudo, para preparar-se para a morte. Nessa nova religião, reconfigurou-se o papel da mulher, fosse uma virgem, uma prostituta ou esposa:

Sob a nova tradição, a mulher tornou-se Eva, a encarnação da sedução sensual, a razão da ruína do homem: ela fora tentada por forças demoníacas e, por sua vez, tentou o homem. Sua simples existência era advertência para os desejos físicos, aos quais era necessário resistir mediante o medo da punição eterna. A prostituição profana continuava a florescer, e a natureza sexual da mulher era associada a ele ou por ela julgada. Tendo deixado de ser vista como dádiva do divino, a sensualidade da mulher passou a ser rebaixada e explorada. As mesmas qualidades pelas quais a mulher fora outrora considerada sagrada, agora viera, a ser a razão pela qual era degradada (QUALLS-CORBETT, 2005, p. 55).

Quando deixou de se venerar a deusa, a imagem da prostituta sagrada sofreu uma grande alteração, especialmente quando seus atributos físicos e espirituais, antes objeto de boa fama, foram então demonizados e os vestígios da deusa, destruídos. Na nova religião, a união espiritual do ser humano com Deus dava-se fora do corpo, apenas no espírito. Com isso, o amor foi dissociado do corpo e era considerado como extrema virtude negar a natureza humana e abster-se de toda e qualquer fonte de prazer. Com a finalidade de não se comprometer a segurança de uma religião masculina e monoteísta, qualquer associação com a deusa era severamente reprimida e punida pela Igreja:

A Trindade era a do patriarcado; Maria pode ser cultuada mas não adorada, para evitar que ela se torne canal pelo qual a veneração da deusa seja restabelecida. Epifânio ordenou: “Deixe que o Pai, o Filho e o Espírito Santo sejam adorados, mas não deixe que ninguém adore Maria”. Deixou de haver uma imagem do feminino divino. O feminino deixou de ser visto como fonte de prazer físico e êxtase espiritual (QUALLS-CORBETT, 2005, p. 55).

A nova crença alterou totalmente as leis relacionadas à mulher, especialmente no que concerne às atividades econômicas e sexuais. Nesse novo momento histórico, as mulheres não eram mais respeitadas como indivíduos em pleno gozo dos seus direitos, livres para herdar propriedades e transmiti-las a seus filhos. Elas eram apenas posse, primeiro de seus pais, depois, de seus maridos. Importa destacar que, de acordo com o quinto livro da Torá, a primeira seção da Bíblia hebraica e parte do Antigo Testamento da Bíblia cristã, o livro de Deuteronômio no capítulo 22, versículo 20, na esteira da lei hebraica, a mulher era condenada à morte caso não fosse casta na época de se casar, e se cometesse adultério era apedrejada até à morte.

Os novos tempos trazidos pelo patriarcado também exigiam que se estabelecesse uma distinção entre esposas e prostitutas e na antiga Suméria, por volta de 2000 a.C., há indícios legais dessa segregação:

O código de *Lipit-Ishtar* estabelecia que: se a esposa de um homem não tiver lhe dado filhos, mas uma prostitua de rua tiver lhe dado filhos, ele deve prover a essa prostituta seu vinho, azeite e roupas, e os filhos que a prostitua gerou serão seus herdeiros; mas enquanto a esposa viver, a prostituta não deverá morar na casa junto com a esposa (ROBERTS, 1998, p. 27).

A incipiente Igreja, por motivos já citados, não atestava nem os atributos da deusa nem a natureza sexual da mulher ou do homem; ao contrário, trazia em seu cerne a orientação da separação entre corpo e espiritualidade. Em regiões onde o catolicismo era predominante, vestígios da deusa foram mantidos sob o manto virginal de Maria, porém nas regiões protestantes nem mesmo a figura de Maria aparece. O culto à Virgem Maria, nas searas de

cunho católico, favoreceu o reaparecimento da veneração à deusa, permitindo, assim, uma revalorização da natureza feminina, ainda que sob o alto custo de ser agora santa.

O amor tornou-se tão etéreo que nenhuma suspeita de sensualidade podia ser associada a ele. Novamente, o reconhecimento do corpo e da natureza, aquilo que fora outrora associado à prostitua sagrada desapareceu, e o racionalismo se consolidou. Ao longo da época do Renascimento e da Reforma, a repressão da natureza feminina tornou-se mais severa. Os atributos positivos da deusa foram espiritualizados e harmonizados aos da santa Virgem. Grandes catedrais foram erguidas em nome dela. Tais atitudes eram compensadas por atitudes negativas em relação à mulher mundana, a qual era encarada como destrutiva, portadora de pacto com o demônio ou declarada bruxa (QUALLS-CORBETT, 2005, p. 61).

A seguir trataremos, basicamente, de dois tipos de prostituta, não mais a santa e a profana, mas aquela que, analfabeta, sem direitos civis e religiosos e afastada da comunidade, exerce seu ofício em locais degradantes, e a cortesã, culta, ciente e cumpridora de seus direitos e deveres, pagadora de taxas e impostos, atende seus clientes ricos em casas luxuosas. Essa relação hierárquica, portanto, restringir-se-á a estes dois níveis: a prostituta e a cortesã.

1.5 A prostituição profana

Quando comparadas às prostitutas sagradas, percebemos que as profanas tinham uma vida mais difícil. Em vez de templos, elas habitavam as tavernas e os bordéis. Tal afirmação se baseia em escavações realizadas na cidade de Pompéia, a qual pertencia ao Império Romano e que fica situada a 22 km da cidade de italiana de Nápoles, na Itália. Sabe-se, por meio de registros históricos, que a antiga cidade foi destruída durante uma grande erupção do vulcão Vesúvio no ano 79 d.C, que provocou uma intensa chuva de cinzas encobrendo completamente a cidade. De acordo com Qualls-Corbett (2005), após inúmeras pesquisas, arqueologistas encontraram alguns locais com o símbolo fálico acima da entrada principal da antiga Pompéia e com pinturas sensuais nas paredes; acredita-se, portanto, que esses eram os lugares nos quais os homens buscavam diversão e entretenimento sexual. A partir de diversos registros, contabilizou-se o número de trinta e duas mil prostitutas durante o reinado de Trajano e elas enfrentavam sempre o risco de prisão e expulsão da cidade:

A prostituta profana não era autorizada a andar em algum tipo de veículo e, por lei, prescrevia-se que suas vestes a distinguissem das outras mulheres. Em Roma ela usava toga, como os homens, enquanto na Grécia suas roupas eram de um material floreado. Não lhe era permitido usar as ricas vestimentas purpúreas, roupas finas, sapatos ou joias, que eram a marca da mulher de reputação. Na Grécia, seus cabelos costumavam ser pintados de amarelo ou vermelho, e até de azul. A prostituta profana não era

permitido misturar-se com a sociedade e, frequentemente ela não podia andar pelas ruas durante o dia, ela era proibida de entrar nos templos e de participar de qualquer cerimônia religiosa (QUALLS-CORBETT, 2005, p. 48).

Basserman (1968) afirma que em Atenas, na Grécia Antiga, a prostituição teve o maior destaque em sua história e credita a *Sólon*, filósofo e legislador que governou Atenas na virada do Século VI a.C., quem teria prescrito a prostituição como uma espécie de “antídoto” para a homossexualidade e teria, então, fundado o primeiro bordel. Desde então a presença da prostituta seria registrada em todos os lugares e em todas as épocas.

Desde os mais remotos tempos até a Guerra da Secessão americana, a escrava foi a concubina do chefe da casa e, frequentemente a primeira amante de seus filhos. Príncipes egípcios viveram o primeiro amor da mesma forma que, quatro mil anos mais tarde, os filhos de fazendeiros do Alabama, do Mississippi ou da Geórgia. Da obscura vida de prostitutas, no entanto, passavam a escravas domésticas, adquirindo, em sua maioria, a proteção dos costumes e até da lei, como sucedeu na época do Império Romano. Por isso, as pensionistas dos bordéis atenienses eram em geral estrangeiras ou moças de origem desconhecida, transformando-se rapidamente em negócio prover a guarnição desses institutos de forma sistemática e previdente (BASSERMAN, 1968, p.14).

Para Roberts (1998), coube também a *Sólon* a organização da sociedade grega, criando um programa de leis que regulamentava o lugar das mulheres, em que as idôneas esposas, representantes da primeira categoria, gastariam a maior parte dos seus dias limitadas ao ambiente doméstico, onde a vida era bastante austera. A intelectualidade lhes era proibida, pois era permitida somente às prostitutas que, não tendo a proteção financeira dos maridos, vendiam seus corpos para sobreviver. Diante desse cenário social, a prostituição secular (ou profana) começou a prosperar como nunca. O Estado, ciente de que era uma atividade lucrativa, assume a organização do negócio, construindo inúmeros bordéis oficiais. Desde então todo o dinheiro obtido nos bordéis era rigorosamente controlado e taxado com altos impostos, o que tornou a prostituição um negócio viável e valioso perante os olhos do Estado, o qual ainda ditava regras de costume às prostitutas como sair apenas à noite, esgueirando-se ao longo dos cais e com indumentária e apetrechos que facilmente as identificassem. Com efeito, as mulheres desses bordéis, as chamadas *deikteriades*, não devem ser chamadas de prostitutas, uma vez que:

No interesse da precisão, descrever as operárias do bordel como prostitutas é inadequado: elas eram escravas do sexo. Em certo sentido, representavam o outro lado da moeda do casamento, pois ambos os grupos de mulheres eram inteiramente sujeitas aos papéis e às condições que *Sólon* havia estabelecido para elas. As esposas tinham um dono, seus maridos, enquanto as *deikteriades* eram, nas palavras dos Ateneus, públicas e disponíveis para todos (ROBERTS, 1998, p. 36).

A despeito de todo o esforço do Estado para regularizar e controlar todas as formas de prostituição, surgiram as mulheres que trabalhavam independentemente, as *hetairae*, as companheiras dos homens, reconhecidas tanto pelo seu intelecto quanto pela sua beleza e habilidades no campo da sexualidade. De acordo com Roberts (1998), eram elas as únicas mulheres da sociedade ateniense que podiam administrar seus próprios negócios e andar pelas ruas em qualquer lugar, a qualquer hora, ainda que sob o constante ataque dos legisladores da época. Podiam assistir espetáculos, cerimônias e discursos, podiam ainda dirigir a palavra a quem quisessem, quando lhes aprouvesse, para compartilhar as atividades intelectuais da Grécia. Essas características da *hetairae* estão presentes em Matilde, como poderá ser percebido doravante.

No que tange à análise da personagem Matilde, o que será feito na terceira seção deste trabalho, importante observar que essa personagem carrega em si traços de uma *heitare*, uma vez que essa tinha a fama de, segundo Roberts (1998), ser excelente mulher de negócio e até mesmo ávida, implacável e gananciosa. Essas prostitutas, que se tornavam independentes, ricas e poderosas, eram verdadeiras cortesãs e várias foram registradas nos documentos oficiais e literários da época, como Mania, Rodopis, Taís, que foi amante do imperador Alexandre. Outro nome de relevância é de Lais, a Velha, que era procurada por filósofos e sua filha Laís, a Jovem. Aspásia, a quem já nos referimos anteriormente, foi uma *hetaira* que desobedeceu às leis impostas por Sólon e foi talvez a prostituta mais famosa de Atenas. Era amante de Péricles, o governador, e gozava da reputação de ser altamente instruída e uma filósofa brilhante. Segundo Roberts (1998), Sócrates frequentemente levava seus amigos e alunos para ouvir as conferências de Aspásia. Esta, quando viúva, escreveu e declamou uma oração fúnebre que, desde então, se tornou famosa por sua erudição. Como sempre foi vítima do ódio das mulheres respeitáveis de Atenas, acabou por se ver diante de um tribunal, acusada de irreverência e de dirigir um bordel, porém foi absolvida. As acusações que eram dirigidas à Aspásia são semelhantes às dirigidas contra Matilde, ironicamente também proferidas pelas “respeitáveis mulheres” da cidade de Asa Branca, cidade onde Matilde planejava construir sua boate, cujos aspectos são condizentes com a estrutura de um bordel, espaço de atuação de uma cortesã. O bordel como espaço de atuação será devidamente analisado na terceira seção. Quanto à acusação de dirigir um bordel:

[...] ela não dirigia um bordel de trabalho, mas um *gynaceum*, uma escola em que as aspirantes a *heitairae* eram educadas e aprendiam seus negócios. Assim como o aperfeiçoamento da arte de fazer amor, as jovens e meninas que moravam no *gynaceum* de Aspásia estudavam as artes e as ciências da literatura, da filosofia e da retórica” (ROBERTS, 1998, p.45).

Após a morte de *Sólon*, foram abrandadas as leis atenienses que regulamentavam a prostituição e os seguintes governos admitiram a importância financeira das prostitutas para o Estado e, por conta disso, concedeu-lhes a liberdade de andar pela cidade livremente.

1.6 Em cena, o circo sexual romano

Em Roma, a sexualidade e a prostituição eram fatos aceitos da vida: claramente demonstradas, exploradas, discutidas e homenageadas; o Estado não tardou em tirar proveito disso. Os romanos tinham atitudes semelhantes aos gregos em relação à prostituição, que era considerada uma profissão natural, aceita, sem imputar vergonha ou desonra a essas mulheres trabalhadoras e, embora não possuíssem nem operassem bordéis estatais, introduziram na Europa o primeiro sistema de registro estatal das prostitutas da classe baixa, dividindo-as em duas categorias: as *meretrices*, que trabalhavam sob registro e as *prostibulae*, sem registro. Das prostitutas de classe alta a lei não exigia o registro, assim como as atrizes, dançarinas e instrumentistas, que também vendiam serviços sexuais. As prostitutas de classe baixa dividiam-se em grupos:

As *dorides*, exibiam-se nuas nas soleiras de suas casas; as *lupae* (lobas) atraíam os clientes com suas imitações agudas de uivos de lobos; enquanto as *aelicariae*, ou garotas do confeitiro, vendiam pequenos bolos feitos na forma de genitálias masculinas [...] as *bustuariae*. Estas moças suplicavam para ser contratadas nos cemitérios da cidade, usavam as tumbas como leitos e alternavam a profissão de prostituta com aquela de carpideira de funeral. A *scorta errática* eram as prostitutas de rua; as *blitidae* ofereciam-se nas tavernas, extraindo seu nome do vinho barato, *blitum*, que era vendido nesses locais; as *copae* eram as garçonetes que também trabalhavam como prostitutas. As *gallinae* (galinhas) associavam a prostituição com o furto, enquanto as *forariae* eram moças do campo que pegavam clientes nas estradas rurais, fora da cidade. Finalmente, no fim da hierarquia das prostitutas de classe baixa de Roma estavam as *diobolares* que cobravam apenas dois *obols* por seus serviços, e as *quadrantariae*, que eram as mais inferiores de todas, cobrando tão pouco que o seu preço não é quantificável na moeda moderna (ROBERTS, 1995, p.63).

Para as prostitutas de classe baixa existiam leis que ditavam o que deveriam vestir ou calçar e ainda leis que as proibiam de andar em liteiras. Elas desprezavam todas essas leis, vestiam e calçavam o que queriam, dando preferência a roupas espalhafatosas, transparentes e exóticas, tingindo seus cabelos de vermelho e pintando seus rostos. As prostitutas estavam em todos os cantos da cidade e a qualquer hora do dia ou da noite, desde os bordéis devidamente registrados na rua aberta ou em simples quartos em pátios escuros.

O topo da hierarquia das prostitutas era ocupado pelas aclamadas *delicatae* e *famosae*, cortesãs que eram o equivalente das *hetairae* gregas. Na esteira do pensamento crítico de

Roberts (1998), as *delicatae* e *famosae* viviam de forma independente e tinham como clientes apenas homens ricos. Orgulhavam-se de sua educação, inteligência, beleza e independência, reconhecendo-se como as verdadeiras mulheres livres de Roma, especialmente devido a sua autonomia financeira e sexual. Tal condição as tornava alvo do ódio e do ressentimento das esposas romanas, assim como o foram as *heitarae* na Grécia e assim como o é a personagem Matilde, configurada pelo dramaturgo Dias Gomes em *O berço do herói*. Matilde poderia, ainda, por uma tradição de situar a mulher em determinadas faixas etárias, corresponder a uma pertencente do grupo das *lupae* (lobas), que segundo Durigan (2001), é “empregado como sinônimo de “meretriz velha” de onde, possivelmente, a expressão “idade da loba”. De acordo com a autora, a essas “lobas” reconhecem-se, através da metáfora zoomórfica “idade da loba”, a ousadia e a capacidade de enfrentar os preconceitos, ferramentas necessárias a Matilde em sua empreitada.

A prostituição, em todos os níveis, estava profundamente ligada à economia romana, uma vez que era “[...] sem nenhuma vergonha ou estigma associado aos compradores ou aos vendedores dos serviços sexuais, desde o divino imperador ao mais reles escravo, [...] era simplesmente mais uma atividade da sociedade” (ROBERTS, 1998, p. 77). Como ainda se respirava os ares da prostituição sagrada, pois Isis, embora importada do Egito, era uma das deusas mais populares do império romano, a noção de pecado era ainda ausente na sociedade romana. Fato que seria alterado após a ascensão do cristianismo, quando a prostituição passaria a ser vista como um mal e uma ameaça de corrupção para a sociedade.

Quando o imperador Constantino, no ano 337, institucionalizou o cristianismo como a religião oficial de todo o império, surgiu um novo grupo social, o clero, que tinha como principal tarefa a conversão da sociedade romana. Durante os séculos V e VI iniciou-se uma conversão em massa transformando toda a cultura existente na França, Espanha e Portugal, que tiveram suas línguas alteradas do antigo céltico, até as versões mais simplificadas do latim chegarem ao francês, ao espanhol e ao português. Vale destacar que as próprias prostitutas não foram extintas com a queda de Roma, mas sua tradição cultural foi. As artes do campo erótico, do amor, do prazer e do conhecimento desapareceram durante a Idade Média (Idade das Trevas). Assim, o cristianismo desconfiava sempre das mulheres e a partir de uma interpretação muito mais rigorosa dos costumes judaicos, criou as suas próprias repressões, que consistiam da idealização da castidade, da condenação dos atos sexuais e aversão pelo corpo, tido como fonte do mal.

Ainda que o ascetismo nunca tenha sido uma característica relevante nos ensinamentos estabelecidos pelo cristianismo, os seguidores e posteriores divulgadores da religião basearam-

se muito mais nas tradições antissexuais do antigo pensamento patriarcal. A exaltação ao celibato, assim como o desenvolvimento de atitudes desumanas em relação às mulheres em geral, bem como às prostitutas, em particular, tentava colocar a mulher num lugar de submissão. Segundo Roberts (1998), nos dias iniciais e pioneiros do cristianismo, a Igreja foi uma reunião ampla de congregações democráticas, em que as mulheres frequentemente ocupavam posições iguais às dos homens. Na esteira dos pressupostos estabelecidos pelo cristianismo, as mulheres podiam ensinar e administrar sacramentos. Até mesmo na vida pública as mulheres tinham participação ativa. Mulheres nobres administraram propriedades familiares durante anos, em uma época em que seus maridos estavam longe, ocupados com a guerra, e as mulheres comerciantes eram geralmente sócias de seus maridos, e as camponesas trabalhavam ainda em cervejeiras, ou eram padeiras, açougueiras, vendedoras de peixes ou prostitutas. Ocorre, todavia, que em pouco tempo, o cristianismo transformou-se em uma estrutura de poder hierárquica, em que pouco ou nada fora reservado para as mulheres, consideradas seres naturalmente inferiores, conforme interpretações encontradas no chamado Novo Testamento bíblico, especialmente de Paulo, o apóstolo.

Essa inferioridade feminina não é, contudo, uma inovação do cristianismo, uma vez que Aristóteles (1996) já afirmava em *Política* (Livro I, 1254): "O homem, por natureza, é superior; a mulher, inferior; o primeiro governa, o outro é governado. Este princípio se estende para toda a humanidade [...]". Reproduzido por várias instituições sociais, como a escola, a igreja e a família, esse discurso acaba por ser aceito como verdadeiro, impedindo a participação ativa das mulheres em diversos setores sociais, atentando contra a democratização da sociedade.

Depois, as prostitutas atraíram sobre si os ferozes ataques e diversas atitudes condenatórias da Igreja, como a excomunhão oficial enquanto praticasse sua profissão. E como resultado de um processo de assimilação, é possível encontrarmos muitas divindades pagãs reconstituídas como santas cristãs, entre elas algumas ex-deusas-prostitutas que, arrependidas, encontraram uma nova chance nas fileiras da santidade. Surgem aí as diversas lendas piedosas e uma das mais conhecidas é a de Santa Maria do Egito, que entrou em um bordel aos doze anos de idade e lá trabalhou até os dezessete quando um de seus clientes lhe entregou a mensagem de Jesus. Ela, então, peregrina até Jerusalém, onde retira-se como eremita no deserto, sobrevivendo por 47 anos com apenas 3 pães.

Ao final da Idade Média, em toda a Europa, assim como nos tempos de Roma e Atenas, as prostitutas estavam mais uma vez nas ruas ou trabalhavam em hospedarias e tavernas, ou mesmo em seus próprios quartos e casas. No século XII, quando a civilização e a cultura europeia renasciam, os homens das classes mais educadas começaram a rejeitar a prostituição,

encorajados por seus líderes espirituais que perpetuaram a tradição de ódio às mulheres. De acordo com Roberts (1998), o que se ouvia nos púlpitos era que o sexo jamais poderia existir sem pecado ou que a relação sexual conjugal deveria ser efetivada sem o desejo ardente da carne e com a finalidade da procriação. O modelo feminino era a Virgem e era um ideal impossível, a mãe assexuada. Contrapondo-se à prostituta sexualmente afirmativa e financeiramente independente, a Igreja passou a promover um ideal de mulher, elegendo como santas e modelos a serem seguidos aquelas que eram caridosas, castas e obedientes aos maridos.

As prostitutas conseguiram, sob cruéis condições e diante de leis cada vez mais severas, manter sua independência sexual e financeira, o que era uma ameaça constante ao patriarcado, à nova religião e à moral vigente. Para combater o negócio da prostituição seria necessário um sistema de moralidade repressiva ao sexo que fosse suficientemente negativo para transformar as prostitutas em párias sociais. Os escribas do Velho Testamento encarregaram-se disto, como aparece no livro de Provérbios, 7:11-12: “Ela é espalhafatosa e teimosa; seus pés não toleram a sua casa; agora ela está fora, está nas ruas, e fica à espera em cada esquina” (BÍBLIA, 2007, p.778). O cristianismo trazia sempre em suas bandeiras o lema da castidade.

Na regulamentação do sistema religioso dos hebreus não havia nenhum espaço para a adoração à deusa, muito menos para a prostituição, sagrada ou profana. Apagar todos os vestígios da deusa não foi uma tarefa fácil, assim como extirpar as atividades das prostitutas:

A prostituição, tanto religiosa quanto secular, floresceu na antiga Canaã; as prostitutas podiam ser vistas em quase toda parte andando pelas ruas da cidade, onde cantavam e tocavam harpa; sentadas nos cruzamentos das ruas; nas soleiras de suas casas chamando provocativamente os passantes, ou até desfilando pela cidade em seus trajes coloridos. As casas de prostituição eram uma característica permanente da vida da cidade, e elas atraíam muitos espectadores, e também clientes. E multiplicavam-se tão rapidamente que os profetas falavam delas andando por todas as colinas, e se prostituindo sob cada árvore, elas até invadiam o Templo e estabeleciam seus ritos medonhos em seus pátios (ROBERTS, 1998, p. 29).

As palavras “ritos medonhos” e “prostituição” estavam sempre presentes no vocabulário dos sacerdotes e profetas hebreus e eram sempre utilizadas para se referirem aos povos pagão e inimigos, aos negócios escusos e aos comportamentos julgados inadequados. A mulher não virgem e não casada não tinha lugar nessa comunidade, pois o clérigo hebreu só reconhecia duas classes de mulheres, as santas (sagradas) ou as putas (profanas), uma estratificação social que perduraria séculos.

Os profetas e sacerdotes hebreus escreveram com um desprezo explícito e desdenhoso sobre qualquer mulher que não fosse virgem nem casada. Eles insistiam que todas as mulheres deviam ser publicamente designadas como propriedade privada de algum

homem, pai ou marido. Desse modo, desenvolveram e instituíram o conceito de moralidade sexual para as mulheres (ROBERTS, 1998, p. 29).

Registre-se, aqui, que as prostitutas, propriamente ditas, perpetuavam sua veneração à deusa, e reafirmando o desejo de viver livremente assumiam a prostituição como carreira e profissão. Eram mulheres de personalidade e insubmissas, as que eram, veementemente, denunciadas pelos profetas do Antigo Testamento, cujo modelo “exemplar” era o das esposas submissas e domésticas. Ocorre, todavia, que o clero e as autoridades seculares não obtiveram êxito na batalha travada contra a prostituição, uma vez que na prática os europeus medievais eram considerados tolerantes e desinibidos quanto ao comportamento sexual, especialmente os reis, e mesmo os homens de Deus não conseguiam controlar o apetite sexual dos fiéis, nem tampouco os seus.

Em Roma, a Cidade Santa, a prostituição prosperou até mesmo dentro do Vaticano. As prostitutas trabalhavam livremente pelas ruas, onde muitas vezes eram vistas acompanhadas de religiosos, especialmente porque essa atividade garantia à Igreja medieval uma boa renda por meio da cobrança de aluguéis e impostos sobre as propriedades, e ainda sobre as atividades. Essa situação alastrou-se por toda a Europa, inclusive Paris e Londres, e só diminuiu no começo do século XV, devido à grande crise econômica do Feudalismo acrescida do advento da Peste Negra. Em decorrência desse *status quo*, a prostituição teve que resistir ao Estado e à Igreja, pois ambos queriam controlá-la e explorá-la. As prostitutas, como os outros trabalhadores da época, lutavam pelos seus direitos, o que resultou em diversos conflitos com as autoridades, de acordo com diversos registros históricos da época. Essas mulheres, além da pobreza geral, tinham como inimigas as novas leis que surgiram para restringi-las sem poder recorrer às autoridades do Estado.

A partir do século XII, o amor cortês passou a regular a sociedade europeia. Em nome de interesses político-econômicos, as uniões passaram a ser arranjadas, não se levando em conta os sentimentos mútuos entre os parceiros, o que contribuiu para ampliar a prática da prostituição, que passou a ser regulamentada e protegida pela lei. Em muitas cortes, as prostitutas alcançaram grande poder, tendo conhecimento de questões estratégicas. Com a Reforma religiosa no século XVI, o puritanismo passou a controlar os costumes e ditar a moral. A Igreja Católica lançou mão, então, de seu arsenal teológico para lidar com o problema de prostituição. Em consequência da ação conjunta das igrejas católicas e protestantes, a prostituição caiu na clandestinidade sem, contudo, ser eliminada: cortesãs continuariam a existir nas cortes europeias e colônias. A Revolução Industrial trouxe um elemento significativo à prostituição, pois as mulheres tiveram de enfrentar condições desiguais no trabalho em relações

aos homens. Prostituir-se em troca de favores, de melhores condições de vida, revelou-se uma opção.

Surge, então, no Século XVI, o protestantismo, cujo pretexto inicial era a necessidade premente de reformar a escandalosa corrupção da Igreja Católica, trazendo consigo uma nova moralidade sexual, ainda mais repressiva, sem tolerância para o sexo extraconjugal. O teólogo alemão Martinho Lutero era definitivamente contra a prostituição e afirmava que uma nação cristã poderia viver sem ela; posição reafirmada pelo teólogo francês João Calvino e mesmo pela Igreja Católica, no movimento de Reforma. Todas essas ações de repressão não detiveram a prostituição.

No final do século XVI, a enorme inflação e a continuação dos cercos e dos pesos garantiram que milhares de mulheres e moças continuassem a chegar aos bandos na capital em busca de trabalho. As ruas de Londres estavam cheias de prostitutas, especialmente na *Southwark*, em torno da área onde ficavam os bordéis, os jardins e os teatros recém-abertos (incluindo o *Globe* de Shakespeare). As prostitutas só eram excedidas em número por sua clientela, que constantemente vadiava pela área em busca de prazer. Pois agora havia uma quantidade considerável de ricos cavalheiros do campo que tinham vindo para a cidade no início da centralização do poder e da criação das burocracias governamentais; quando não estavam perambulando pela Corte, o jogo e a prostituição eram os principais interesses desses dignos cidadãos. A explosão na demanda dos serviços das prostitutas superou muito a oferta (ROBERTS, 1998, p. 151).

Na virada do século XVII, a prostituição era um comércio lucrativo, não para as mulheres, mas para os negociantes, proprietários dos quartos e dos bordéis. Divididos em classe alta e classe baixa, não sem sentir o impacto e a fúria dos puritanos, movimento criado justamente pelos que achavam que a Reforma não tinha sido dura o suficiente para extinguir a prostituição, os discursos da Reforma, da Contrarreforma e dos Puritanos somam-se e deixam para a posteridade uma profunda hostilidade com relação as prostitutas. Essa hostilidade será posteriormente retratada em obras literárias citadas nas segunda e terceira seções desta pesquisa.

Essa situação pouco sofreu alterações até o Século XIX quando a burguesia triunfou em todos os segmentos de uma sociedade: a economia, a política e a ideologia. A mulher santa e pura tem na sua família o seu espaço reservado, sendo sempre fiel ao seu amo e senhor. Entretanto, essa pureza e santidade eram obstáculos para a satisfação das necessidades sexuais do homem vitoriano:

Por isso, era preciso outra classe de mulheres para canalizar as exigências sexuais do homem para longe da família: mais uma vez, a prostituta passava a ocupar o centro do palco. Segundo Parent-Duchâtelet, as prostitutas são tão inevitáveis em uma grande

cidade quanto os esgotos, as fossas e os depósitos de lixo. A conduta das autoridades deve ser a mesma com relação a cada um deles (ROBERTS, 1998, p. 265).

Mais uma vez reduzindo a posição social das mulheres a figuras opostas, como a pura Madona ou a prostituta Madalena, os registros escritos do século XIX sobre a prostituição eram abundantes, embora sempre de autoria masculina. Eram sempre textos em que, na maioria, tentavam explicar o que levava as mulheres à prostituição, uma vez que os motivos religiosos não mais existiam. As respostas estavam sempre ligadas às circunstâncias econômicas, como o desemprego, os salários baixos e a pobreza.

Seguindo a linha dos estudos de Roberts (1998), acrescenta-se que também havia argumentos morais que falavam em tendência natural, desejo natural, preferência pelo ócio e até mesmo hereditariedade. Como não poderia deixar de acontecer, tais estereótipos e preconceitos imediatamente acharam seu lugar na ficção da época. Como a segunda seção tratará justamente da representação da prostituta na Literatura Brasileira, antecipamos, aqui, um dos grandes exemplos dessa representação na literatura universal, como é o caso de *Naná*, romance do escritor francês Émile Zola (1880), cuja heroína, nascida na pobreza, com uma mãe lavadeira e o pai um alcoólatra, torna-se uma cortesã de luxo, e abriga em si todas as características que eram atribuídas às prostitutas da época. A jornada empreendida por Naná em muito assemelhar-se-á a de outras heroínas literárias, que serão descritas nas segunda e terceira seções deste trabalho. Naná torna-se conhecida do leitor assim como da comunidade parisiense ao atuar numa peça de teatro, mas não é o seu talento que a torna assunto dos comentários, e sim a sua nudez e com a exuberante beleza do seu corpo, que alucinou os homens presentes; é alçada ao posto da mais cara e famosa cortesã de Paris. Naná é agora a rainha no seu palacete na Avenida de Villiers, onde despreza todos os homens, iludindo-os, negando pedidos de casamento e tirando-lhes todo o seu dinheiro. A sua fama de *femme fatale* não repele o público masculino, ao contrário, submete-se facilmente aos seus caprichos, sendo levado à ruína ou ao suicídio. Como outras personagens literárias, Naná aproxima-se da prostituta bíblica, a que era considerada sempre um perigo e contra a qual eram todos advertidos pelos sermões furiosos. Então, em um tom moralista, como o utilizado por José de Alencar e tantos outros, o fim de Naná soa como trágico e solitário castigo. É uma visão tipicamente machista do século XIX, que condenava impiedosamente a mulher que se atrevia a ultrapassar os limites do ambiente doméstico. Vítima da varíola, ela morre e assim é descrita nos parágrafos finais, em oposição à descrição utilizada quando, sob luzes teatrais, era a estrela de *A Deusa Loira*:

Uma luz viva iluminou bruscamente o rosto da morta. Foi um horror. Todos estremeçeram e fugiram.

-Ah! Como ela está desfigurada! Como ela está desfigurada! – murmurou Rose Mignon, que ficara até o fim.

Saiu e fechou a porta. Naná ficava só, de rosto para o ar, na claridade da vela. Aquilo era um horror, um montão de humores e de sangue, uma porção de carne corrompida, deitada ali sobre o travesseiro. As pústulas tinham invadido todo o rosto, as bexigas ligadas umas às outras; e fanadas, apagadas, com um aspecto pardacento de lama, pareciam já um montão de terra, sobre aquela cara informe, onde não se distinguiam já feições. Um olho, o esquerdo, tinha-se afundado na fermentação da purulência; o outro, semi-aberto, enterrava-se, como um buraco negro e estragado. O nariz supurava também. Toda uma crosta avermelhada partida de uma face, invadia a boca, que se estirava num riso abominável. E sobre aquela máscara horrível e grotesca do nada, os cabelos, os formosos cabelos, guardando a sua chama de sol, corriam numa torrente de ouro. A Vênus decompunha-se. Parecia que o vírus por ela contraído nas valetas, nas podridões toleradas, aquele fermento com que ela envenenara as pessoas, acabava de lhe subir ao rosto, apodrecendo-o.

O quarto estava vazio. (ZOLA, s.d., p. 380-381)

Como tantas outras personagens da Literatura Universal, que são prostitutas, Naná tem o seu destino traçado, ela tem de morrer. A cena do leito de morte de Naná, descrita acima, é repleta de crueldade e horror, destituída de qualquer traço de humanidade: “Aquilo era um horror, um montão de humores e de sangue, uma porção de carne corrompida, deitada ali sobre o travesseiro” (ZOLA, s.d. 380).

Era a realidade da prostituta do século XIX: envenenada, desamparada e destruía a sociedade. Émile Zola e Alexandre Dumas Filho (*A Dama das Camélias*) creditavam o declínio econômico de 1870 à prostituição. Zola, portanto, assassina Naná com requintes de uma vingança moral. Como veremos depois, Matilde já não será vítima desse tipo de opinião, antes, será justamente uma das investidoras locais colaborando com o crescimento econômico de Asa Branca, assim como o fora sua sucessora, Madame Pommery, em São Paulo.

1.7 A presença da prostituta nos textos bíblicos

Entendendo a Bíblia Sagrada também como um conjunto de textos clássicos da Literatura Universal, textos esses, em sua maioria, norteadores da construção de inúmeras personagens da literatura dita profana, abrimos um espaço pra expor algumas personagens prostitutas presentes nesse universo sagrado. Cientes de que o termo “sagrado” refere-se sempre ao santo, ao divino, sob qualquer religiosidade, quando localizamos as obras literárias analisadas num ocidente cristianizado, importa-nos conhecer um pouco mais de perto as relações entre esse conceito e a tradição judaico-cristã, cujo livro base, a Bíblia Sagrada, é utilizado como referência literária nesta e em outras partes do trabalho. Reforçamos essa

inclusão também por conta de um dos inimigos de Matilde ser justamente a Igreja e seus representantes legais, o pároco e as beatas, na cidade de Asa Branca. Matilde ali, como Naná e Margarida, representam o mal, a prostituta bíblica, considerada sempre a ruína do homem.

Segundo Carmo (2011), de acordo com os preceitos da Igreja, qualquer prática sexual que objetivasse o prazer seria classificada como pecado. Portanto, era proibida toda e qualquer forma de erotismo e o homem que buscasse o prazer, não importa se dentro ou fora do casamento, estaria agindo contra os preceitos religiosos. Se o Estado, historicamente, tratou a prostituição muitas vezes como um crime ou um delito, a Igreja ordenava que era um pecado o que estavam cometendo e os cristãos que procuravam a comercialização do sexo, na condição de clientes, deveriam ser condenados por participarem de um ato moralmente ilícito. Ainda de acordo com Paulo Sérgio do Carmo, o tema da prostituição foi inicialmente discutido pelo apóstolo São Paulo, para o qual “o corpo, considerado como templo cristão, precisava ser protegido da luxúria proporcionada pelas prostitutas” (CARMO, 2011, p.71). Em sua caminhada evangelizadora, Paulo, na função de apóstolo, se deparou com inúmeros ambientes públicos onde a prostituição prosperava, e ao condenar a devassidão, alertou a todos que “profanavam” o corpo sagrado com relações pecaminosas. Ocorre, todavia, que a culpa por esse pecado recaía somente sobre a mulher, pois, segundo os preceitos religiosos da época, esta era a responsável pela introdução do pecado no mundo e, somente com a gravidez, teria a oportunidade de salvação, de remissão dos seus pecados. Esse preceito histórico respondeu pela subalternização e desprezo da mulher durante séculos e, contemporaneamente, algumas culturas ainda segregam a mulher, para ela não induzir ao homem em pecado com a exposição do seu corpo. Os textos bíblicos oferecem ao leitor inúmeras referências à prostituição, seja literal ou metafórica. A figura da meretriz, segundo Jonathan Kirsch (1998), atraiu sempre a atenção dos autores do discurso religioso, os quais tinham obsessão pela figura da meretriz, a qual era considerada por eles, ao mesmo tempo, como sedutora e proibida. O autor apresenta o caso do profeta Oséias, a quem Deus convocou para se casar com uma prostituta: “[...] o que ele aparentemente faz de boa vontade e talvez até com certo entusiasmo, embora insista que o objetivo de sua união ilícita era censurar seus companheiros israelitas por sua infidelidade espiritual na adoração de deuses estrangeiros” (KIRSCH, 1998, p.145).

A julgar pelos preceitos condenatórios em termos tão fortes, a prostituição era algo comum na Israel Bíblica, em Levíticos 19:29: “Não profanes a tua filha, por fazer dela uma prostituta, para que a terra não caia em fornicção, e o país se encha de licenciosidade” (BÍBLIA, 2007, p.157). Tomando-se o caso de Oséias como uma exceção, uma vez que o mesmo fora ordenado por Deus a contrair o matrimônio, os sacerdotes eram clara e

especificamente proibidos de casar com uma prostituta e a morte pelo fato era o castigo final para qualquer filha de sacerdotes que se prostituísse, justamente o castigo prescrito a Tamar, personagem bíblica, cuja história confirma a existência, na antiga Canaã, de pelo menos dois tipos de prostituição: a meretriz comum (*zonah*, conforme o original hebraico) e a prostituta do templo ou “cultista” (*qedeshah*), que tinham suas práticas sexuais santificadas entre os cananeus como forma de adoração às deusas da fertilidade. Segundo Kirsch (1998), em hebraico, a expressão *qedeshah*, tido como prostituta “sagrada”, “de culto” ou “de templo”, significa “uma mulher consagrada”, disposta a receber os frequentadores de um local de adoração pagã, como o templo de *Ishtar*, a deusa babilônica do amor ou de Astartéia, a deusa Cananéia da fertilidade. Tamar, em fases distintas, é descrita como uma prostituta comum (quando inicialmente se disfarça de meretriz para seduzir o sogro) assim como uma prostituta sagrada do templo (quando Hirá a encontra para recuperar o anel e do cajado de Judá). Nesse segmento, importa destacar que

[...] a referência feita a Tamar como prostituta sagrada, e não meretriz comum, talvez indique que o autor bíblico tentou dignificar e elevar as relações de Judá com a mulher. Poderíamos imaginar que o fato de visitar uma prostituta de templo era visto como algo mais digno do que comprar os serviços de uma meretriz. Especialmente aos olhos do amigo cananeu de Judá. Somos inclinados a concluir que o narrador bíblico estava tentando dar uma melhor aparência ao contato de Judá com a prostituta de beira de estrada (KIRSCH, 1998, p. 146).

O estudioso ressalta ainda que Tamar se destaca na história ao realizar um ato de amor físico proibido, uma vez que nada havia de sagrado na transação realizada à beira da estrada. Tal história “[...] trata-se do mais antigo e secular tipo de negócio, sexo por dinheiro, e o diálogo entre Tamar e Judá mostra-nos uma prostituta discutindo astutamente as condições de pagamento” (KIRSCH, 1998, p. 146). Essa passagem ilustra que, desde há muito tempo, a prostituição é uma prática de negociação, de troca do serviço sexual por dinheiro ou mercadorias. Ilustra ainda que era comum encontrar uma prostituta e dela se servir na Terra Santa. Outros eventos bíblicos confirmam ser a prostituição tão comum que o preço dos serviços de uma meretriz não era mais do que uma forma de pão (BIBLIA, Provérbios, 6:26, 2007, p. 777), e que seria possível encontrar uma prostituição longo da estrada (BIBLIA, Provérbios, 7:11-12, 2007, p.778) ou até mesmo em lugares sagrados, comumente frequentado por peregrinos (BIBLIA, Oséias, 4:14, 2007, p. 1057).

Muitos autores e pregadores tentam silenciar a história de Tamar porque ela foi meretriz por um dia e engravidou do sogro. Judá é o epônimo da tribo de onde viria o Messias, de acordo com a tradição judaico-cristã. Na terra de Canaã, Judá se casa e tem três filhos: *Er*, *Onã* e *Selá*.

Tamar casa-se com *Er*, mas a Bíblia descreve que esse morreu pouco tempo depois e entra em cena a lei do Levirato, que é o costume observado entre alguns povos que obriga o próximo filho a casar-se com a viúva, e o primeiro filho que tiver com ela será considerado filho do falecido. Como se vê e de acordo com Perretti e Natel (2014), não se tratava de um casamento como nos moldes da sociedade atual, era uma espécie de “serviço de inseminação para a viúva”. A viúva estaria ligada (“casada”) com a família até que não houvesse mais filhos com quem ela pudesse casar pois essa ligação lhe garantiria sustento, segurança e reputação, livrando-a dos riscos da indigência, da desgraça e da desonra. Tamar casou-se, então, com Onã, contudo, para esse, seria melhor que Tamar nunca tivesse filhos, assim não comprometeria a sua própria parte da herança. E por isso ele decidiu praticar o que é comumente conhecido como “coito interrompido”, uma das formas mais antigas de controle de natalidade. Após a morte de Onã, Judá, com medo que seu terceiro filho, Selá, também morresse, enviou Tamar de volta para a casa de seu pai. Anos depois Tamar decidiu sacrificar sua reputação e, então, veste-se de prostituta. Novamente conforme Peretti e Natel (2014), ainda que a lei assíria ditasse que as prostitutas comuns deviam permanecer sem véu, as prostitutas cultuais cananeias eram obrigadas a usá-lo. E elas não apenas usavam o véu enquanto esperavam por clientes, mas durante o próprio ato sexual, dando a seus parceiros a ilusão de que eles estavam na verdade, tendo uma relação sexual com a própria deusa. Mais tarde, quando Judá soube que a nora estava grávida, imediatamente mandou que a queimassem viva (BÍBLIA, 2 Gênesis, 38:24, 007, p.53), sem nem sequer mandar interrogá-la. Ele agia dentro da lei, porque Tamar ainda pertencia à sua família, ainda que negligenciada e como viúva, ela não poderia ter sexo com ninguém. Se estava grávida, tornara-se uma prostituta, cujo castigo mais comum era o apedrejamento. Mas por provar que muito mais do que Judá pela descendência de Israel, foi considerada não apenas inocente, mas justa, única mulher identificada como tal no Antigo Testamento.

A trajetória de Tamar acaba sendo recontada por Thoman Mann no romance *José e seus irmãos*, de acordo com Kirsch:

Mann imagina Tamar como uma jovem Cananéia, dotada do tipo de encanto e mistério alma e corpo de Astartéia, que se senta aos pés do patriarca Jacó e dele ouve que Deus escolheu os israelitas e seu povo, e prometeu-lhes os heróis que um dia surgiria da semente escolhida, o príncipe da paz e o ungido. Tamar decide que ela será a mulher a ter um filho para continuar o nome e a linha de descendência de Judá; dela seria o ventre da salvação, o lugar onde a semente escolhida seria plantada, onde cresceria e floresceria. Tamar havia decidido, por meio de sua qualidade de mulher, inserir-se a todo custo na história do mundo. Representou o papel de tentadora e foi meretriz de beira de estrada para não ser preterida; degradou-se temerariamente para ser exaltada (KIRSCH, 1998, p. 157).

Tamar pode ser ainda comparada a outras personagens femininas da Bíblia, como as filhas de Ló e Rute, a moabita; todas usaram o leito para lhes garantir a sobrevivência e descendência. Mas Tamar é particularmente associada a outra prostituta protagonista na Bíblia, Raabe, uma mulher prostituída que salvou os israelitas das garras dos soldados de Jericó, quando estes foram mandados por Josué para espiarem essa cidade, fazerem relatórios de sua organização, para, em seguida, o rei montar estratégias de conquista da cidade desejada – Jericó. A prostituta em questão não delatou os espiões, pois “pela fé Raabe, a meretriz, não pereceu com os incrédulos, acolhendo em paz os espias” (BÍBLIA, Hebreus 11:31, 2007, p. 310). Raabe, a prostituta original de coração de ouro, cuja vida é salva por um fio vermelho. No livro de Josué a conquista de Canaã pelos israelitas, recém-saídos do Egito, é antecedida pelo envio de dois espiões, mas estes, antes de cumprirem a missão, resolvem desfrutar dos serviços de uma prostituta local (*zonah*) chamada Raabe quando são interrompidos pela chegada de uma patrulha real. Raabe, então, esconde os israelitas e mais tarde deixa-os fugirem. Como recompensa, Raabe tem a garantia de que sua família será poupada quando da invasão dos israelitas, bastando pendurar à janela um fio escarlate que seria reconhecido e respeitado pelos conquistadores. Raabe, além de salvar sua vida, consegue o feito de figurar posteriormente na genealogia de Jesus Cristo, ao lado de Tamar, Rute e Betsabé; todas mulheres de conduta sexual questionável para os rígidos padrões da época.

Raabe foi a mãe de Boaz e foi triplamente marginalizada em sua história: uma prostituta em sua cidade, uma estrangeira para Israel e uma mulher. Em sua primeira aparição, Raabe é a figura central na narrativa. Ela direciona a ação e salva os espiões. Em sua segunda e última aparição, aparentemente marginalizada, mesmo entre seu próprio povo, vivia nos limites da cidade, com reputação comprometida, pois, segundo Peretti e Natel (2014), era definida por sua profissão: trabalhava por dinheiro, era uma prostituta comum (*zonah*). Prostitutas eram socialmente excluídas, tidas como leprosas morais. Eram até toleradas, porém jamais honradas. Raabe fez um acordo para salvar a própria vida, como outrora fará Matilde, embora com finalidade diferente. A trapaça de Raabe ocorre também no intuito de preservar o povo de Deus. De acordo com Peretti e Natel (2014), observa-se que o relatório dos espiões, feito posteriormente a Josué, foi baseado inteiramente nas palavras de Raabe. Não há relatos de que os espiões tenham ido a qualquer outro lugar em Jericó além da casa de Raabe, nem sugestão de que eles tenham falado com qualquer outra pessoa além dela. Raabe disse tudo o que precisava ser dito, conforme assinala em Josué 2, 9-11 (BÍBLIA, 2007, p. 280).

Fato é que a batalha de Jericó foi vencida pela traição de Raabe para com seus concidadãos de dentro da cidade. Raabe também é mencionada em uma lista de heróis bíblicos

que demonstraram sua fé por suas obras em Hebreus 11. Josué nunca foi mencionado como um dos que trouxeram Israel à Terra Prometida, mas Raabe é louvada por sua hospitalidade aos espiões. É a única mulher citada pelo nome e elogiada por sua fé como parte da grande “nuvem de testemunhas” mencionada em Hebreus 11:31 (BÍBLIA, 2007, p. 310), e ela se tornou um exemplo assim como Moisés. Na carta de Tiago 2:25 (BÍBLIA, 2007, p.315), Raabe é citada como exemplo por sua genuína hospitalidade como deveria ser praticada por todos os crentes.

Fecham-se as páginas do Livro Sagrado, mas as mulheres aqui narradas transcendem ao seu tempo e a sua geografia, e num Brasil recém colonizado sob a égide do Cristianismo, esse comportamento, considerado desvio, estará sob a vigilância constante das autoridades eclesiásticas, o que não impedirá que essa tradição faça parte dos primeiros capítulos da História do Brasil

1.8 Não existe pecado ao sul do Equador

A partir de estudos desenvolvidos por Carmo (2011), pode se afirmar que no período em que o Brasil estava sendo colonizado, os primeiros a chegarem eram homens que queriam explorar as novas terras, ainda incertos de seu futuro. Especialmente por essa razão, vieram sozinhos, sem suas famílias e a primeira coisa que perceberam foi que no novo mundo os padrões morais em muito diferiam do Velho Continente. Para esses europeus, o estímulo sexual era grande e constante, uma vez que as nativas circulavam nuas pelas aldeias e cidades, sempre tão à vontade com seus corpos, pois desconheciam o frio e a noção de pecado. O próprio Pero Vaz de Caminha, impressionado, faz diversos registros dessa nudez e a credita a um estado de inocência, honestidade e modéstia, o que não era um consenso entre os jesuítas, já que alguns afirmavam que os índios assim agiam por terem feito uma opção consciente pelo pecado, rejeitando Deus em favor do demônio. Padre Manoel da Nóbrega, responsável pelos jesuítas na colônia, preocupado com a miscigenação que estava prestes a ocorrer, em 1549, pediu ao Rei o envio urgente de mulheres brancas portuguesas para que pudessem se casar e garantir a raça branca: “Vossa Alteza mande muitas *orphans* e si não houver muitas venham mistura *dellas* e *quaesquer*, porque são tão desejadas as mulheres brancas cá, que *quaesquer* farão muito bem a terra” (NÓBREGA, 1988, p.12)

Como sugerido por Carmo (2011), os viajantes, inquisidores e colonizadores que estiveram no Brasil a partir do Século XVI trouxeram, além do olhar masculino, inúmeros preconceitos culturais típicos da Europa renascentista. O etnocentrismo os levava a elevar a

cultura europeia a um patamar superior e o fato de o cristianismo ser considerado a regra máxima de valores morais, fizeram com que as índias nuas fossem tidas como ninfomaníacas e devassas, adeptas de perversões sexuais. Esses conceitos e classificações abundam no conteúdo dos diversos cronistas que por aqui estiveram, especialmente dos jesuítas que foram sempre os que estiveram alertas contra os excessos. Eram eles que tentavam impedir as uniões ilícitas alegando as questões de ordem moral e religiosa, enquanto o Estado, ansioso por uma nação rica e povoada, estimulava a multiplicação dos casamentos em todos os estratos sociais. Em meio a tudo isso, ainda que sob o pesado rótulo de um pecado público e escandaloso, a prostituição se iniciava nas terras brasileiras:

Os documentos da Inquisição do final do Século XVI revelam de forma explícita a brutal realidade da prostituição das moças indígenas após o contato com o colonizador. O assédio às índias se dava com a oferta de qualquer coisa: dinheiro, uma camisa, um caco de espelho, um pano, uma faca, um mimo. Os colonos acabaram transformando as meninas indígenas em prostitutas de fato, seduzindo-as em troca de meros penduricalhos (CARMO, 2011, p.74).

Combatida na cidade, a prostituição era defendida nos sertões, pois era a única maneira dos maridos terem relações sexuais, como nas Minas Gerais quando os homens se ausentavam dos seus lares em busca do ouro pelos matos e arraiais. Juntaram-se às indígenas no ofício da prostituição as brancas portuguesas e, em sequência, as negras. Em 1641, muitas escravas prostituíam-se para sustentar seus senhores. Nos primeiros tempos de colonização, a atividade do meretrício era tolerada, porque era tida como necessária, uma vez que o contingente masculino no continente era bem maior que o feminino. Contudo, mesmo quando esse número foi igualado, havia ainda uma dose de tolerância quando se entendia a prostituição como única forma de sobrevivência financeira de algumas mulheres. Em toda a Colônia, desde os grandes ajuntamentos até às menores vilas, havia a prática da prostituição. Carmo (2011) assevera que a prostituição decorria da formação social do grande número de homens desenraizados, solteiros ou sem família, que se tinham deslocado em busca do ouro.

Assim, no Século XVIII, a prostituição estava diretamente ligada à pobreza feminina e à carência sexual masculina, o que levava a Igreja a ignorar tal prática. Misturado ao comércio de doces, álcool e sabão, estava o corpo feminino, geralmente pertencente a jovens exploradas pelas mães e escravas exploradas pelos seus senhores. A carência de mulheres e altos índices de pobreza fizeram com que a prostituição nas Minas Gerais fosse maior que em qualquer outro lugar no Brasil Colônia (CARMO, 2011). A prostituição, nesse período, se caracteriza pela inexistência de prostíbulos e de seu conjunto de práticas voltado aos prazeres. Então, com a modernização e o crescimento das cidades brasileiras, a prostituição alterou suas práticas,

hábitos e representações, fato provocado pelas relações que estabeleceram com o novo campo social em transformação. Como registrado entre prostitutas gregas e romanas, aqui também se estabelece a solidariedade e várias prostitutas passaram, desse modo, a compartilhar domicílios em comum, dando início ao surgimento das casas de imoralidade, chamadas de “Casas de alcouce”. Eram residências, quitandas e estalagens que além de suas funções corriqueiras também forneciam distração sexual aos transeuntes. O funcionamento dessas casas gerava constantes denúncias, sempre motivadas pelo constante vai e vem de homens e mulheres e pela suspeita que ali se praticava o malfadado meretrício. Farta documentação mostra ainda denúncias de mulheres que não se limitavam a essas casas e dirigiam-se às igrejas locais e lá se ofereciam aos devotos para pecar após o ato religioso. Essas iniciativas, segundo Carmo (2011), revelam que a prostituição era uma alternativa para a sobrevivência de mulheres abandonadas, solitárias ou viúvas. Muitas outras eram induzidas ao comércio do sexo por seus pais, padrastos ou mesmo maridos, que ofereciam os serviços de suas esposas em troca de uma renda. Em 1733, houve a denúncia da casa de André George, considerado culpado por

[...] consentir que sua mulher se desonestasse com vários homens, e sua filha com Mateus Romeiro, e [...] que em sua casa se façam danças e folguedos, e andar sua mulher descomposta lançando-se no rio à vista de gente e ele consentindo sem mantos desonestidades, causando com elas escândalos a toda freguesia (FIGUEIREDO, 1993, p. 135).

Em São Paulo, uma cidade enriquecida graças a descoberta do ouro, em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, as primeiras casas de prostituição, os lupanares, uma clara referência aos prostíbulos em Pompéia, casas de jogos e tabernas surgem em meados do Século XVIII, uma vez que a cidade é passagem obrigatória para forasteiros (FONSECA, 1982). E já nessa época o isolamento da sociedade surge como recurso de punição à perturbação da ordem, essa penalidade, como a dos tempos bíblicos, atingia prostitutas e adúlteras (ENGEL, 2004). A prostituição torna-se alvo de maior preocupação somente a partir do Século XIX, quando, segundo relatos de vários viajantes, o número de prostitutas nas ruas era assustador, superior a muitos outros lugares por onde esses narradores passaram anteriormente. Essas mulheres estavam nas ruas, ao redor da Sé e nas janelas, e eram chamadas de “mulheres públicas”, “mulher solteira”, de “má fama” ou de “má vida”, em oposição às “honradas”, as sagradas mulheres casadas ou jovens virgens à espera de um casamento. Carmo (2011) afirma que a pobreza, falta de ocupação e abandono por parte do marido induziam as mulheres ao meretrício e diversas atividades comerciais, como doceira ou costureira, por exemplo. Porém, todas essas atividades eram malvistas, pois pesava sobre elas sempre a suspeita de que essas mulheres

faziam “algo mais”, especialmente quando essa atividade era realizada em casa. E todo o movimento de clientes indo e vindo era sempre uma razão forte o suficiente para suspeitas e denúncias.

Na mesma época, em Salvador, registros mostram a existência de bordéis luxuosos e a sociedade local, já entendendo que seria essa uma atividade impossível de ser exterminada, recomendava, então, que pelos menos as prostitutas realizassem suas práticas longe das pessoas “de bem”, passando a viver nos arredores da capital baiana, em subúrbios que seriam mais tarde reconhecidos como zonas de meretrício. Essa restrição era, em geral, motivada pelo escândalo que as mulheres provocavam na tentativa de obter clientes entre os passantes, o que era a publicização de um pecado, um agrave à moral e aos bons costumes.

O Rio de Janeiro, na metade do Século XIX, não oferecia oportunidades de emprego suficientes para a numerosa população, e às mulheres restava ainda muito menos, uma vez que, como dito anteriormente, qualquer atividade as colocava como suspeitas, restringindo suas atividades. Segundo Engel (2004), o meretrício tinha um perfil econômico-social e cultural diversificado, pois estavam nessa atividade as escravas, libertas, mulheres livres brasileiras e estrangeiras. As prostitutas eram classificadas em três categorias: as aristocratas, as de “sobradinho” e as da escória. As primeiras, as cortesãs, devidamente instaladas em casas luxuosas eram financiadas por ricos fazendeiros e políticos. De acordo com Priore (2005), a segunda categoria trabalhava em hotéis ou em casas de costureiras, procuravam seus clientes nas praças, mercados e nas avenidas importantes. As últimas moravam em casebres, mucambos e em cortiços.

O bordel tornara-se um importante espaço social. Era um importante refúgio de lazer e de negócios, e inúmeros acordos políticos eram concretizados nesses espaços boêmios. Essa caracterização espacial também será analisada na obra *Roque Santeiro*, que é objetivo desta pesquisa. Para Rago (2008), no final do século XIX, a prostituição estava devidamente instalada na sociedade brasileira em bordéis e zonas de meretrício por todo o país; estes lugares eram frequentados por homens oriundos de várias classes sociais. Eram sempre espaços que garantiam uma eficaz interação social entre artistas, músicos, coristas, dançarinas, boêmios, gigolôs, prostitutas de diversas nacionalidades, clientes, choferes, garçons, arrumadeiras, cozinheiras, manicures, costureiras, porteiros e meninos de recados. Foram criados seus próprios códigos, leis e práticas sociais.

A partir de 1862, após a inauguração da casa de espetáculos Alcazar, o comércio do sexo é aquecido com a chegada de francesas e mulheres judias vindas da Europa Oriental, chamadas de polacas. Kushnir (1996) afirma que dentre as diversas nacionalidades das

mulheres que chegavam ao Rio de Janeiro com destino ao mercado do sexo, o destaque era para as francesas e as polacas. Eram reais representantes do movimento *Belle Époque*, e dormir com uma francesa fazia os homens brasileiros se sentirem um legítimo francês.

Priore (2005) pondera que os prostíbulo acabaram por acrescentar um novo conhecimento sexual aos brasileiros. O jovem rapaz se submetia ao rito de iniciação sexual agora sob as mãos de uma cortesã e mesmo os homens mais velhos surpreendiam-se com novas e diferentes práticas sexuais, que, contudo, eram proibidas de serem repassadas às esposas. Esse conhecimento deveria ficar restrito àquele ambiente, o que, de certa forma, era uma estratégia de reserva de mercado. O exercício da prostituição oportunizava, antes de mais nada, uma condição mais autônoma e independente, ao menos às prostitutas desse nível.

Para Engel (1989), essas mulheres, como gregas e romanas de outrora, eram ainda capazes de mediar discussões sérias e profundas sobre política, artes ou economia, tornando, assim, esse um espaço efetivo de resistência ao ideal da mulher frágil e submissa. De acordo com Rago (2008), havia ao redor dessa prostituta uma aura de independência, poder e liberdade, o que lhe conferia o *status* de uma figura da modernidade e isso lhe garantia a presença em todos os aspectos sociais. Sendo uma figura pública, desassociava o amor do prazer e tinha liberdade pra vender seu corpo a quem quisesse e pelo preço que desejasse, e, no fundo, a sociedade fica consciente que ela era uma ameaça à subversão dos códigos de comportamento outrora estabelecidos.

A partir das considerações de Kuhsnir (1996), a prostituição também representava uma ameaça ao espaço urbano enquanto área previamente demarcada para o comércio, e isso alimentou as primeiras campanhas de repressão ao meretrício no Rio de Janeiro, como aconteceria em outras cidades. Essas campanhas munem-se de teses médicas e jurídicas para validar e normatizar tal questão.

A regulamentação da atividade da prostituição no Rio de Janeiro oficializou-se no início do Século XIX. Todavia, isso não fez surgir uma política definitiva, pois se hesitava muito entre a permissão e a regulamentação da profissão e, por fim, optou-se por um meio termo. Toleravam-se as casas de prostituição, mas apenas em determinadas áreas e, ainda assim, com a presença e possível intervenção policial a título de manter a ordem. A exploração do comércio do sexo, o lenocínio, transformou-se em crime a partir de 1890.

De acordo com Carmo (2011), na aurora do século XX, o mercado do sexo no Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Salvador, Recife, Belém e Manaus, dividia-se em três grupos principais: a prostituição de luxo das francesas, o grupo intermediário das polacas, vindas da Europa Oriental, e a prostituição mais barata das negras ou pardas. Como se percebe, a política

do “branqueamento” chegara na boemia: a mulher europeia de pele clara tornara-se um ideal de beleza, não somente física, mas também social. Era muito comum que os bordéis tivessem nomes parisienses como *Palais Élegant*, *Pension Royale*, *Maison Doreé*, *Maxim’s*, *Palais de Cristal* etc. Atribuía-se às francesas as artes de ensinar o homem brasileiro a amar assim como comportar-se de modo mais civilizado, pois

[...] são elas que vão ensinar o brasileiro a sair dessa rusticidade, do encontro muito rápido, muitas vezes com essa origem do campo, da fazenda, tendo tido uma iniciação com animais. São elas que vão ensinar o brasileiro a ter uma sofisticação erótica maior, e vão ser responsáveis também por certo cuidado higiênico do brasileiro com o próprio corpo; elas são as primeiras médicas no sentido de ajudar o brasileiro a combater as doenças sexualmente transmissíveis (PRIORE, 2006, p. 172).

No período que compreende a metade do século XIX até o início do século XX, o Brasil sofre alterações significativas em sua organização urbana, especialmente nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, uma vez que:

Entre 1890 e 1930, o Brasil passa por mudanças decisivas em sua história, sobretudo devidas ao estabelecimento do sistema republicano, à constituição do mercado de trabalho livre, à industrialização, à imigração europeia e à rápida modernização da vida social e política (RAGO, 2005, p.114).

Essa modernidade era uma consequência direta da adoção de hábitos e costumes daquilo que era chamado de “civilizado” no distante continente europeu. O país tinha que, a qualquer custo, deixar para trás os antigos costumes aderindo às novas ideias e práticas progressivas, em nome do progresso e da civilização.

A modernidade imaginada e almejada era explicitada na eliminação do que se considerava “atraso colonial”, com o combate aos costumes e usos tradicionais, e na construção de uma nova imagem da cidade, livre das ruelas estreitas e sujas, da população negra e pobre que vagava pelo centro da cidade, do odor fornecido pelos animais que circulavam pelas ruas, do comércio ambulante com pouca higiene e das epidemias que aterrorizavam os estrangeiros que aqui chegavam (GRUMAN, 2006, p. 83).

Conforme Brivio (2010), a então recém-surgida indústria do lazer possibilitou diferentes maneiras de sociabilidade em áreas urbanas. Tornam-se comuns e habituais os passeios pelas ruas do centro do Rio de Janeiro, assim como as idas aos teatros, confeitarias e lojas elegantes, símbolos do mundo moderno. Em São Paulo, repetia-se o mesmo clima de efervescência cultural com as apresentações artísticas nos cafés-concerto espalhados pela cidade. Esses hábitos trazidos e copiados da França se impuseram como a principal referência de modernidade e sofisticação. Os novos valores importados da vida social e cultural francesa

influenciaram decisivamente a moda, a culinária, a decoração e a elite intelectual do Brasil nesse período:

O luxo da Corte de Luís XIV e o prestígio da literatura e da filosofia permitiram que esse ideário se espalhasse por boa parte do ocidente. Passa a fazer parte da boa formação, por exemplo, que um rapaz de boa família fosse enviado a Paris para completar a sua educação. Os bons modos, tanto na cultura como na educação e na vida mundana, eram regulados pela maneira parisiense de ver e de ser (MATTOS, 2006, p.1).

No início do Século XX, os prostíbulos brasileiros de luxo recebiam mulheres oriundas de toda a Europa Ocidental e menções ao tráfico clandestino de moças eram constantes nos noticiários locais. Muitas dessas moças eram menores e eram atraídas com ofertas de emprego em casas de famílias ricas.

De acordo com Carmo (2011), as europeias, francesas e polacas, além do destaque no imaginário social, também ocupavam lugar na literatura da época, como é o caso de *Madame Pommery* (1998), único romance de Hilário Tácito, pseudônimo do romancista, ensaísta, tradutor e engenheiro paulista, José Maria de Toledo Malta – romance que será analisado na segunda seção deste trabalho. Contudo, a partir de estatísticas da época eram sempre em menor número do que as brasileiras.

Assim, como era esperado, o domínio da língua francesa se fez ouvir e representava a modernidade desejada em oposição ao atraso da colônia. Ainda de acordo com Brivio (2010), as festas populares tradicionais como a capoeira, os cortiços e tudo o mais que trouxesse à tona o recente passado colonial “não civilizado” devia dar lugar à modernidade então representada pelos hábitos da corte francesa. Essa associação entre cultura francesa e modernidade chegou ao campo da sexualidade. As prostitutas brasileiras, negras ou brancas, eram preteridas em favor das prostitutas estrangeiras, especialmente as francesas, uma vez que

[...] no imaginário estabelecido na experiência da modernidade, em São Paulo, mas também em muitas outras cidades brasileiras, as prostitutas de luxo francesas e polacas eram altamente apreciadas como agentes civilizadores, isto é, consideradas responsáveis pela introdução de novos hábitos, costumes e modos de vida existentes em Paris. Muitos bordéis e cabarés adotaram nomes franceses, além de copiarem a decoração e o estilo usados nos estabelecimentos franceses, criando um cenário condizente com a teatralização da vida do submundo parisiense, com a qual sonhava a rica burguesia (RAGO, 2005, p. 114).

A prostituição de luxo das francesas não exterminou o baixo meretrício, mas este era constituído pelas negras pobres que se prostituíam num ambiente marcado pelo sexo bestial e perverso. Se considerarmos que a violência é constitutiva do mundo da prostituição

indistintamente, conforme Brivio (2010), no baixo meretrício, as relações violentas se expressavam quase que livremente, sem freios morais ou repressão social, pois:

A prostituição negra pobre não teve (tem) desconto, ao contrário da branca, mais adequada a satisfazer as necessidades libidinais dos homens das classes dominantes. [...] justificava-se um tratamento repressivo [policial] muito mais violento sobre a meretriz preta do que sobre a branca, pois além do descontrole “natural” da mulher prostituída, trazia na pele a cor do pecado. [...] a prostituta negra simbolizava a figura da perversão total do corpo aberto às superfícies de contato (RAGO, 1991, p.243-244).

Brivio (2010) conclui que, na transição do século XIX para o século XX, a intersecção entre gênero, classe e raça, descrita nesse contexto também em termos de cor, é um elemento que enfraquece as mulheres negras que se prostituíam. Por sua vez, Piscitelli (1996) aponta como a “cor” se reveste de significados na interação entre nacionalidades, marcando o “outro” enquanto objeto a ser consumido – sem qualquer interioridade. Naquilo que podemos chamar de alto meretrício, as prostitutas francesas foram aquelas que introduziram novas e variadas maneiras de socialização no mundo dos prazeres. Quando os jovens das elites locais procuravam as francesas para se iniciarem sexualmente, o que acontecia, nesse momento, não era apenas sexo, mas a transmissão dos códigos e hábitos sociais civilizadores.

A indústria do prazer para os ricos era simbolizada pela figura da cortesã “francesa” e pelo consumo de champanhe. Estas prostitutas gozavam de um nível de vida elevado por conta dos presentes recebidos (roupas e jóias) e do preço que cobravam pelos serviços prestados. O rico empresário ou o político influente, ao consumir o corpo da meretriz “francesa”, consumia, sobretudo, um estilo de vida considerado moderno e civilizado (GRUMAN, 2006, p. 87).

Nos bordéis sofisticados, revestidos de veludo vermelho, a busca pelo prazer não se reduzia aos encontros sexuais. Nesses locais, ambientes de socialização, se apresentavam peças teatrais, espetáculos musicais e se discutiam ideias. A associação entre modernidade e prostituição ocorreu também nas capitais Belém e Manaus entre 1890 e 1910, quando do ciclo da borracha na região amazônica. A riqueza advinda do comércio dessa atividade extrativista, em alta no mercado internacional, produziu mudanças nessas cidades, modernizando-as:

A prosperidade era visível pela quantidade de produtos de luxo importados e pelo uso de vestimenta europeia por parte da classe média e alta no dia a dia. [...] O francês era a língua estrangeira preferida e Paris, a referência intelectual e da moda, enfim, a fonte cultural de onde todas as ideias brotavam. [...] Não é por acaso, por exemplo, que o café mais conhecido de Belém se chamasse Moulin Rouge. O prazer a ser encontrado deveria ter o estilo francês, seu estilo de vida, de preferência na companhia de prostitutas bem-vestidas, adornadas com joias e brancas. A vestimenta refletia as crenças, valores e aspirações que habitavam o imaginário social daqueles que queriam ser modernos. O Brasil da *Belle Époque* era uma sociedade que buscava acabar com

a imagem de uma nação habitada por indivíduos de origem indígena ou africana (GRUMAN, 2006, p. 85).

Pode-se dizer que, na *Belle Époque* brasileira, os negócios do sexo se expandiram. Ocorre, todavia, que essa expansão não ocorre apenas por meio da prostituição das francesas e de outras estrangeiras em seus luxuosos cabarés. A nascente indústria do sexo produz as primeiras revistas e filmes eróticos no Brasil, explorando a associação entre nudez e erotismo enquanto produto a ser comercializado:

É muito provável que inúmeras outras publicações e livros pornográficos circulassem nos cafés-concertos e cabarés. Entretanto, apenas em 1924, abre-se um espaço para o desnudamento completo do corpo feminino como erotismo na imprensa brasileira, através de revista *Shimmy*. Antes disso, o público só podia ter contato aberto com cenas eróticas e exhibições de nus femininos através de filmes, cartazes e revistas de cinemas, que também começavam a explorar comercialmente o erotismo (RAGO, 1991, p. 91).

Com efeito, não é forçoso ponderar que a prostituição praticada nos principais centros urbanos do Brasil, nessa época, representa muito mais do que uma mera possibilidade de resolver e atender os desejos sexuais da sociedade masculina. Conforme descreve Brivio (2010), o objetivo de se civilizar, tão caro à sociedade brasileira, que procurava se distanciar dos costumes e tradições da vida em colônia, encontra um poderoso agente nas prostitutas estrangeiras. As representações sobre o alto meretrício, compartilhadas por brasileiros e brasileiras, encontravam-se em estreita associação com a sofisticação e a modernidade das civilizações europeias, com destaque para a cultura francesa.

1.9 A prostituição em uma sociedade livre no século XX

Até 1950 a história do comércio do sexo não difere em muito do século XIX, época em que todas as campanhas e contra campanhas produzidas acabaram por inserir firmemente no consciente coletivo os estereótipos puristas-sociais da indústria do sexo e daqueles que nela trabalhavam. Diante de assuntos mais polêmicos e mais urgentes como a Segunda Guerra Mundial, o interesse sobre a indústria do sexo foi relegado ao segundo plano. Entretanto, após 1918, notou-se uma diferença na moralidade da época, provocada justamente pelas guerras sucessivas. Nesse contexto, a experimentação sexual tornou-se praticamente um estilo de vida na sociedade burguesa.

Com efeito, na esteira dos estudos de Nikkie Roberts (1998), a sexualidade feminina é legitimada pela sociedade, o que permitiu um certo relaxamento das rígidas regras morais de

então. Isso não rompeu a divisão existente entre boas e más garotas, sendo assim, não foram alteradas as leis e os sistemas repressivos. Foram registradas mudanças significativas no mercado de trabalho feminino. As mulheres deixaram o campo e o ambiente doméstico para atuarem nas indústrias e hospitais, ainda que com baixos salários e péssimas condições de trabalho, razões “[...] que conduziam à prostituição” (ROBERTS, 1998, p. 323).

Duas guerras subsequentes produziram a depressão e essa atingiu a homens e mulheres, muitas das quais, em condições adversas, foram impelidas ao comércio do sexo. Destaca-se que nem sempre elas foram bem quistas pela militarização e religiosidade da sociedade, situação em nada diferente da cidade fictícia Asa Branca, criada pelo dramaturgo brasileiro Dias Gomes. Notadamente, a regulamentação dos bordéis ficou a cargo das autoridades locais, fossem elas civis, militares ou clericais. Parte desta regulamentação rezava que grande parte do lucro desse ofício fosse destinado àqueles que sob a fachada de protetores, exploravam as mulheres. A ilegalidade da prostituição forçava essa submissão, mas é sabido que “[...] a indústria norte-americana do sexo não poderia ter sobrevivido sem a conivência das autoridades” (ROBERTS, 1998, p. 326).

A literatura mundial, a partir da década de 30, começa então a apresentar uma ideia pragmática de que muitas mulheres, em meio à pobreza crescente, consideram o ingresso no mercado do sexo uma opção viável, diferentemente dos escritos do século anterior, cujas heroínas prostitutas eram sempre condenadas a uma terrível morte.

Essa visão empresarial da prostituição, contudo, não prosperou em estados totalitários, em que a agenda sexual política se deslocou do libertarismo para a reconstrução da família. O mercado do sexo, tido como um vício das sociedades capitalistas degeneradas, jamais poderia ser praticado numa comunidade de cunho socialista:

A resposta das autoridades soviéticas foi previsível: elas estabeleceram a *prophylactoria*, em que as prostitutas eram detidas à força, colocadas para realizar trabalhos pesados e “reeducadas em um espírito proletário”, após o que as jovens foram enviadas para as fábricas para serem “introduzidas na vida de trabalho”. Assim, a Rússia Soviética alcançou a Inglaterra do século XVIII, criando instituições de reabilitação que podiam ter sido moldadas nos infernos morais de John Fieldin, com a piedade do proletariado substituindo a versão cristã (ROBERTS, 1998, p. 329).

Todavia, nada disso impediu que, em ambientes clandestinos, o mercado do sexo continuasse vivo e lucrativo, especialmente para os altos membros do poder, como se observará no enredo da peça estudada.

Como visto anteriormente, foi a partir de diversos registros deixados pelas civilizações gregas e romanas que viveram muito antes da Era Cristã, que concluímos que as respeitadas

prostitutas sagradas viviam tranquilas, cercadas de atenção, conforto e muito respeito em suas comunidades. Para atingir essa condição, a mulher deveria ser dotada de determinados atributos físicos e espirituais. De acordo com Qualls-Corbett (2005), nesse contexto, a mulher deveria ter os seguintes “predicados”: virgem, boa, alta e exoticamente bela, afinal seria uma representante humana das deusas. Tratava-se de uma espécie de sacerdotisa sensual que, por meio do sexo, promovia a ligação das deusas da fertilidade e do amor com os seres humanos. Então, após a Era Cristã, esses aspectos positivos do ofício foram desaparecendo dando lugar a uma prostitua mais humana e mais profana. Não mais considerando o aspecto sagrado do ofício, de acordo com Ariágda dos Santos Moreira (2007), o mundo moderno, seja real ou ficcional, demonstra interesse apenas pelo universo erótico, misterioso e profanado da prostituta.

No campo da literatura, ainda de acordo com Moreira (2007), as transgressoras formas de representar os problemas, os prazeres, as frustrações e os espaços de circulação destas mulheres, ficam assim caracterizadas por suas linguagens e psicologias, por seus comportamentos e relações de alteridade, onde há a noção do outro, o que nos leva a saber quem somos e quem não somos; finalmente, por todo o sistema de signos que inscrevem as personagens prostitutas em seu universo:

Por conta e para além disso, elas e os prostíbulos, em suas diferentes representações, marcam metonimicamente certa segregação moral e estigma social. Nas ficções, o universo da prostituta é narrado, de forma recorrente, como o espaço do profano, da luxúria, do desregramento moral e social, por influência, em parte, de dogmas religiosos, sociais e políticos de aceitação. De acordo com tal perspectiva, ele representa o local do excesso, da farsa e da dissimulação, povoado por seres humanos estranhamente contraditórios, que não se enquadram ao lócus moral e social de prestígio (MOREIRA, p. 2007, p. 239).

O espaço que as personagens prostitutas ocupam nas diversas narrativas é sempre um espaço profano, em oposição ao divino. Contudo, em conformidade com Caillois (1979), esses dois mundos, ainda que antagônicos, são igualmente passíveis de integração, nos moldes daqueles que se procura revelar através dos universos discursivos das personagens e das estratégias estruturais utilizadas pelos autores, nas obras que são aqui discutidas.

Na teoria dos arquétipos, segundo Moreira (2007), se identificam construções literárias nomeadas *imágenes demoníacas* e *imágenes divinas*. Como se, resumindo, as imagens sugerissem mundos que se excluem e se inter-relacionam ou se relacionam com elementos orgânicos e inorgânicos ligados aos seres, como: religião, fogo, mitos, desertos, água. Sempre considerado como profano, o ambiente de um bordel literário representa um mundo demoníaco humano regido pelo domínio da paixão destruidora e pode ser simbolizado por um espaço onde

as personagens se perdem, cedendo às tentações perpetradas por uma mulher, que é tida como a destruidora de almas e das famílias. Como poderá ser visto em *Roque Santeiro*, as personagens do "mercado do sexo", frente às condições vulneráveis comuns em seu espaço de circulação, estão sob permanente vigilância, representadas pelo padre e pelas beatas, os quais se consideram os guardiões das almas e da moralidade das famílias.

SEÇÃO 2 – QUANDO A ARTE REPRESENTA A PROSTITUIÇÃO

A rotina da prostituição feminina não fez parte apenas das páginas dos discursos médicos, eclesiásticos e policiais. As variadas linguagens artísticas utilizaram a figura da prostituta para construir suas narrativas, tendo como resultado um registro que sempre fascinou a leitores, espectadores e ouvintes. Portanto, como prólogo da segunda seção deste trabalho, antes de tratarmos especificamente da literatura, abordaremos como algumas dessas linguagens, no caso as artes visuais, o cinema e a música. Essas duas últimas restritas especialmente ao território nacional, retrataram a prostituta, algumas vezes, de forma dócil, às vezes até ingênua, em outros momentos de forma violenta, dramática, mas sempre recorrendo a estereótipos resultantes da realidade da presença da prostituta no cotidiano brasileiro, conforme estudos demonstrados na primeira parte desta pesquisa.

2.1 A prostituta como modelo e como assunto nas artes visuais

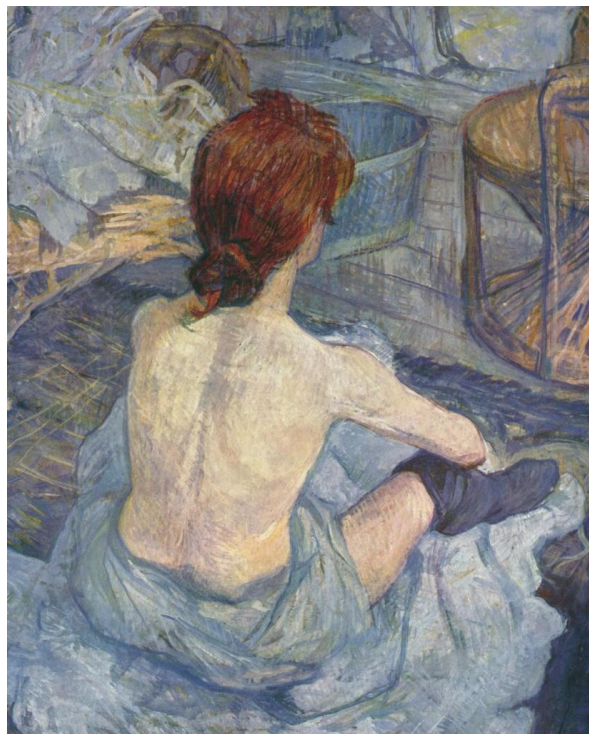
No decorrer da história da arte ocidental, quando os corpos femininos são um tema recorrente, com uma maior incidência no final do século XIX e começo do século XX, vários artistas tiveram prostitutas servindo-lhes como modelos e musas para suas obras de arte. Desde os pastéis coloridos de Toulouse-Lautrec até os esboços eróticos de Egon Schiele, apresentamos um recorte de onze obras famosas que têm como tema as prostitutas:

Figura 5 - *Olympia* (1863), de Manet



Olympia é explicitamente uma prostituta, trazendo uma orquídea em seus cabelos, uma fita preta no pescoço e um gato preto em sua cama; todos símbolos implícitos de seu *status*. Quando foi exibida pela primeira vez em 1865 no Salão de Paris, causou certo rebuliço, provocado não pela sua nudez, mas pelo olhar frio e distante de Olympia, além daquilo que foi chamado de um rosto apático e despreocupado.

Figura 6 - *La Toilette* (1889), de Toulouse-Lautrec



Toulouse-Lautrec era frequentador assíduo do Moulin Rouge e dos bordéis em Montmartre, em Paris. Ele sempre trazia consigo suas telas e pincéis para retratar o objeto do seu fascínio. Diferente de Manet, ele não sexualizava a prostituta, mas buscava sempre conferir-lhe um vislumbre raro em suas vidas cotidianas. *Le Toilette* foi feita em algum momento após sua série pastel. Segundo Varella (2018), a modelo Carmen Gaudin era sua favorita. Era uma lavadeira, mas também se prostituía para pagar as contas, o que se evidencia com sua falta geral de roupas, além de uma meia preta solta. Assim como em muitas obras de Lautrec, ele captura a intimidade silenciosa de sua rotina, retratando momentos comuns e vulneráveis em sua rotina.

Figura 7 - Sien (1882), de Van Gogh



Mesmo não sendo um tema comum em suas obras, Van Gogh retratou algumas prostitutas. Ainda jovem produziu uma série de esboços de Clasina Maria Hoornik, ou Sien. Segundo Varella (2018), quando ele conheceu Sien, estava grávida e pobre, e, então, a esboçou. Mais tarde, junto com o bebê que ela teve nos dois anos que passaram juntos, Sien foi retratada na nudez, alimentando o filho ou mesmo apenas fumando.

Figura 8 - Rolla (1878), Henri Gervex



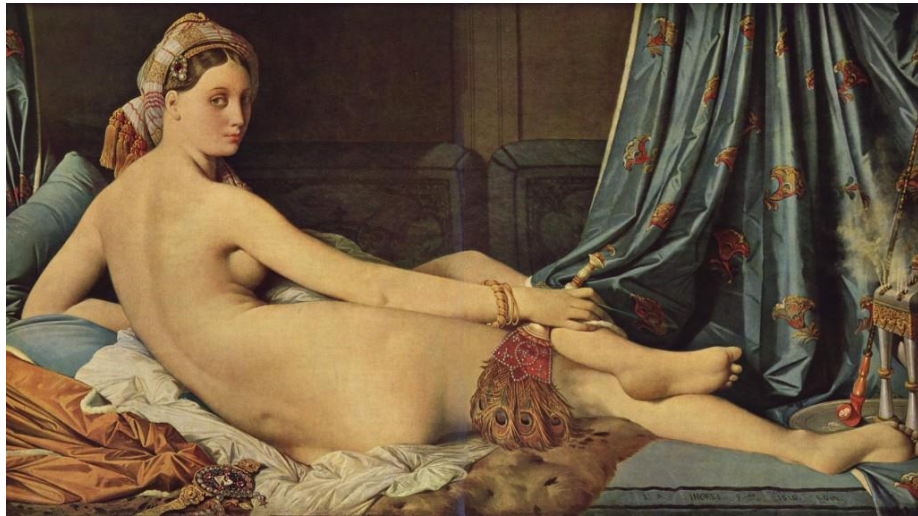
Um poema de Alfred de Musset, conforme Varella (2018), serviu de inspiração para essa obra de Gervex, na qual o jovem hedonista Rolla deixa implícito ter feito sexo com a prostituta adolescente, Marie. Como em muitas pinturas do final do século 19, Marie estabelece seu *status* de prostituta deixando à mostra seu espartilho e roupas desfeitas, enquanto provavelmente a melhor insinuação e referência ao sexo na história da arte, o bastão de Rolla sai das roupas descartadas.

Figura 9 - *Les Femmes d'Alger (O Version O)* (1907), de Pablo Picasso



O título da obra foi dado alguns anos após ter sido feita e não faz referência à cidade de Avignon na França como aparenta, mas à uma rua denominada Carrer Avinyó, de um bairro boêmio em Barcelona. Picasso, com a intenção de representar uma cena de bordel, acabou por fazer uma composição de cinco nus e uma natureza morta.

Figura 10 - *Grande Odalisque* (1814), de Ingres



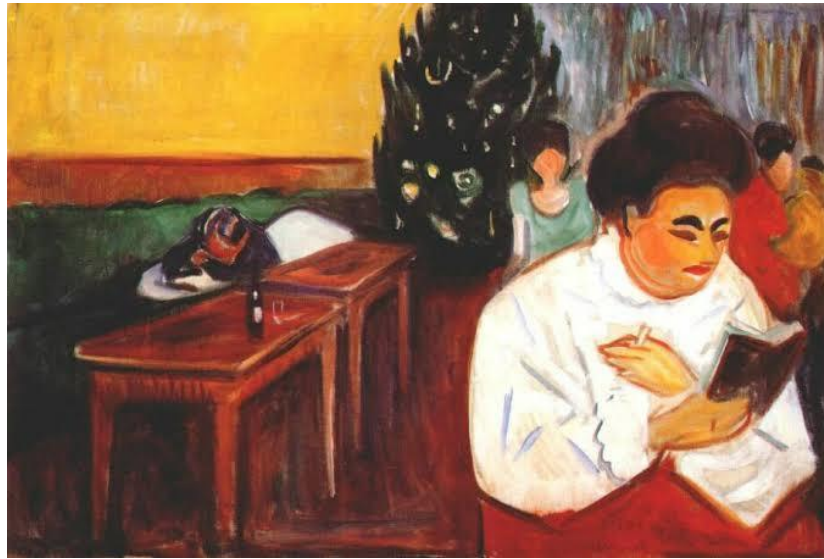
Executada em Roma, onde Ingres se encontrava na época, o quadro foi severamente criticado devido às distorções anatômicas que apresenta. Era uma concubina com membros longos, cabeça e cintura pequenas e tronco grande. E a despeito de sua nudez, a odalisca é representada de maneira a parecer distante e inacessível, escondendo seu corpo do espectador e dirigindo-lhe um olhar arrogante, sem sinais de simpatia; essa intenção é reforçada pelo fundo e pelos tons frios e prateados dos tecidos e acessórios. Provavelmente, detalhes para informar o quão distante era essa concubina do mundo real, com uma pose praticamente impossível para qualquer mulher real imitar.

Figura 11 - A menina nua de cabelos negros (1910), de Egon Schiele



Se Lautrec retratou prostitutas em seus momentos íntimos e silenciosos, Schiele desenhou todo o tipo de mulheres nos momentos mais eróticos e francamente expostos. E eram sempre mulheres confiantes em sua sexualidade e desejos. Na obra *Black-Haired Girl Lifting Skirt*, ele chama nossa atenção para sua virilha exposta com uma explosão brilhante de cor vermelha, típica em muitas de suas obras de arte explícita.

Figura 12 - *Christmas in the Brothel* (1903), de Edward Munch



De acordo com Varela (2018), Munch pintou esse quadro enquanto passava as férias em um bordel em Lübeck durante um momento sombrio de depressão total, o que, provavelmente teria sido o pano de fundo do *Natal no Bordel*. Uma pintura leve, porém melancólica, além de sentimentalmente profano, na qual as meninas que trabalham em um bordel acabam de decorar uma árvore de Natal.

Figura 13 - *In the Salon at Rue des Moulins* (1894), de Toulouse-Lautrec



Como já dito anteriormente, Lautrec gostava de retratar prostitutas descrevendo-as em suas atividades diárias, desde compromissos médicos ou apenas relaxando e conversando, como nesta pintura.

Figura 14 - *Portrait of a Prostitute* (1885), de Van Gogh



Em Antuérpia na Bélgica, Van Gogh dedicou a maior parte de seu trabalho à prática de retratos e sem condições para pagar modelos. Conforme Varela (2018), ele, então, visitava os bordéis, onde convencia as frequentadoras a posarem para seus retratos, como nesta obra.

Figura 15 - *The Festival of the Owner* (1876-77), de Edgar Degas



Degas, um dos criadores do impressionismo e renomado por suas pinturas de bailarinas inocentes retratadas em movimentos graciosos, apresenta uma pintura em tons pastel que descreve o que parece ser o aniversário ou uma festa em homenagem a uma madame de um bordel, que está claramente em um momento em que suas meninas dançam ao seu redor e adoram-na.

2.2 Nas telas do cinema

No cinema, por sua vez, a prostituição sempre esteve presente através de personagens que romperam a barreira do preconceito e ganharam o coração da plateia mundial, sendo talvez a mais popular dentre eles a prostituta Vivian Ward, interpretada por Julia Roberts no filme “Uma Linda Mulher” (1990). Ainda que criada sob um ponto de vista romântico e moralista – Vivian torna-se uma moça “direita”, e, como brinde, casa-se com um homem rico), a película contribuiu para a lista de inúmeras prostitutas que fazem parte da história do cinema, cuja galeria ainda inclui “Mamma Roma” (1932), “Irma La Douce” (1963), “A bela da tarde” (1967), “Nunca aos Domingos” (1960), “Klute, o passado condena” (1971), “Taxi Driver” (1976) e “Pretty Baby” (1978) – Brooke Shields, com 12 anos de idade, representava uma prostituta da mesma idade.

O tema prostituição também não é novidade para o cinema brasileiro, o qual se valeu, muitas vezes, de roteiros criados a partir de livros nacionais. Um dos mais recentes foi a

adaptação do livro *O Doce Veneno do Escorpião*, protagonizado por Deborah Secco. O roteiro se baseia na obra homônima de Bruna Surfistinha, pseudônimo de Raquel Pacheco, garota de classe média paulista, que se tornou uma celebridade da internet ao divulgar textos picantes em seu *blog*, em 2005. Mas podemos também citar atrizes como Darlene Glória, que, na década de 1970, deu vida a grandes musas de Nelson Rodrigues, inclusive na versão de Arnaldo Jabor para o clássico *Toda Nudez Será Castigada* (1973), no qual interpretou uma cafetina. E quem também brilhou na pele de uma prostituta foi Marília Pêra no longa “Pixote: A Lei do Mais Fraco” (1981), de Hector Babenco, no qual interpretou Sueli, uma prostituta generosa que acolhe e, numa cena chocante, amamenta Pixote, uma criança abandonada que tenta encontrar na delinquência juvenil o seu grupo social. Sônia Braga protagonizou “Tieta do Agreste” (1996), em uma adaptação de Cacá Diegues do livro homônimo de Jorge Amado (1977). A novata Hermila Guedes viveu Hermila, moça pobre do interior do Nordeste, no filme “O Céu de Suely”, dirigido por Karim Aïnouz, em 2006. Para fugir da própria realidade e almejando uma vida melhor, ela, que diz se chamar Suely, rifa o próprio corpo assumindo os riscos e o fardo dessa escolha por uma noite. Inúmeras outras produções poderiam ser aqui citadas, mas acreditamos que essas são suficientes para registrar que a prostituta é uma personagem constante nas produções cinematográficas no país.

2.3 Na vitrola, o som dos cabarés

A prostituta se fez presente no repertório nacional e ao longo das décadas de 1930 até 1990, sua atividade foi escrita e cantada por artistas como Noel Rosa, Nelson Gonçalves, Gal Costa, Trio Parada Dura, Odair José e Elza Soares, entre outros. Usando de diferentes abordagens e ritmos, mas sempre com um enorme poder de identificação junto ao público, o que contribuiu para afirmar que a prostituição é um patrimônio histórico da humanidade e como tal deveria ser também interpretado pela arte. Listamos, abaixo, alguns exemplos de canções que tratam do assunto.

A dama do cabaré (samba, 1936) – Noel Rosa

Com informações que possibilitam ao ouvinte associar a dama do título à uma prostituta, que seria uma personagem da vida real, com a qual o compositor teria vivido um tórrido romance, para além dos padrões rígidos e da repressão moral comum da época.

Quem há de dizer (samba-canção, 1948) – Lupicínio Rodrigues e Alcides Gonçalves

O samba-canção de Lupicínio Rodrigues é explícito e lamentoso a despeito de ainda utilizar como recurso descrever a mulher amada apenas como uma dançarina de cabaré, se permite afirmar nos versos finais: “Ela nasceu/Com o destino da lua/Pra todos que andam na rua/Não vai viver só pra mim”. Cabe dizer, a esta altura que embora a repressão social fosse uma constante, os romances com prostitutas eram frequentes, e não só no aspecto carnal, mas também com envolvimento de sentimentos, como revela a letra de inúmeras canções e também poesias

Dolores Sierra (bolero, 1956) – Wilson Batista e Jorge de Castro

A história de Dolores Sierra é ambientada na Espanha, em Barcelona, como um recurso linguístico de distanciamento. A trajetória típica e romantizada da protagonista revela interessantes aspectos históricos, como a lendária e frequente prostituição nos portos e cais, para atender aos marinheiros, e a dissociação, neste caso, entre sexo e amor. “Não tem castanholas/E faz companhia a quem lhe der mais...”, afirma um dos versos.

Eu vou tirar você desse lugar (música romântica, 1972) – Odair José

Na década de 1970, Odair José foi um dos primeiros a abordar o tema, com um estilo conhecido como música romântica por seus admiradores, e brega pelos detratores. O compositor e cantor, no decorrer dos anos ficou conhecido como um autêntico cronista das camadas menos abastadas financeiramente da sempre desigual sociedade brasileira, e, portanto, as mais numerosas. Nesta canção, Odair toma para si a capa na personagem do herói que tira a mulher de seu lugar desconfortável, o que ainda confirma uma visão romântica da situação.

Cabaré (MPB, 1973) – João Bosco e Aldir Blanc

Composição que tenta registrar aquilo que há de obscuro e desconhecido em cada ser humano, o enigma que talvez seja o grande responsável pela sedução e pela solidão. A canção ainda descreve com ricos e sombrios detalhes o espaço denominado cabaré como um lugar de gente infeliz, talvez um resquício do julgamento social da época.

Ana de Amsterdã (MPB, 1973) – Chico Buarque e Ruy Guerra

Essa música é parte de um projeto mais amplo, a peça “Calabar: o Elogio da Traição”, escrita pelos dois autores, e é repleta de metáforas que tinham como objetivo atacar o regime

ditatorial da época. A protagonista da canção seria uma imigrante holandesa que aqui viveu como prostituta e seu nome, como é comum no meio em função dos preconceitos sociais, seria um codinome, um nome de guerra. “Até amanhã sou Ana”, como revela um dos trechos.

Folhetim (MPB, 1978) – Chico Buarque

Composta para a “Ópera do Malandro”, a canção narra a trajetória simples e peculiar de uma prostituta, com uma melodia ao mesmo tempo suave e incisiva, como requer a letra. “Se acaso me quiseses/Sou dessas mulheres/Que só dizem sim”; “Mas na manhã seguinte/Não conta até vinte/Te afastas de mim”, dizem alguns trechos. Esta canção, como as demais de Chico Buarque, por si só, já foram objeto de muitos trabalhos científicos, inclusive dissertações de mestrado.

Geni e o Zepelim (MPB, 1978) – Chico Buarque

Uma das mais célebres canções brasileiras de todos os tempos, não limitada ao tema da prostituição e muito menos à peça em que está inscrita, a também lendária “Ópera do Malandro”. O compositor, aqui, aborda um tema religioso, sob uma nova ótica, referente ao episódio descrito na Bíblia das pedras jogadas em Madalena. E adiantamos que Matilde também sofrerá ataque semelhante nas cenas finais da peça *O Berço do Herói*.

Tango de Nancy (tango, 1985) – Chico Buarque e Edu Lobo

Outra música de Chico Buarque feita sob encomenda, dessa vez para o espetáculo teatral “O Corsário do Rei”, de Augusto Boal. Aqui a atividade da prostituição é descrita em seus aspectos mais dramáticos, passionais e simbólicos. É das poucas canções brasileiras a aludirem ao sexo de forma tão direta, livre e poética. O clima, semelhante ao da canção “Cabaré”, assume uma esfera triste, pois pesa sobre a protagonista uma escolha feita por necessidades e não por prazer.

Boate Azul (guarânia, 1985) – Benedito Sevierio

A música sertaneja é tida por muitos como a representação artística do homem que foi traído e sofre da falta do amor, e como tal esta canção fala sobre um homem que foi abandonado por sua amada e resolve ir até uma boate para afogar suas mágoas, pois, conforme a música, “a dor do amor é com outro amor que a gente cura”. A composição junta-se a outras que descrevem esse espaço como um local sombrio e cheio de angústia. A história contada na canção tem uma continuação pouca conhecida, “Som de cristal”, e traz um final ainda mais

triste. Nesta um homem foi a um prostíbulo e viu sua mulher chegando lá, não procurando por ele, como suspeitou, mas para trabalhar.

Flores Horizontais (MPB, 2000) – Oswald de Andrade e Zé Miguel Wisnik

Poema escrito por Oswald de Andrade e resgatado por Zé Miguel Wisnik, que colocou melodia na letra para ser interpretada por Elza Soares. Como Oswald morreu em 1954, aos 64 anos, a poesia data de muito antes, o que evidencia mais uma vez a presença de prostitutas entre a sociedade e os intelectuais brasileiros, assim como a preocupação afetiva e sentimental para com elas.

Taça de ouro (sertanejo, 2009) – José Amâncio e Leonito

O título refere-se ao estabelecimento que atende por este nome, sempre frequentado por “pessoas de alto padrão/mulheres lindas, extravagantes, perfumadas/damas da noite que alucinam corações/danças eróticas, bebidas variadas/onde a luxúria desempenha seu papel”, mais uma vez o espaço do bordel ou cabaré é pintado por cores tristes e sombrias.

2.4 Na sala de estar, através da tela da televisão

É vasta e diversa a lista de telenovelas que trouxeram em seus roteiros a prostituta, com idades e posições sociais variadas, especialmente *Gabriela* (1975), *Roque Santeiro* (1985) e *Tieta* (1989). Essas tramas tiveram suas ações localizadas em cidades do interior nordestino e todas tinham um núcleo de prostituição, formado por mulheres geralmente bonitas, felizes, e quase sempre dispostas a atender aos desejos dos seus coronéis. *Tieta* e *Gabriela* são adaptações de romances do escritor Jorge Amado, autor nascido numa fazenda de cacau em Ferradas, no sul do Estado da Bahia.

Nas cidades mais próximas, Ilhéus (local do romance *Gabriela*) e Itabuna, conheceu e conviveu com jagunços, prostitutas, vagabundos, marginais, imigrantes árabes, exportadores, comerciantes e retirantes, os quais sempre lhe foram inspiração para a criação de diversos personagens. O escritor sempre se inspirou nas mulheres e na sua sensualidade, dando voz a elas. *Gabriela* (1975), adaptação de Walter George Durst, do romance *Gabriela, Cravo e Canela*, foi a primeira telenovela na qual as prostitutas foram retratadas no dia-a-dia do Cabaré Bataclã, que marcou época como um ponto de encontro entre políticos baianos e as “raparigas”. A partir de então, as prostitutas tornaram-se comuns nas telenovelas.

Nas tramas seguintes, principalmente as que se passam em cidades interioranas, não se podia faltar o cabaré. O Bataclã estava sob o comando de Maria Machado (representada por Eloísa Mafalda em 1975 e Ivete Sangalo em 2012), onde se reuniam especialmente os políticos baianos. Em *Roque Santeiro* (1985) de Dias Gomes e Aguinaldo Silva, as prostitutas Matilde, Ninon e Rosaly trabalhavam na Boate Sexus e, para garantirem sua sobrevivência e permanência em Asa Branca, tiveram que continuamente enfrentar a ferrenha oposição do padre Hipólito e das beatas da cidade. Finalmente, em *Tieta* (1989) de Aguinaldo Silva, Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares, a partir de uma adaptação do romance *Tieta do Agreste*, a protagonista era uma prostituta na trama ao lado das “rolinhas” do Coronel e prefeito da cidade Arthur da Tapitanga, interpretado por Ary Fontoura. O coronel dava abrigo, comida e alfabetização às meninas pobres em troca de favores sexuais. A novela se passa na fictícia cidade de Santana do Agreste, no nordeste baiano. Tieta, interpretada por Cláudia Ohana nos dois primeiros capítulos, é expulsa da cidade pelo pai Zé Esteves, irritado com o comportamento liberal da menina e influenciado pelas intrigas de sua outra filha, Perpétua. Depois de perambular por localidades próximas, prostituindo-se para sobreviver, Tieta, já na pele de Betty Faria, segue para São Paulo, onde se torna cafetina. Envia dinheiro à família, mas ninguém conhece seu paradeiro. Quando a correspondência é interrompida, Perpétua conclui que a irmã está morta. Mas após mais de 25 anos da partida Tieta regressa rica e decidida e se vingar da família. A volta da filha pródiga revoluciona a pequena cidade baiana. A exuberância da mulher nordestina foi algo bastante explorado por esses autores ao transporem os romances citados para a TV.

Nessas tramas pode-se perceber claramente a associação feita entre as belezas naturais do Nordeste com a beleza da mulher brasileira, seu corpo e sua sensualidade. Isso fica claro na abertura da novela *Tieta*, quando galhos de árvores se contorciam para formar o corpo nu da mulher. À mulher brasileira, e principalmente à mulher nordestina, estão associados os elementos de sedução, tropicalidade, sexualidade e “morenicidade”.

Diferente dos romances, somente a partir da década de 1990 que as novelas passam a tratar os temas polêmicos a partir de um viés mais social. Dessa forma, algumas prostitutas começam a se destacar na trama como a personagem Thaís de *O Dono do Mundo* (1991), que se prostitui para ascender socialmente, e Ester, de *Força de um Desejo* (1999), interpretada por Malu Mader, que era a dona de um bordel e a protagonista da trama. Já em 2001, na novela *Laços de Família*, foi a vez da personagem Capitu interpretada por Giovanna Antonelli. A personagem fazia parte do núcleo principal da trama e gerou polêmica por pertencer a classe média carioca. Em 2004, a Rede Record exibiu a novela *Essas Mulheres*, de autoria de Marcílio

Moraes e Rosane Lima, escrita com Bosco Brasil e Cristianne Fridman, dirigida por Fábio Junqueira, João Camargo e Flávio Colatrello Júnior, a trama se baseava em três obras de José de Alencar: *Lucíola*, *Diva* e *Senhora*. Em 2007, a prostituta Bebel de *Paraíso Tropical* é aclamada pelo público conseguindo, assim, cada vez mais destaque na trama e reascendendo, novamente, na mídia as discussões e debates a respeito do tema.

Popularmente reconhecida como uma das profissões mais antigas, a prostituição desde sempre despertou o interesse do telespectador, desde novelas de época às inseridas num contexto mais atual, cortesãs e prostitutas permeavam a trama, trazendo beleza, sensualidade, irreverência, e despertando a curiosidade do público. As novelas de época que abordaram o tema guiavam-se por uma visão um tanto luxuosa da prostituta.

Os cabarés e as casas de show eram sempre casarões grandes e luxuosos, nos quais as mulheres lindas e finas vestiam os mais belos vestidos e usavam as joias mais caras que, na maioria das vezes, eram presentes dos próprios clientes. Estes, por sua vez, eram homens pertencentes à média e alta burguesia e exibiam com orgulho para a sociedade as prostitutas ao seu lado. As cortesãs dos folhetins de época que fogem ao estereótipo que ronda a prostituta convencional, e estão inseridas em tramas permeadas por um mundo de luxo, beleza, riqueza e prazeres.

Essa “grandiosidade” tem origem literária, por isso a profissão ganha um tom romanceado. Muitas prostitutas das telenovelas brasileiras podem ser comparadas, por exemplo, à personagem Lúcia da obra *Lucíola* (1862), de José de Alencar, ou à personagem que dá nome a obra *Madame Pommery* (1920), de Hilário Tácito. obras que serão comentadas a seguir, além de *Roque Santeiro ou O Berço do Herói* (2015), de Dias Gomes.

2.5 Nas páginas de um livro

Antonio Candido (1999) afirma que a produção e a fruição da literatura estão sedimentadas numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia. A literatura é considerada um elemento humanizador que possibilita ao autor revelar o homem para em seguida atuar na sua formação, registrando, assim, as experiências humanas. E, nesse sentido, Candido se expressa:

Portanto, por via oral ou visual; sob formas curtas e elementares, ou sob complexas formas extensas, a necessidade de ficção se manifesta a cada instante; aliás, ninguém pode passar um dia sem consumi-la, ainda que sob a forma de palpite na loteria, devaneio, construção ideal ou anedota. E assim se justifica o interesse pela função

dessas formas de sistematizar a fantasia, de que a literatura é uma das modalidades mais ricas (CANDIDO, 1999, p. 83).

De acordo com Vieira (2016), a literatura possibilita ao homem o registro de suas vivências assim como de suas interpretações da realidade e, nesse processo, demonstra o próprio homem e, em seguida, forma-o. Assim, a literatura satisfaz a necessidade universal de fantasia e contribui para a formação da personalidade. Antonio Candido ressalta ainda que “[...] a fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade: evento natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc.” (CANDIDO, 1999, p.83).

Em outras palavras, diversos fatos cotidianos vinculados entre a realidade e a ficção podem ser representados pela literatura, especialmente aqueles silenciados na história, como a prostituição. Esses fatos, ainda de acordo com Vieira (2016), emergem e tornam-se objetos de investigação, graças à literatura, capazes de derrubar fronteiras, denunciar injustiças, retratar o homem em diversos contextos. Ao longo dos tempos, escritores imortalizaram personagens femininas que se prostituíram, como a Lucíola, de José de Alencar, e Madame Pommery, de Hilário Tácito, protagonistas de romances nacionais, refletindo e problematizando a violência e a corrupção do corpo, vítimas de uma sociedade preconceituosa e excludente. Visto por esse ângulo: “[...] pode ser que a história da personagem seja a história de suas condições materiais de vida. A prostituição pode engolfar uma vítima de exigências e desigualdades sociais, ocorrendo o devastamento de certa área da personalidade feminina” (FERRO, 1997, p. 17).

Quando considerado um dado externo, a prostituição passa a ser objeto de investigação dos escritores romancistas e dramaturgos, cabendo à construção literária representar as condições da prostituta, variando a moralidade vigente da época. Vieira (2016) também já se debruçou sobre o tema como a prostituição e a prostituta são representadas na literatura. Ambos constatamos que as pesquisas realizadas no âmbito acadêmico e, em específico, no campo da literatura sobre o tema em questão ainda são escassas. Pensamos, então, que poderíamos também contribuir para os estudos da prostituição na literatura tomando como objeto de análise dois romances e uma peça nacionais, por entendermos que tais gêneros literários constituem um eficiente meio para o conhecimento da leitura da prostituição feita por intelectuais de diferentes épocas e regiões. Segundo Margareth Rago (2008), é importante admitir que a literatura narrativa ou dramática pode trazer à tona diversos aspectos essenciais das formas de pensar e sentir de uma determinada sociedade:

Os romances traduzem os anseios, captam as angústias, desejos de uma determinada época, e não apenas de uma classe social a que pertenceria o autor. Além do mais, a literatura constrói a sua representação do fenômeno, que tanto pode atuar como ponto de referência para o leitor, como responder às suas aspirações (RAGO, 2008, p. 31).

Moreira (2007, p. 237) oferece a possibilidade de uma leitura dessas representações, na literatura brasileira do século XX, através do conceito de “mundo profano” (o espaço habitado pela personagem prostituta) e “mundo sagrado” (o espaço social, regulamentado pela moralidade), considerando a personagem prostituta como um ponto de integração entre esses dois mundos. Como fizemos na primeira seção deste trabalho, Moreira tece um texto digressivo sobre a prostituta, tida como sagrada na Antiguidade (sacerdotisas que promoviam o contato com os deuses através do ato sexual), até a contemporaneidade, em que o ideal de sacralização dissipou-se completamente e foi substituído “pelo universo erótico, misterioso e profanado da prostituta” (MOREIRA, 2007, p. 239). A autora continua:

Nas ficções, o universo da prostituta é narrado, de forma recorrente, como o espaço do profano, da luxúria, do desregramento moral e social, por influência, em parte, de dogmas religiosos, sociais e políticos de aceitação. De acordo com tal perspectiva, ele representa o local do excesso, da farsa e da dissimulação, povoado por seres humanos estranhamente contraditórios, que não se enquadram ao lócus moral e social de prestígio (MOREIRA, 2007, p. 239).

A literatura clássica, no período romântico, em muito colaborou para criar um estereótipo de prostituta, apresentando-a sempre como produto de um determinismo social, um indivíduo subalterno, repugnante e merecedor somente de sentimentos menores. Sua salvação dependia sempre de uma ação masculina, pois somente um homem poderia retirá-la de um ambiente considerado por muitos como corrosivo e inóspito, ofertando a ela, assim, uma oportunidade de viver sob a égide dos princípios moralmente aceitáveis. Para além das artes visuais, da cinematografia ou da teledramaturgia, como vistas acima, pode-se dizer que a prostituição feminina também despertou o interesse de autores canônicos da literatura europeia, e posteriormente de consagrados escritores brasileiros. Para dar uma melhor apropriação desse conceito, citaremos nos tópicos a seguir várias obras que abordaram o tema prostituição, mas, para fins objetivos, nosso olhar se deterá um pouco mais nas obras *Naná*, o que foi feito na primeira seção, *A Dama das Camélias*, por ser considerada a obra matriz no assunto, *Lucíola*, *Madame Pommery* e, finalmente, *Roque Santeiro ou O Berço do Herói*. Essas obras, sempre a partir de uma realidade histórica, nacional, e mundial, apresentam personagens que, assim como suas companheiras de profissão na vida real, tentam achar seu espaço na sociedade. A seleção das obras citadas acima deu-se por uma opção pelo perfil da prostituta cortesã, ao qual

corresponde Matilde, personagem a ser analisada na terceira seção deste trabalho. Diferentemente de outras prostitutas, Naná, Margarida, Lúcia, Madame Pommery e Matilde, vivem na corte, em forma de casarões ou palacetes, e não na rua, têm amantes ricos e vivem, muitas vezes, rodeadas de luxo e dinheiro, o qual é gasto sem maiores preocupações. Tais características não fazem tais mulheres necessariamente mais felizes, nem que tenham melhores destinos que suas companheiras, que vivem nas ruas ou em cortiços, atendendo a vagabundos, por vezes, gratuitamente. Todas enfrentam, em comum, o preconceito, a falta de espaço e, com poucas exceções, têm nas páginas de um livro, o mesmo destino que lhes aguarda na vida real: a morte, ou a redenção através de um casamento. Os subtítulos utilizados a seguir se referem ao livro *A Terceira Mulher*, de Gilles Lipovetsky (2000), que dá suporte a este trabalho, permitindo que as três personagens, ambas cortesãs, sejam vistas, individualmente sob esse recorte hierárquico, gradativo ou até mesmo evolutivo.

2.6 Lúcia, a primeira mulher

A figura da prostituta aparece pela primeira vez nas páginas de um livro em 1854, quando José de Alencar escreve a peça *Asas de um anjo*. Trata-se de Carolina, moça de origem pobre que foge de casa e ingressa no mundo da prostituição, ato que provoca a desintegração da família e a perda do pai para o álcool. Ainda que com final redentor – Carolina casa-se e se torna mãe – e apesar do tom moralizante e didático do autor, a peça foi censurada após sua segunda apresentação.

Essa peça, assim como as demais obras posteriores que tiveram como personagens uma prostituta, tiveram todas a sua origem em *A Dama das Camélias*, publicado pela primeira vez em 1848. Um texto no qual Alexandre Dumas Filho combina o romantismo, característica da protagonista Margarida Gautier, cortesã apaixonada e redimida pelo amor e o realismo apresentado pelo tom moralizador da obra, que logo se tornou um clássico da literatura francesa. Dumas Filho conta a história de uma cortesã francesa de alto luxo, Margarida, sustentada pela emergente burguesia francesa. Dona de uma estonteante beleza, habituada a gastos extravagantes e com reconhecidas habilidades no sexo e no amor, ela torna-se uma personalidade intrigante na Paris do século XIX.

Em meio a sua vida de luxúria, Margarida permite-se àquilo que Matilde nem por um momento menciona: apaixonar-se. No caso, por Armando, filho do burguês Jorge Duval. Armando declara seus sentimentos à Margarida, mas ela, reconhecendo sua condição social e

antevendo a impossibilidade de qualquer final feliz, recusa toda e qualquer possibilidade de uma relação amorosa entre os dois. Um romance bem sucedido entre uma meretriz e um filho da burguesia exigiria um casamento, o que não era permitido aos dois por pertencerem a mundos radicalmente segregados; só lhes era permitida a ocasional intimidade sexual, devidamente paga. O que o casal desejava era impossível, mesmo nas páginas de um livro:

Se é verdade o que me disse, vá-se embora, fuja; ou então goste de mim apenas como amigo. Venha me ver de vez em quando, havemos de rir, de conversar, mas não exagere o que valho, pois não valho grande coisa. Seu coração é bom e você precisa de afeição; é muito moço, e muito sensível para viver no nosso meio. Goste de outra mulher e então se case. Está vendo, sou uma moça sensata e estou sendo franca (DUMAS FILHO, 1996, p. 25).

Margarida, ciente das representações de sua época sobre as prostitutas, as reproduz ao homem que ama. Dumas Filho trata dos valores que uma mulher deve portar caso queira ter acesso à instituição do casamento burguês. No Brasil, a pureza feminina, que sempre foi sustentada principalmente pela manutenção da castidade, permaneceu enquanto condição de acesso ao matrimônio burguês até meados da década de 1970, diminuindo sua importância por conta das transformações advindas através da polêmica “revolução sexual” (DEL PRIORE, 2006). Difundida a ideia bastante comum da *femme-fatale*, a prostitua mau caráter, aquela que é capaz de provocar a ruína dos clientes mais incautos, Margarida tem dificuldade em admitir o seu sentimento de amor por Armando:

Como é estranha vida! Quem diria há oito dias atrás que esse homem que eu nem conhecia, ia se apossar tão depressa do meu coração e pensamento? O que irá acontecer? Para mim um amor de verdade pode ser uma desgraça. Será que ele me ama, será que eu o amo? Nunca me apaixonei por ninguém! Por que sacrificar uma alegria? São tão raras! Por que não se abandonar aos caprichos do coração? Quem sou eu? Uma criatura do acaso! Oh! Deixe pois que o acaso faça de mim o que quiser. Que me importa, parece que nunca me senti tão feliz! Quem sabe é um mau agouro? Estamos prevendo sempre que vão se apaixonar por nós, jamais que vamos nos apaixonar por alguém; e, agora, ao primeiro golpe deste mal imprevisto, não sei o que sou nem onde estou (DUMAS FILHO, 1996, p. 39).

Espera-se de uma prostituta que ela possa despertar paixões, mas não as corresponder. Então, a cortesã francesa de alto luxo hesita diante desse novo sentimento que a toma de assalto. Inevitavelmente, a paixão e o amor acabam a dominando por completo, e, subitamente, Margarida percebe a transformação, ensejada por esse “sublime” estado, em seus hábitos, comportamentos e ambições.

Há momentos em que me esqueço do que fui; em que a mulher de outros tempos se destaca de tal forma da mulher de hoje, que são duas pessoas que eu vejo e a segunda,

apenas a custo se lembra da primeira. [...] Já fiz gastarem em flores mais dinheiro do que seria preciso para sustentar uma família durante um ano agora uma só flor que Armando me deu esta manhã, basta para perfumar todo o meu dia. Vocês sabem o que é o amor [...]. Oh! Como eu sou feliz [...]. Sem que Armando perceba vou vender tudo o que tenho em minha casa em Paris. Não quero mais voltar para lá. [...]. Há quem pergunte o que é a felicidade vocês me ensinaram e agora eu também posso ensinar aos outros (DUMAS FILHO, 1996, p. 28-29).

Essa ideia, tão comum em textos redigidos sob uma rígida e conservadora moral cristã, a qual dita que somente um amor verdadeiro é capaz de regenerar até mesmo uma meretriz que outrora consumia as fortunas alheias, não terá espaço na construção de Matilde, a terceira mulher, personagem de Dias Gomes.

Na literatura brasileira, o tema da prostituta regenerada pelo amor sublime encontra respaldo na obra do romancista José de Alencar, como visto anteriormente em *Asas de um Anjo* e agora em *Lucíola*. No conjunto dos romances urbanos de Alencar, a questão da prostituição feminina aparece contundentemente debatida na obra *Lucíola*, quarta obra do autor, cuja primeira edição é de 1862. Aqui, o autor tece uma trama de amor entre Lúcia, cortesã de alto luxo na corte, e o jovem Paulo, recém-chegado do interior de Pernambuco, ansioso por experimentar os prazeres da vida no Rio de Janeiro. Ambos se conhecem, ironicamente, no interior de uma igreja, quando é apresentada por um amigo a Paulo (nome do apóstolo):

– Quem é esta senhora? Perguntei a Sá.
A resposta foi um sorriso inexprimível, mistura de sarcasmo, de bonomia e de fatuidade, que desperta nos elegantes da corte a ignorância de um amigo, profano na difícil ciência das banalidades sociais.
– Não é uma senhora, Paulo! É uma mulher bonita. Queres conhecê-la?..
Compreendi e corei de minha simplicidade provinciana que confundira a máscara hipócrita do vício com o modesto recato. Só então notei que aquela moça estava só, e que a ausência de um pai, de um marido ou irmão, deviam-me ter feito suspeitar a verdade.
(ALENCAR, 1998, p. 5)

A resposta do amigo Sá e a observação tardia de Paulo de que a personagem estava desacompanhada, desqualificam-na moral e socialmente. Ao mesmo tempo em que o elogio concedido por Sá revela um conceito da época: a beleza era uma propriedade profana. Aquela mulher bonita é a personificação da primeira mulher:

Elemento obscuro e diabólico, ser que se serve de encantos e astúcias, a mulher é associada às potências do mal e do caos, aos atos de magia e de feitiçaria, às forças que agredem a ordem social, precipitam a putrefação das reservas e das produções alimentares, ameaçam a economia doméstica. (LIPOVETSKY, 2000, p. 233).

Lúcia, batizada como Maria da Glória, tinha propósitos nobres, semelhantes aos de sua antecessora, Carolina, que era encontrar meios para a aquisição dos medicamentos necessários

ao restabelecimento da saúde de seus familiares, que tinham caídos doentes devido a um surto de febre amarela em 1850. Fiel a esse objetivo, se entregou, ainda nos seus quatorze anos de idade, aos desejos de Couto. Conforme Lipovetsky (2000), não lhe restava outra saída, uma vez que “apenas as atividades atribuídas aos homens são fonte de glória e de renome (p.233). Seu pai, após descobrir os meios utilizados pela filha para o custeio do tratamento da família, a expulsa de casa. Lúcia passa, então, a viver, prodigiosamente, gastando a fortuna dos amantes ricos, dando-lhes em troca apenas sexo e desprezo.

Observamos, desse modo, a semelhança do tipo das relações estabelecidas entre a personagem de Alencar e seus clientes e os sentimentos reservados por Margarida, de Alexandre Dumas Filho, a seus amantes burgueses. Essas semelhanças não se restringem somente ao tipo de tratamento que Margarida e Lúcia dispensavam a seus clientes abastados. Alencar também se preocupou em destacar a mudança de caráter e comportamento provocada pela experiência de um amor sincero e verdadeiro.

Sabes que terrível coisa é uma cortesã, quando lhe vem o capricho de apaixonar-se por um homem! Agarra-se a ele como os vermes, que roem o corpo dos pássaros, e não os deixam nem mesmo depois de mortos. Como não tem amor, e não pode ter, como a sua inclinação é apenas uma paixão de cabeça e uma excitação dos sentidos, orgulho de anjo decaído mesclado de sensualidade brutal, não se importa de humilhar seu amante. Ao contrário sente um prazer novo, obrigando-o a sacrificar-lhe a honra, a dignidade, o sossego, bens que ela não possui (ALENCAR, 2006, p. 42).

Nesse sentido, é como as *femme-fatale* que são representadas as meretrizes de luxo: frias, distantes do amor e totalmente entregues a paixões doentias, quando se apaixonam não amam, apenas destroem e consomem seus amantes. Uma representação próxima daquela prostituta bíblica, contra a qual todo cristão é advertido, caso contrário, será em pouco tempo arruinado moral e financeiramente. Como Naná (ZOLA, s.d.), é uma prostituta vampiresca, ansiosa por sugar todo o sangue de seus amantes. As grandes somas de dinheiro gastas prodigiosamente, para a plena satisfação dos caprichos das cortesãs em muito contribuem para a confirmação dessa comparação. Todavia, o amor, com suas propriedades redentoras, surge nas páginas do destino dessas mulheres, tanto em Dumas Filho quanto em Alencar, como o caminho para a regeneração da cortesã degenerada pelo vício da luxúria, discurso próximo das pregações religiosas em toda essa jornada histórica.

Como as aves de arribação, que tornando ao ninho abandonado, trazem ainda nas asas o aroma das árvores exóticas em que pousaram nas remotas regiões, Lúcia conservava do mundo a elegância e a distinção que se tinham por assim dizer impresso e gravado na sua pessoa. Fora disto, ninguém diria que essa moça vivera algum tempo numa sociedade livre. As suas idéias tinham a ingenuidade dos quinze anos; e às vezes ela

me parecia mais infantil, mais inocente do que Ana com toda a sua pureza e ignorância (ALENCAR, 2006, p.103).

Lúcia, assim como Margarida, regenera-se e deixa para trás os caros prazeres e a vida agitada e cheia de excessos que caracterizavam sua vida urbana carioca. Agora, volta-se para a quietude do lar, demonstrando, quase que de forma didática, a ideia do caráter inapropriado da vida pública para as mulheres “honestas”. Vemos as duas personagens sendo conduzidas por seus autores para longe das cidades e de seus vícios mundanos. Praticamente o retorno ao paraíso, do qual não deveriam ter saído.

A obra de Alencar reproduz, crítica e fielmente, um amplo quadro descritivo do Brasil dos meados do século XIX, mostrando uma sociedade que renega os vícios ao mesmo tempo em que os alimenta: “A corte tem mil seduções que arrebatam um provinciano aos seus hábitos, e o atordoam e preocupam tanto, que só ao cabo de algum tempo o restituem à posse de si mesmo e ao livre uso de sua pessoa” (ALENCAR, 1988, p. 16).

É o conceito de que a prostituição é um mal irresistível e necessário, uma eterna ambiguidade. Lúcia corresponde a um perfil de mulher tipicamente alencariano, que vive dividido entre os modelos romântico e realista. Nas páginas iniciais da obra, Lúcia demonstra ser uma mulher forte e decidida, uma prostituta de luxo que participa de orgias noturnas, como foi a festa na casa do Sá, quando subiu na mesa, dançando de forma erótica, exibindo, sem nenhum pudor, toda a sua sensualidade. Ela ergueu a cabeça como se possuída de um orgulho satânico, justamente a causa da queda do anjo, segundo os textos bíblicos, e levantando-se de um salto, agarrou uma garrafa de champanhe, e quando a devolveu sobre a mesa, todo o vinho tinha-lhe passado pelos lábios, nos quais a espuma fervilhava ainda:

[...] Lúcia saltava sobre a mesa. Arrancando uma palma de um dos jarros de flores, traçou-a nos cabelos, coroando-se de verbena, com as virgens gregas. Depois agitando as longas tranças negras, que se enroscaram quais serpes vivas retraiu os rins num requebro sensual (ALENCAR, 1988, p. 42)

Lúcia, a partir da metade da história, torna-se uma mulher frágil, que precisa constantemente recorrer a Paulo, a figura masculina, para sobreviver aos desafios cotidianos que a vida lhe apresenta. Ela, então, abandona todo o luxo e vai viver no campo, em uma casa simples, como se espera de uma verdadeira personagem romântica ou de alguém em busca de redenção. Essa transgressão, esse ir além, e depois ter que retroceder, arrepender-se, é um reflexo dos jogos de poder presentes nos discursos de regulação da sexualidade feminina, que em determinado momento permite a expressão da sexualidade da mulher e depois a

marginaliza, de acordo com o que é considerado digno em cada grupo social e em cada momento histórico. Assim, podemos compreender o discurso como um objeto de poder e não “simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10). Seguindo esse raciocínio, ao refletirmos sobre a maneira como as prostitutas se transformaram e procuraram compreender a si mesmas, podemos notar a resistência em relação aos poderes socialmente normatizadores.

Novamente é mister definir o que se entende por prostituta e prostituir. O dicionário Aulete (1974, p. 2969) define prostituta como: “mulher pública, meretriz”, por prostituição, “vida de devassidão, de impudicícia, ação de vergonhosa condescendência, de vergonhoso servilismo”, e por prostituir “entregar à vida de devassidão, tornar devasso, corromper, desmoralizar, aviltar-se, desonrar-se, descer no nível moral, rebaixar-se”. Houaiss (2010, p. 635) traz a seguinte definição para prostituta: “mulher que ganha dinheiro para manter relações sexuais, meretriz”, e prostituir como “entregar-se ou manter relações sexuais em troca de dinheiro; rebaixar(-se) moralmente; degradar(-se); corromper(-se)”. Essa percepção trazida pelos autores acima descreve a prostituição e a prostituta atrelada a uma visão moralista, valorativa, que objetiva o controle da sexualidade e da expressão sexual feminina. Outros tantos autores descrevem a prostituição como atividade sexual em que se busca meramente uma remuneração financeira, a qual a prostituta é aquela que vive a partir da prostituição deixando de lado uma visão maniqueísta e julgadora.

Porém, Lúcia ainda está sujeita a essa visão e, conseqüentemente, como Margarida e Naná, será punida com a morte. Lúcia, assim como Margarida, também se desfaz de seus caros prazeres e abandona a vida conturbada e cheia de excessos que levava no meio urbano carioca. Rumo à quietude do lar, atualizando a ideia do caráter inapropriado da vida pública para as mulheres consideradas honestas.

É após uma confissão a Paulo, quase como em um ritual católico, e que os dois assumem seus destinos como um só e vão morar em uma casinha em Santa Teresa. Naquele ambiente bucólico, afastada da vida mundana, Lúcia vive apenas para Paulo, em busca da inocência perdida. Ela volta a usar seu nome de batismo, Maria da Glória e, às vésperas da redenção final, fica grávida de um filho de Paulo. Mas nossa heroína não parece digna de uma aventura tão feliz, ela tem que pagar por seus erros. Uma confissão seguida de um exílio não é suficiente. Então, perde o bebê em um aborto e vítima de uma grave infecção morre na penúltima página do romance, nos braços de Paulo. Sua morte, como veremos na descrição abaixo, em muito difere da morte de Naná (ZOLA, s.d.), primeiro porque sua morte é praticamente um ritual de

purificação, de santificação, segundo porque há beleza em seu corpo sem vida, enquanto Naná tem sua morte descrita como um ritual macabro e os que estavam a sua volta tiveram que fechar os olhos para aquele cadáver monstruoso, como foi demonstrado na primeira seção:

– Tu me purificaste unguindo-me com os teus lábios. Tu me santificaste com o teu primeiro olhar! Nesse momento Deus sorriu e o consórcio de nossas almas se fez no seio do Criador. Fui tua esposa no céu! E contudo essa palavra divina do amor, minha boca não a devia profanar, enquanto viva. Ela será meu último suspiro.

Lúcia pediu-me que abrisse a janela: era noite já; do leito víamos uma zona de azul na qual brilhava límpida e serena a estrela da tarde. Um sorriso pálido desfolhou-se ainda nos lábios sem cores: sublime êxtase iluminou a suave transparência do seu rosto. A beleza imaterial dos anjos deve ter aquela divina limpidez. (ALENCAR, 2008, p.126).

“Purificaste”, “santificaste”, “Deus”, “Criador” e “céu” são palavras sacras que Alencar coloca na boca de Lúcia, agora chamada de Maria da Glória, a fim de não restar dúvidas que o sacro vencera o profano. A própria alteração do nome da personagem, essa tentativa de volta ao estado original, voltando as costas para a devassa cortesã Lúcia, é a prova da regeneração. Tais palavras de elevado teor religioso só poderiam brotar da boca de uma Maria. Essa renomeação de personagens não passa despercebida aos olhos de um leitor mais atento. Paulo é também o nome do apóstolo bíblico, que em seus dias de transgressor era chamado de Saulo e quando se converte passa a ser conhecido como Paulo, como uma prova da sua regeneração. Assim, Alencar vale-se de um hábito comum em textos bíblicos para garantir a conversão de sua heroína.

2.7 Ida Pomerikowski, a jornada da segunda mulher

Madame Pommery foi publicada pela primeira vez em 1920, em São Paulo, pela Revista do Brasil. Apesar da pouca notoriedade da obra, especialmente considerando *Lucíola* e *Roque Santeiro* ou *O Berço do Herói*, desde o momento de publicação até hoje, *Madame Pommery* tem despertado a atenção de vários estudiosos, como Lima Barreto, Alceu Amoroso Lima e Eliane Robert Moraes, professora de Estética e Literatura na PUC-São Paulo, que no prefácio da última edição de 1998, aqui utilizada, coloca o autor ao lado de escritores como Machado de Assis e Oswald de Andrade, de quem foi considerado predecessor por Sylvia Helena Telarolli Leite, em 1996. A obra foi também analisada pela historiadora Margareth Rago (2008), para quem a grande contribuição da obra está no fato de retratar a função “civilizadora” da prostituição na cidade de São Paulo durante seu processo de modernização, além de focalizar a

vida e as fantasias que agitavam o seu luxuoso bordel. O romance descreve as transformações dos costumes do mundo da prostituição paulistana, desenhando a missão civilizatória que poderia retirar o país do atraso cultural, através da inauguração do bordel de Pommery, que tem como missão dotar a sociedade de então com códigos refinados de conduta e como bônus a presença de prostitutas disciplinadas para enfeitar um espaço elegante de diversão, de prazer e de sociabilidades múltiplas:

O romance enfatiza a importância do bordel de alta prostituição como “a escola da civilidade”; aí se aprendiam as regras modernas de interação social no submundo, aí desfilavam as modas francesas, feminina e masculina, enquanto se degustavam bebidas importadas, ao som de ritmos agradáveis ou excitantes (RAGO, 2008, p. 200-201).

De acordo com Eliane Robert de Moraes, no prefácio da obra, o título do romance é um jogo de palavras que faz menção a duas mulheres francesas imortalizadas: Madame Bovary, livro homônimo publicado por Gustave Flaubert, em 1857, e Madame Pompadour, distinta senhora da corte francesa do século XVIII, que gozava do título “a favorita de Luís XV”. Com isso, Tácito compõe uma personagem que associa os dotes sedutores de uma aos dotes devassos da outra, respectivamente. Madame Pommery, de origem francesa e recém-chegada ao Brasil, é apresentada como figura fundamental para o processo de modernização do país. Abertamente contra a prostituição “indígena”, ela assume a “missão civilizatória”, que se dá com a abertura de sua “pensão de artistas”, denominada *Au Paradis Retrouvé*, um espaço de sociabilidades e de formação de “profissionais do prazer” para atuarem ativamente nas cenas noturnas. Essas profissionais se diferenciam pela maquiagem no rosto, pelo uso de roupas decotadas e elegantes, pelo uso de adornos como pérolas e brilhantes. Requisites suficientes para saber que se tratavam de cortesãs europeias que agora andavam pelas calçadas paulistanas. São exatamente esses aspectos que distinguem, no início do século XX, a prostituta de rua e a cortesã francesa: a primeira é vítima da miséria e da pobreza, enquanto a segunda é símbolo da modernização, mulher sedutora, atraente e capaz de associar o capitalismo e o prazer libidinoso dos atuantes boêmios que viviam em busca de diversão com belas mulheres. Segundo MORAES (1998, p. 6),

Em oposição à meretriz de rua, geralmente uma antiga escrava estigmatizada como vítima do destino e da pobreza, a francesa era uma figura associada a modernidade. Aos olhos provincianos dos boêmios paulistas, ela oferecia um novo perfil da prostituta, sendo idealizada não só por seu mítico poder de sedução, mas sobretudo por seu domínio das regras do comportamento civilizado.

Assumindo em toda a narrativa um discurso em favor da prostituta, uma série de situações é exposta por Tácito, dentre elas, uma referência às grandes metrópoles mundiais que ele conheceu por meio de leituras, cinema ou conversas com pessoas aculturadas o suficiente. Essa menção às grandes metrópoles visa a mostrar que São Paulo, cidade onde transcorre a trama, estava atrasada em relação às capitais cosmopolitas. Portanto, se em outros países a prostituta tinha franqueado acesso aos espaços de cultura e lazer, restava ao Brasil essa aquiescência, uma vez que modelos de “cultura avançada” eram sempre emprestados de fora. O autor esclarece que a sociedade paulistana ainda estava tentando assimilar a rápida modernidade provocada pela industrialização e pela avalanche de imigrantes que chegaram ao país, criando um quadro oportuno para a chegada de Madame Pommery:

A cidade de São Paulo é uma capital cosmopolita, onde ao antigo elemento nacional, ainda em maioria, se vieram misturar, numa indigesta confusão de raças e de civilizações, outras gentes escumadas de todas as terras do mundo desde a Grécia até o Japão. Daí a grande e natural instabilidade com que aqui se apresentam todos os usos e costumes, sempre inclinados a revestir formas, ora extravagantes, ora ridículas, no seu desenvolvimento excessivamente rápido, e contínuo perturbado por influências forasteiras. (TÁCITO, 2008, p.123).

São Paulo encontrava-se em uma fase de franco desenvolvimento, mesma situação da nossa fictícia Asa Branca, criada por Dias Gomes (2015). Sob o impacto da modernização, do inevitável crescimento sócio-econômico e a expansão demográfica, era natural que acontecessem mudanças culturais, com a modificação dos habitantes da sociedade local, que antes tinham apenas a missa como única opção de lazer. Em São Paulo, a missa era pouco a pouco alternada com as temporadas líricas nos teatros São José e Municipal, ou mesmo com espetáculos do Politeama, todos espaços descritos e registrados na obra de Hilário Tácito. Cafés e novas lojas proliferavam nos centros urbanos e o submundo da cidade também sofreu alterações. A prostituição de luxo, negócio de Madame Pommery e Matilde, que não poupavam esforços, muito menos dinheiro, e no caso de Matilde, estratégia para se estabelecer garantindo o mesmo nível da França. Em momento oportuno teremos, no terceiro capítulo, um aprofundamento na descrição e análise desse espaço de sociabilidade denominado bordel.

Se a chegada de Matilde em Asa Branca não é marcada pelo autor Dias Gomes, podemos inferir que não foi muito diferente do momento que Pommery chega a São Paulo em meio a tantos outros imigrantes, cheia de ambição. E o autor, já nas primeiras páginas, esclarece que em pouco tempo seus objetivos serão alcançados:

Mme. Pommery desembarcou um belo dia em São Paulo, com as suas roliças enxúndias, quatro cançonetas realiejadas, um fato de toureador e dois baús. Começou

pobremamente. Depois cresceu e se multiplicou; granjeou fortuna, importância e honrosa fama, alargando-se cada vez mais por toda a terra seduzida o insidioso influxo da sua personalidade. (TÁCITO, 2008, p.16).

Numa tentativa de angariar a simpatia e a empatia do leitor de 1920, o autor utiliza da ironia e sempre em defesa da prostituta e seu lado profano, considerado essencial e fundamental para a modernização da cidade de São Paulo. Tácito tece um discurso de forte teor bíblico, invertendo esse tradicional discurso e caracterizando as prostitutas como frágeis filhas de Eva e não condenando o comércio sexual, o lenocínio, justamente um dos pontos altamente combatidos pela religiosidade. Para a defesa do profano, o autor seleciona recortes bíblicos nos quais, em um deles, se lê que uma prostituta teve a vida poupada pois escondera consigo dois espias hebreus, uma clara referência a Raabe, já descrita na primeira seção deste trabalho.

Acrescenta a história que esta insigne rameira casou e gerou prole numerosa entre os seus conquistadores. Por onde se vê que o seu bom nome nada perdera, de fato, pelo opróbrio convencional da antiga condição. Mas o melhor de tudo é que este mesmo nome de Rahab reaparece Na Genealogia de Nosso Senhor Jesus Cristo, Evangelho de São Mateus! (TÁCITO, 1998, p. 128).

Tácito recorre, ainda, a outro exemplo, no qual uma prostituta que é perdoada pelo próprio Jesus, como registrado Evangelho de João. Utilizando tal discurso bíblico e deslocando o seu contexto, Tácito confere à prostituta o patamar de “criatura venerável”:

Há na vida das cortesãs, entre tanta ilusória grandeza, um fundo real de humildade verdadeira, que Cristo soube transfigurar em santidade na alma sensível da Madalena. A infâmia do seu estado, o hábito de serem sempre desrespeitadas, tudo contribui para esse efeito, até o mesmo vício — que, assim professado e publicado, é uma constante humilhação levada com mansuetude. De maneira que a humildade destas pecadoras lhe parecia a Ele, mais conforme ao seu meigo coração do que a soberba honestidade das “outras”, impantes de virtuosas. Por isso a contrita Maria Madalena foi santificada pelo próprio Cristo para se tornar a Precursora de uma venerável família de santas-cortesãs. Nesse fundo de legítima humildade, que existe no seio de tantas pecadoras, previa o Senhor que se encontraria bastante mérito obscuro para ser transmutado em muitos resplendores de beatitude. (TÁCITO, 1998, p. 129).

Tácito considera todas as prostitutas como mulheres gentis e humildes, como as citadas nos dois episódios bíblicos acima. Essa generalização estabelece, por fim, uma ousada conexão entre santidade e prostituição, colocando a cortesã no papel de uma civilizadora, uma educadora de bom gosto. Esse intrigante ponto de vista de Tácito ganha maior ênfase com a exposição das biografias de cortesãs que se tornaram santas, como Santa Taís, Santa Maria Egípcíaca e Santa Pelágia de Antioquia:

Não há poesia mais suave nem mais confortadora lição, do que a contida nessas singelas narrativas de Áurea Legenda, de Jacopo de Viraggio, quando nos conta as vidas milagrosas dessas santas, cuja primeira escola de amargura foram os ricos lupanares. Santa Taís foi mulher de vida airada, e tão bela, em tanto extremo, segundo se lê na Vida dos Padres — “que muitos homens ricos venderam por amor dela tudo que possuíam caindo na mais completa pobreza. O ciúme dos seus amantes provocava brigas encarniçadas; e a porta da casa tingia-se muitas vezes de sangue” Cortesã foi também Santa Maria Egípcíaca — e das mais conspícuas, pelo apuro da sua grande humildade. Tanto assim que não hesitou, sequer, em pagar com o próprio corpo o preço vil que uns marinheiros lhe pediam para levarem a Jerusalém. E foi desta maneira, mostrando um tamanho desprezo de si mesma, que conseguiu se aproximar da Verdadeira Cruz. Mas a cortesã mais admirável de todas, como santa, foi sem dúvida, Santa Pelágia de Antioquia. Foi uma grande santa, não menor cortesã. E antes mesmo de ser santa, sendo apenas cortesã — já despertava a admiração do santo bispo Verônio (TÁCITO, 1998, p.129).

Madame Pommery, quando da sua vinda ao Brasil, não tendo recursos para custear sua viagem marítima, recorreu a meios que poderiam ser considerados indignos, não fossem estes mesmos meios outrora utilizados por uma das santas descritas acima:

O seu sistema de pagar a viagem sem dinheiro foi, decerto, engenhosíssimo, mas não original. Porque foi o mesmo, exatamente, empregado há quase dois mil anos por Santa Maria Egípcíaca. Esta santa também pagou do seu próprio corpo a viagem que empreendeu de Alexandria, onde era mulher pública, a Jerusalém, onde viu a Cruz e se santificou (TÁCITO, 1998, p. 35).

Matilde também, como veremos na terceira seção deste trabalho, recorrerá a meios ilegais para concretizar a abertura de seu bordel.

2.8 A redenção ainda é necessária

Ao utilizar o discurso de teor religioso, parodiando-o, com o franco objetivo de suavizar a imagem da cortesã, e de uma forma tipicamente carnavalesca, Tácito exclui de suas hagiografias o fato daquelas prostitutas terem se tornado santas somente após o profundo arrependimento da vida que levavam. Outrora prostitutas, essas mulheres se arrependeram, se converteram, renunciando a suas vidas mundanas e passando a viver como santas. Ao fazer isso, o autor “elimina definitivamente a distância que existe entre prostituição e religiosidade, paraíso e inferno, moralidade e imoralidade, vida em família e vida mundana” (BOAINAIN, 2008, 38). No caso de Madame Pommery, como já dito anteriormente, suas caras joias e roupas e sua ascendência europeia lhe garantem circular pelos salões de São Paulo, mas o respeito da sociedade só advém quando do seu casamento, “Para concretizar a sua miragem, precisava unicamente de um esposo, por causa do tal preconceito que lhe exigia o casamento, como sinal

de regeneração. O mais havia de vir, e viria certamente, porque são coisas que se vendem.” (TÁCITO, 2008, p. 148).

E assim como conduzira tão bem seus planos de ascensão financeira, ela traça seus planos para o golpe final, quando, então, seria plenamente aceita nas mais altas aristocracias:

A única coisa que lhe faltava, para o coroamento de sua vida, era o ingresso franco do grêmio social aristocrático. Mas havia um preconceito que lho vedava, a menos que se reconciliasse com as formalidades da moral. Esta reconciliação, que já estava feita no caso de Zoraida, resumia-se numa simples cerimônia ao alcance de qualquer pessoa de boas partes:

– Casamento.

– Só isso?

– Só.

(TÁCITO, 1998, p.147)

Aquilo que o autor omitira nas biografias das santas-cortesãs, ele escancara na história de Ida Pomerikowski, e ele o faz utilizando mais uma vez a ironia e o sarcasmo. Já no início da narrativa apresenta Zoraida, uma personagem que teria empreendido uma jornada semelhante à de Madame Pommery e se naquela altura era uma senhora respeitável devia isso aos laços matrimoniais. Possivelmente, o leitor e a protagonista pensaram que poderia haver outro meio pra atingir esse fim, até mesmo porque Tácito nos ilude o tempo todo com seu discurso elogioso e conduzindo a personagem fazendo-a transpor inúmeros obstáculos. Mas esse último ela não consegue. É o último resquício da moralidade cristão, o último preço a se pagar. Ao que Madame Pommery não se esquivava, afinal ela ainda está presa ao estereótipo da segunda mulher, quando:

[...] admiram-se os efeitos benéficos da mulher sobre os costumes e a polidez e sacraliza-se a esposa-mãe-educadora. Por mais diversos que sejam, esses dispositivos têm em comum o fato de colocarem a mulher em um trono, magnificando sua natureza, sua imagem e seu papel (LIPOVETSKY, 2000, p. 234).

Esse estereótipo que enaltece a figura feminina, cobrindo-a de louvores e honras, não aboliu a realidade da hierarquia social dos sexos. À mulher, ainda não é permitido o desempenho de qualquer papel na vida política, ela ainda deve obediência ao marido e lhe é negada a independência econômica e intelectual, mas paradoxalmente, cobra-se dela a tarefa de civilizar comportamentos e de exercer uma influência oculta nos grandes acontecimentos mundiais, funções que ela desempenha com êxito, pois, segundo Lipovetsky, “Difunde-se, a partir do século XVIII, a ideia de que a força de sexo fraco é imensa, de que detém, apesar das aparências, o verdadeiro poder, tendo o domínio sobre os filhos, exercendo seu império sobre os homens importantes” (LIPOVESTSKY, 2000, p. 236).

A doença, a morte ou o casamento eram símbolos de regeneração que a sociedade impunha a essas mulheres e os autores reproduziam esse comportamento moralista com suas personagens. Assim foi com Naná, Margarida, Carolina, Lúcia e até mesmo com Madame Pommery. Contudo, Matilde não se submeterá a esse processo punitivo. E Dias Gomes, também, em momento algum utilizará de semelhantes expedientes, como a suavização de caráter, para que o leitor/espectador aceite Matilde. Pelo contrário, a inserção total de Matilde na sociedade de Asa Branca se dá somente quando comete um crime, tornando-se cúmplice de seus opositores, os quais passarão a lhe dever esse favor, o de ter resolvido o dilema da próspera cidade, e, em troca, lhe concederão o alvará fiscal e social para a abertura do seu estabelecimento, a Boate Sexu's.

Diferentemente de Naná, Madame Pommery trata muito bem seus clientes, os ilude. É bem verdade, inclusive com os altos preços cobrados pelo champanhe, mas nunca a ponto de levá-los a ruína, quer seja moral ou financeira. Ela usa os homens, toma-lhes alta soma por empréstimo, consegue com eles alvarás que permitem o funcionamento do bordel, consegue que lhe driblem leis e infrinjam normas, assim como consegue atrair como clientes homens importantes que conferem ao estabelecimento o ar de respeito que tanto precisa. E assim que esses homens cumprem suas funções, Madame os despede, desvencilhando-se de cada um deles, colocando-os no seu devido lugar. A partir de Lipovetsky (2000), podemos afirmar que em Madame Pommery “as feministas reconhecerão uma última forma de dominação masculina” (p. 236).

Em todo o tempo, a personagem tem em mente um plano a ser seguido, do qual não se desviará:

O campo era vasto, pingue e quase inculto. E, quando pudesse realizar seus planos financeiros, haviam de pasmar os economistas diante de tanta riqueza insuspeitada. Porque Mme. Pommery já elaborava planos. Tinha o coronel, matéria-prima; o braço e a iniciativa. Só lhe faltava o capital. Mas já ia se aplicando, para obtê-lo, em granjear por simpatia algum sócio capitalista dentre vários que guardava de olho com a prudência das serpentes. (TÁCITO, 2008, p. 47).

E quando Madame Pommery inaugura seu espaço na capital paulista, ela o batiza como “Paradis Retrouvé”. Um nome que, em português significa “Paraíso Reencontrado”, faz clara alusão ao paraíso cristão, enfatizando o jogo de contrários próprio do procedimento irônico, que permeia toda a obra.

Os quartos, onde os clientes eram atendidos intimamente, ficavam no andar superior e o acesso a eles se dava por uma escadaria estreita de madeira e não era qualquer um que poderia

lhe galgar os degraus, assim como, de acordo com os ditames cristãos, não seria qualquer um que chegaria aos céus:

Entre o cliente recém-chegado e a escada do paraíso postava-se pois Mme. Pomery. Esta posição especial, ou (se quiserem) estratégica, deve ser notada para se entender que a escada, embora subisse ao Paraíso, não era nenhuma escada de Jacó por onde os “anjos” pudessem livremente subir e descer. (...) Seu primeiro cuidado foi justamente o de se pôr de guarda alerta no pé da escadaria a exemplo do querubim à porta do Éden. Pois era artigo primordial dos seus estatutos que ninguém subisse ao Paraíso sem que primeiro se apurasse, atravessando o purgatório. (TÁCITO, 2008, p. 73).

Assim como o acesso a uma alcova no bordel luxuoso paulista de Madame Pomery significaria o acesso ao paraíso a muitos dos seus clientes, o acesso aos salões da alta sociedade seria, em proporções semelhantes, o acesso ao paraíso para a protagonista. E, nesse caso, a escada seria, além dos impostos a serem pagos, o cumprimento das diversas obrigações morais impostas pela sociedade local. E os guardiões dessa escada seriam justamente os representantes leigos e clérigos da sociedade paulista. Temos, aqui, uma representação perfeita do purgatório, de acordo com a mentalidade cristã católica, um espaço onde os pecados deveria ser todos expurgados. Todas as personagens prostitutas citadas tiveram que passar por esse espaço, nem mesmo Matilde, em sua altivez, se viu livre de galgar, um a um, esses degraus para ter, finalmente, a obtenção do alvará para o funcionamento de sua boate, o que, semioticamente falando, nada mais é do que o pagamento de pedágios para que uma prostituta pudesse participar ativamente da comunidade local. Margarida, Naná e Lúcia só puderam gozar desse direito, ou privilégio, após suas mortes. Pomery e Matilde, puderam, enquanto vivas, adentrar ao paraíso, demonstrando a mudança do olhar histórico direcionado à prostituta no decorrer dos tempos.

Até o início do Século XXI, diversos romances foram publicados, contendo em suas páginas a figura da prostituta. Destacamos abaixo alguns deles, em ordem cronológica, obedecendo a sequência: nome da obra, autor, data da primeira publicação e nome da personagem. A leitura dessa tabela, adaptada a partir de um quadro original de Vieira (2016), permite observar que na tradição literária brasileira coube, na maioria das vezes, aos homens desenhar a imagem da prostituta nas narrativas, como é o caso das obras selecionadas para esse trabalho:

Lucíola, de José de Alencar (1862) - Lúcia

Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis (1881) - Marcela

O cortiço, de Aluísio de Azevedo (1890) - Léonie e Pombinha

O Bom Crioulo, de Adolfo Caminha (1895) - Dona Carolina

Maria Dusá, de Lindolfo Rocha (1910) - Maria
Madame Pommery, de Hilário Tácito (1920) - Madame Pommery
Alma, de Oswald de Andrade (1922) - Alma
Vertigem, de Laura Villares (1926) - Luz
A bagaceira, de José Américo (1928) - Soledade
O mistério do cabaré, de Armando Soares Caiuby (1931) - Maria Alice
Os Corumbas, de Amando Fontes (1933) - Rosenda, Albertina e Joana
Marafa, de Marques Rebelo (1933) - Rizoleta
Lapa, de Luís Martins (1936) - Odette
A estrela sobe, de Marques Rebelo (1939) - Leniza
Seara Vermelha, de Jorge Amado (1946) - Marta
Passos perdidos, de Dyonélio Machado (1946) - Dorinha
A mulher que traiu, de Menotti Del Picchia (1950) - Nora
Um ramo para Luísa, de José Condé (1959) - Luísa
Pastores da noite, de Jorge Amado (1964) - Otália
Tereza Batista cansada de guerra, de Jorge Amado (1972) - Tereza
Beco da fome, de Orígenes Lessa (1972) - Isaura
Tieta do Agreste, de Jorge Amado (1979) - Tieta
A polaquinha, de Dalton Trevisan (1985) - Polaquinha
Hilda Furacão, de Roberto Drummond (1991) - Hilda
Cerimônias do esquecimento, de Ricardo Guilherme Dicke (1995) - Rosaura
O voo da guará vermelha, de Maria Valéria Rezende (2005) - Irene

SEÇÃO 3 – MATILDE, A TERCEIRA MULHER: UMA CORTESÃ EM ASA BRANCA

Iniciamos, aqui, a análise da personagem principal desta pesquisa, Matilde, criada por Dias Gomes em *Roque Santeiro ou O Berço do Herói* (2015). Diferentemente da personagem da telenovela, na qual foi representada pela atriz Yoná Magalhães, a personagem teatral é fundamental na trama, é ela, junto com a personagem, que dá nome à peça, que provoca o caos na cidade fictícia de Asa Branca. E é a ela, e não aos homens poderosos da cidade, que caberá a solução desse conflito. E se a qualificamos como a terceira mulher, é porque assumimos o conceito de Lipovetsky:

[...] um novo modelo que comanda o lugar e o destino social do feminino. Novo modelo que se caracteriza por sua autonomização em relação à influência tradicional exercida pelos homens sobre as definições e significações imaginário-sociais da mulher (LIPOVETSKY, 2000, p. 236).

Os dispositivos que constroem o modelo da terceira mulher, de acordo com Lipovetsky (2000), são, entre outros, o “descasamento”, a liberdade sexual, o controle da procriação e a legitimidade do trabalho feminino. Se, até então, a existência feminina sempre se submeteu às tarefas subalternas definidas pela comunidade social, como casar e ter filhos, o destino feminino entra em uma era de imprevisibilidade a partir de inúmeras perguntas como:

O que estudar? Tendo em vista qual profissão? Que planos de carreira adotar? Casar ou viver em concubinato? Divorciar-se ou não? Que número de filhos e em que momento? Tê-los no quadro da instituição matrimonial ou fora do casamento? Trabalhar em tempo parcial ou em tempo integral? (LIPOVETSKY, 2000, p. 237).

A primeira e a segunda mulher estavam subordinadas ao homem, já a terceira é sujeita de si mesmo, não mais uma criação ideal do mundo masculino, mas uma autocriação feminina (LIPOVETSKY, 2006). Se a mulher comum, na esfera do privado e do público, beneficiou-se com a apresentação desse novo modelo de mulher ao mundo, também a prostituta, especialmente a cortesã, tem aí uma chance maior de exercer o seu ofício, não tendo mais que ser duramente punida pela realidade social ou literária. É nesse momento histórico que surge Matilde, sem passado, sem genealogia, mas com um futuro, que por si mesma será decidido, ainda que tenha que fazer conluio com o violento mundo masculino. Mas um pouco antes, falaremos sobre o autor e seu lugar na escrita dramática brasileira.

3.1 Um dramaturgo criador de tipos brasileiros

Dias Gomes, alcunha literária de Alfredo de Freitas Dias Gomes, nasceu em 19 de outubro de 1922, na cidade de Salvador, Bahia, iniciou seus estudos em sua cidade natal, continuando-os mais tarde no Rio de Janeiro, onde passou a viver com sua família, a partir de 1935. Sua estreia na dramaturgia nacional foi em 1937, com o texto *A Comédia dos Moralistas*, vencendo o concurso do Serviço Nacional do Teatro em 1939. Em 1942, estreou com sucesso no teatro profissional com a comédia *Pé de Cabra*, encenada no Rio de Janeiro, tendo Procópio Ferreira à frente do elenco. Em 1943, seu drama antinazista *Amanhã Será Outro Dia* foi encenado pela Comédia Brasileira, uma companhia oficial. Ainda nesse mesmo ano assinou um contrato de exclusividade com Procópio Ferreira, que viria a encenar outras três peças de sua autoria: *João Cambão*, *Zeca Diabo* e *Doutor Ninguém*. Em 1944, a convite de Oduvaldo Vianna, passou a trabalhar na Rádio Panamericana, em São Paulo, onde adaptava romances, peças e contos. Em 1969, sofrendo cortes da Censura em quase todas as suas peças e sentindo que dificilmente poderia dar continuidade à sua obra teatral, a não ser que se adaptasse ao modelo imposto pelo regime vigente, preferiu experimentar um novo meio de expressão: a televisão.

Nunca traindo sua temática, levou para a televisão suas preocupações políticas e sociais, escrevendo uma série de telenovelas de grande sucesso junto ao público brasileiro, que acrescentaram ao gênero um elevado nível artístico e uma linguagem própria. Tal decisão provocou alvoroço entre os companheiros do Partido Comunista, que julgavam a televisão um sistema capitalista. O Brasil vivia os tempos do regime militar e a Censura apertava a vigilância e o cerco contra autores considerados subversivos. Dias Gomes optou por ignorar as ameaças e provou que telenovelas não precisam ser açucaradas, mas poderiam ser espertas, ácidas e divertidas: “Nenhuma arte é menor ou maior, existem autores maiores e menores, estava destinado a provar isso”. (GOMES, 2001, p. 256). *A Ponte dos Suspiros*, *Verão Vermelho*, *Assim na Terra como no Céu*, *Bandeira 2*, *O Bem-Amado*, *o Espigão*, *Saramandaia*, *Sinal de Alerta* e *Roque Santeiro* fazem parte de um ciclo que tentou, através da televisão, mostrar um vasto painel da nossa realidade, levando, então, ao espectador a consciência da necessidade de transformá-la. Foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras em 1991 e, em 1998, lançou sua autobiografia intitulada *Apenas um Subversivo*, na qual deixou claro que:

O teatro deve ajustar-se ao mundo e estar apto a reproduzi-lo, mas é preciso também que seja capaz de atuar concretamente sobre ele. E, como o mundo atual só pode ser entendido como um mundo em transformação, daí se infere que toda poética brechtiana do drama e do espetáculo deve ser encarada, dialeticamente, como uma

teoria em movimento, sujeita a novos ajustes e novas realidades. Sim, o teatro não pode transformar o mundo, mas por seu intermédio, podemos, sem dúvida, transmitir a consciência da necessidade dessa transformação. E, ao contrário do que julgam os que defendem para a arte uma titude irresponsável perante a história, isso não constitui um abastardamento, mas o reconhecimento do humanismo sem o qual ela carece de qualquer sentido. Para minha satisfação, a crítica mais esclarecida entendeu perfeitamente meus propósitos nessa experiência que marcava uma nova etapa no meu teatro. (GOMES, 1998, p. 304-305).

Em 1999, um acidente estúpido tirou de cena Dias Gomes. Aos 76 anos, morreu num acidente de carro em São Paulo. Muita gente pode não saber quem foi Dias Gomes, mas certamente conhece alguns dos personagens que criou, sempre inspirado em tipos brasileiros. Personagens que sempre lembrarão ao espectador, no teatro e na televisão, a importância da eterna luta pela liberdade de escolha.

3.2 Apresentação da obra e sua fortuna crítica

O berço do herói, comédia política escrita em 1963, estava pronta para subir ao palco pela primeira vez em 1965, porém como o Brasil vivia sob os ditames da ditadura militar, duas horas antes da estreia, a peça foi proibida pela censura. Anos depois, com o título alterado para “Roque Santeiro”, esteve a ponto de se transformar em uma novela, mas novamente foi censurada. Justifica-se toda essa proibição devido ao fato de a peça abordar o tema do mito do heroísmo, desconstruindo esse mesmo mito. Era um tema assaz delicado para o momento que o país vivia, quando toda e qualquer manifestação artística estava subordinada a uma censura prévia.

O processo de democratização tornou-se uma realidade em 1985 e, graças a isso, a novela foi ao ar, com um outro elenco, alcançando grandes índices de audiência no Brasil e no exterior. Esse fato levou o autor, então, a reeditar o texto original, agora sob o título de *Roque Santeiro ou O Berço do Herói*, com vários pontos alterados, especialmente os nomes das personagens e enriquecendo o texto com algumas cenas sugeridas pela novela. E é esse texto que utilizamos para essa análise ainda que vez ou outra visitemos o texto original, até porque a escassa fortuna crítica existente refere-se ao texto primitivo *O Berço do Herói*. Em 1985, o Brasil conhece e se apaixona por Sinhozinho Malta e a viúva Porcina. Estava na boca do povo o jargão de Malta “tou certo ou tou errado?”. Diferentemente do texto teatral, o roteiro da novela coloca Matilde em um segundo núcleo e tira de suas mãos a solução do conflito que angustia Asa Branca, situação que este trabalho pretende reverter, trazendo luz sobre a personagem Matilde.

A história ocorre no período após a Segunda Guerra Mundial e Roque está de volta à Asa Branca quinze anos depois do final da guerra, em 1960, quando foi concedida, pelo governo à Anistia, aos considerados desertores. Mas se torna claro que Dias Gomes utiliza esse artifício digressivo como uma forma de se referir ao tempo em que o livro foi escrito, na ditadura militar dos anos 1960 – recurso semelhante fora utilizado em *O Santo Inquérito* (2001). Ao criar a personagem sob a forma de um herói militar, o autor, dramaticamente, critica o comportamento das Forças Armadas e só pôde fazer isso através de uma história fictícia, deslocada do tempo real, em uma cidade também fictícia, Asa Branca, uma metonímia do Brasil. Segundo Paulo Francis, que prefaciou a obra original, e por esse ato, foi levado à prisão:

A peça é, naturalmente subversiva. O cabo Jorge teve medo na guerra, quando é sabido que o militar local nunca tem medo. [...]O Cabo Jorge errou, o General que o acoberta, idem. São pensamentos heréticos que o autor deitou ao papel. Por muito menos, diversos assistentes de torneiros, auxiliares de mecânico e outras figuras de grande influência na vida do Brasil se viram privados de seu sustento, punidos pela nova ordem (GOMES, 2015, p.10).

Mas como não considerar subversivo um texto que apresenta Asa Branca como uma comunidade que é manobrada pelos chefes da cidade, os quais se sentem ameaçados pelo retorno do homem-Roque, aquele que pode expor a corrupta engrenagem progressista, capitalista e política movimentada pela exploração do mito?

Acreditamos que os comentários críticos acerca de uma obra constituem um dos meios que permitem o acesso ao efeito, à mobilidade do seu valor artístico e a referenciais que enriquecem a sua recepção. Desse modo, não se poderia deixar de recorrermos e mencionarmos a fortuna crítica de *Roque Santeiro* ou *O Berço do Herói*. Contudo, pela escassez de registros críticos relativos especificamente a essa obra, utilizaremos da paráfrase a comentários concernentes à dramaturgia criada por Dias Gomes. A escolha das abordagens críticas se pautou pela menção à peça analisada e/ou considerada juntamente com outros textos dramáticos que compõem a totalidade da produção dramática do autor, deixando de fora os roteiros das telenovelas.

A produção dramática de Dias Gomes foi sempre reconhecida como uma das mais sólidas e continuadas carreiras dramáticas do teatro brasileiro, inaugurada com *O Pagador de Promessas*. Com uma trajetória literária pontuada pela produção de textos que alcançaram êxito e outros não tão bem-sucedidos, segundo MAGALDI (2001, p. 305), o motivo dessa oscilação na recepção das composições dramáticas de Dias Gomes deve-se ao fato de que algumas peças ficaram aquém da qualidade artística de títulos mais expressivos (entre estes Magaldi cita *O Berço do Herói*) pela vinculação a um "esquema demasiado racional, dentro de

uma quase tirania ideológica, a que ele submete suas histórias, que ganharia, se ele desse livre curso à imaginação".

A contribuição do trabalho do autor para o teatro brasileiro também é reconhecida por Décio de Almeida Prado, contribuição essa marcada pelo constante uso de recursos que compõem uma "carpintaria segura, e bom artesanato" (PRADO, 1996, p.87). Recursos apontados pelo crítico como sendo: a concentração da ação no espaço e no tempo, à maneira antiga, objetivando a economia do palco quanto à mudança de cenas; a expansão e abertura da partitura da peça pela divisão, à maneira moderna, em pequenos quadros sucessivos; a organização perspectivística do enredo, o que o faz caminhar sem que haja confusão sobre os planos da peça ou perturbação da hierarquia instituída entre as personagens. Carpintaria essa pautada pelo contato com públicos mais simples; diálogo que se reflete na técnica utilizada, proporcionando uma reciprocidade com o leitor de modo direto e claro, não obstante sua complexidade. ROSENFELD (1972, p. 43) também tece comentários em relação à produção dramaturgica de Dias Gomes e especificamente à obra *O Berço do Herói*.

Quanto à produção total, o crítico declara que há a apresentação e a análise de um mundo constituído por "condições, atitudes e tradições cerceadoras, de forças mancomunadas com a inércia, a estreiteza ou a hipocrisia". Aquele mundo é marcado por conflitos e embates que coreografam uma luta, incessante, franca e dúbia, coerente ou não, pela liberdade e pela emancipação, pela dignidade e pela valorização humana.

Desse modo, em *O Berço do Herói*, a relação contraditória entre o progresso e a degradação moral é descrita de modo contundente em sua própria lógica interna e na riqueza de pormenores desmascaradores de mecanismos sociais classificados como pervertidos. O autor ainda declara que essa relação é feita de forma a mesclar a aspereza e o hilariante, dando eco ao comentário de Magaldi quanto aos altos e baixos existentes na produção de Dias Gomes, expondo que há "momentos, em uma ou outra peça, [...], em que se desejaria que as aspirações do autor se aproximassem mais dos seus grandes dotes." (ROSENFELD, 1972, p. 43). O mesmo crítico ainda acrescenta que, a despeito dessa inconstância no trabalho criativo do dramaturgo, o conjunto da obra se apresenta repleto de grandes invenções e habitado por uma humanidade exemplar seja em estados de glória e na miséria, informando que o traço que diferencia as peças sempre "abertas ao sublime, sensível à grandeza trágica é a riqueza de imaginação", a variedade de personagens "vivos" e a "extraordinária" escala emocional que projeta seus destinos comoventes do riso ao choro, nas variadas matizes do humor, do sarcasmo e da ironia (ROSENFELD, 1972, p. 43). O autor, assim como outros, avalia que a obra do autor expressa uma imagem crítica da realidade brasileira, no que ela tem de caracteristicamente brasileiro e

de tipicamente humano, vaticinando que "a crítica, porém, mesmo quando acre, se nutre de esperança e do amor. Por isso a obra é amável e respira futuro. Dramaturgo de saltos e mutações, Dias Gomes nos proporcionará ainda muitas surpresas." (ROSENFELD, 1972, p.43).

Segundo Déa (2005), a partir do contato com a fortuna crítica da dramaturgia de Dias Gomes, sob o formato de apreciações críticas dirigidas às suas peças, é possível ao leitor/espectador/pesquisador avaliar se a peça continua rica na expressividade de seu enredo e como se dá a articulação estética (o potencial de teatralidade) e ideológica (ideias, valores sobre o mundo empírico):

O leitor pode perceber que, quanto à expressividade da história, o tom de denúncia trazido pela realidade recriada ainda produz efeitos de reflexão sobre a realidade empírica, pois ainda oferece uma representação crítica da realidade brasileira, e, através dela, chega ao universal, pois a corrupção, a sede de poder, a barbárie social (e não apenas da guerra), a necessidade de se reconhecer o indivíduo em sua humanidade e os condicionamentos à liberdade individual, em maior ou menor grau, não conhecem divisas; as notícias cotidianas confirmam tal avaliação. Quanto à dramaturgia, a estilização da proposta para os cenários, as linguagens não-verbais, a metateatralidade, os recursos épicos, a evolução do enredo e da ação e a linguagem empregada nos diálogos fazem evoluir a narrativa e a encenação imaginária da peça, promovem a visão do fazer dramático-teatral e, portanto, apelam à atividade produtiva do leitor/espectador nos vários níveis da composição dramática (DÉA, 2005, p. 69).

A expressão ideológica de *O Berço do Herói* pode ser percebida como excessiva, provavelmente pela peça estar muito afastada do clima repressivo da ditadura militar, ao qual o dramaturgo constituiu engajada oposição, ou ainda pelo relevo didático presente no texto; "dentro de uma quase tirania ideológica", como ponderou Magaldi (2001). A partir de agora, nosso olhar desloca-se para a personagem Matilde, a dona da boate, sobre quem há pouquíssimos olhares acadêmicos até o momento presente.

3.3 Matilde, uma cortesã em Asa Branca

*Não te deixes ir atrás dos artifícios da mulher,
porque os lábios da prostituta são como o favo que destila o
mel,
e suas palavras são mais suaves que o azeite;
mas seu fim é amargo como absinto,
e cortante como uma espada bigume.*
(Provérbios, 5,2-4)

Foi a partir do Renascimento que o vocábulo "cortesã" passou a abrigar em si os conceitos da palaciana e da prostituta, de acordo com Griffin (2003). A diferença é uma questão de ordem econômica: enquanto a prostituta comum vive nas ruas ou em um bordel com várias outras, e tem como rotina satisfazer inúmeros clientes e deve prestar contas em um contrato de submissão a um cafetão, ainda de acordo com Griffin (2003), a cortesã goza de uma boa posição financeira, tem um ou poucos clientes, possui morada própria e não se submete a outrem. Ambas compartilham a origem miserável, com poucas exceções, mas esta última, em algum momento da jornada, talvez por melhor sorte, ou mesmo por melhor educação, resolve ser senhora de si mesma, torna-se independente e passa a gerir seus próprios negócios. A prostituta rica passa a ser denominada "cortesã" por adquirir o comportamento das damas da aristocracia e por se fazer presente, de forma clandestina ou de cabeça erguida e trajando chapéus e vestidos caros, no mesmo círculo social. Madame Pommery, Naná e Lucíola, como personagens literárias, encaixaram-se perfeitamente nessa descrição. E Matilde, como veremos nesta seção final, é uma cortesã contemporânea, com sotaque nordestino e habilidades francesas. Uma cortesã era, sobretudo, uma mulher financeiramente independente:

Durante os vários séculos em que as cortesãs praticaram suas habilidades, as mulheres viviam muito mais reclusas e subordinadas a disciplinas rígidas do que hoje. Exceto entre as cortesãs, se uma mulher fosse rica, essa riqueza quase nunca era sua, ela dependia da beneficência, permissão ou parcimoniosa mesada de um pai, irmão ou marido para fazer uso do dinheiro. Portanto, não era comum, até no caso de mulheres de famílias ricas, elas terem independência financeira. Embora uma dependência luxuosa possa soar atraente, a dependência econômica implicava perder a liberdade. Uma mulher da alta sociedade não era dona das casas que habitava, ela não podia, de fato, comprar uma casa se quisesse, nem mesmo móveis, porcelanas, joias, roupas ou comida sem aprovação, e também não podia viajar para onde quisesse, e nem sozinha. Ela era controlada por aqueles que controlavam os cordões de sua bolsa (GRIFFIN, 2003, p.22).

Desde a primeira seção deste trabalho, destacamos a cortesã como a mais alta posição numa possível hierarquia na prostituição. Posição ocupada por aquela que sabia ler, falar e pensar, cujas habilidades eram sempre utilizadas para ganhar dinheiro. A cortesã era a empresária do sexo, aquela que despida de qualquer pudor mantinha um bordel como qualquer comerciante manteria sua loja ou oficina. Embora ciente de que a mercadoria com que trabalhava fosse sempre vista com maus olhos por conservadores e religiosos, a cortesã sempre achou escapes para manter ativo o seu negócio ao longo dos séculos. Sua vasta clientela era sempre representada por homens do alto escalão, seja intelectual ou financeiro, de jovens mancebos estudantes a sexagenários barões ou políticos.

Como o bordel esteve, em vários momentos históricos e geográficos, relacionado a um espaço cultural, foi também sempre local de encontro para artistas boêmios, assim como para apreciadores de espetáculos teatrais, muitas vezes acompanhados por suas mulheres. Vinhos e champanhes, sempre com preços altíssimos, garantiam conversas e discussões animadas sobre todo e qualquer assunto. Subir as escadas de um bordel em direção a um daqueles quartos aveludados era o ponto alto da noite, e era também o que custaria as últimas notas de dinheiro no bolso de um cavalheiro ou assinatura de promissórias que eram cobradas sem dó nem piedade no dia seguinte. Esse espaço era administrado pela cortesã, geralmente uma mulher mais velha, que havia aprendido os meandros do negócio ao longo de sua carreira e, agora, numa espécie de auto-promoção, era a senhora de seus próprios negócios, uma justificativa para a denominação mulher-loba (DURIGAN, 2001).

Tal como uma cortesã, que embora frequentando altos salões, não tinha nenhum título de nobreza, garantido por filiação ou algum casamento, e por isso mesmo, sua presença causava estranhamento, Matilde surge na obra *Roque Santeiro ou O Berço do Herói* sem nenhuma genealogia, nem mesmo um sobrenome, diferentemente de sua antecessora, Madame Pommery. Nas páginas 16 e 17 da peça, no Ato I, primeiro quadro, no qual o autor apresenta e descreve física e intelectualmente as personagens principais como Porcina, Chico Malta, Florindo Abelha, Padre Hipólito, Mocinha, Zé das Medalhas e Dona Mocinha, registramos a ausência de Matilde, justamente aquela que, assim como a personagem-título, serão aqueles que conturbarão o cotidiano da pequena cidade de Asa Branca, produzindo ações que forçarão uma reação das demais personagens, e criando todo o enredo do texto teatral. A ausência de Matilde nessas didascálias causaria ainda maior estranhamento, não fosse também o caso da ausência da descrição física e moral da personagem-título. Num recurso dotado de ironia e significações, o autor permite que essas personagens se apresentem por si mesmas. E é o que acontece na página 23 do Ato I, com a seguinte rubrica: “(Entram Matilde, Ninon e Rosali)” (GOMES, 2015, p. 23).

Essa simples instrução de cena é suficiente para provocar as seguintes reações de Mocinha e Pombinha, as fiéis representantes do sacro nessa trama tão humana e demasiado profana: “MOCINHA (*Escandalizada*): Olha que atrevimento! / POMBINHA: Essas mulheres aqui... é muito desaforo!” (GOMES, 2015, p. 23).

As reações de Mocinha e Pombinha descrevem com apuro e exatidão as respostas emocionais que a aparição de mulheres como Matilde, Ninon e Rosali provocavam ao se “atreverem” a frequentar os mesmos espaços, públicos e privados, sacros e profanos, que a

sociedade frequentava. Esse “atrevimento” e esse “desaforo” sempre foram os adjetivos que descreviam a presença dessas mulheres, ato pelo qual sempre houve um preço a pagar.

O livre trânsito de prostitutas nas ruas de uma cidade sempre foi visto por muitos como uma afronta, uma ameaça aos bons costumes e aos valores da família. Esse conceito esteve baseado nas teorias médico-sanitaristas do século XIX (ENGEL, 1989) criadas em um contexto de modernização dos centros urbanos europeus e apropriadas no Brasil republicano. Tais teorias costumavam responsabilizar a prostituta como causadora de uma série de doenças que tinham sua disseminação pelo contato físico. Como se isso não bastasse, imputou-lhe também o perigo da degeneração moral, uma vez que o comportamento desregrado das prostitutas figurava como mau exemplo e poderia influenciar mulheres direitas. A soma desses argumentos justificou, historicamente, o deslocamento da zona do meretrício do centro de muitas cidades.

Há que se destacar ainda, aqui, que a aparição de Matilde se dá acompanhada de outras duas mulheres, Ninon e Rosali. São prostitutas subordinadas a Matilde e atuam como fiéis escudeiras de sua senhora. Não passa despercebido o número que representa a quantidade dessas mulheres: três. Segundo Chevalier e Cheerbrant (1982), o número 3, para os chineses é um número perfeito, que expressa a conclusão, a totalidade, como se nada pudesse ou fosse necessário lhe ser acrescentado. Na tradição judaico-cristã, tradição sob a qual é escrita a peça, o número 3 representa a perfeição da Unidade Divina, a Santíssima Trindade. E, por fim, esse número representa a rivalidade superada (o número 2), expressa o mistério de ultrapassagem, de síntese, de reunião, de resolução. Ciente dessa significação, não fica difícil prever que será Matilde, acompanhada por Rosali e Ninon, aquela que trará o desfecho à obra, trazendo novamente a harmonia ao caos provocado pela chegada de Roque.

Assim como não passam despercebidos os nomes dados a essas três personagens. Se o autor não lhes oferece nenhuma genealogia, ou nenhuma descrição moral ou física, ele as registra nominalmente com fortes referências e significados que muito podem dizer a um leitor/espectador mais atento. Rosali, do latim *Rosalia*, referindo-se a uma festa romana, na qual os túmulos eram cobertos com flores (AZEVEDO, 1993), uma clara referência à epígrafe bíblica que abre esta seção. Um nome carregado de julgamento e predições. De maneira mais semiótica ainda o nome Ninon, até por ser um nome incomum, é uma clara referência à Anne de l'Enclos, mais conhecida como Ninon de Lenclos ou Ninon de Lanclos, que nasceu em Paris, em 1620. Fortemente influenciada pelas ideias epicuristas, amante das letras e de extensa cultura, era procurada por rainhas e reis, como Cristina da Suécia e Luís XIV, com o objetivo de opinar e aconselhar. Foi ainda procurada por Molière, o célebre dramaturgo, que pediu a Ninon que corrigisse a primeira versão de sua peça *Tartufo*, que foi encenada em 1664, pela

primeira vez. Também ficou conhecida pelos inúmeros e diversos amantes que teve, muitos deles, célebres, os quais lhe sustentavam. Foi eternizada como o símbolo da independência feminina e várias de suas cartas foram reunidas e publicadas, sendo possível notar, em todas elas, seu forte espírito revolucionário. Por fim, Matilde, como uma soma de Rosali e Ninon, traz, ainda, explicitado em seu nome, do germânico *Mathilde*, os significados de “combate de força”, “guerreira que combate com força” e “poderosa na guerra”, conforme AZEVEDO (1993).

Podemos, então, pressupor que não haveria melhor apresentação para a nossa personagem, cujo nome anuncia sua função e missão na trama de Dias Gomes. Essa aparição das três mulheres se dá na praça central da cidade, em frente à Igreja, onde está se realizando uma quermesse e a euforia é grande por conta da inauguração da estátua do soldado Roque, um mártir da guerra que virou um santo local.

A reação de Matilde às falas de Mocinha e Pombinha equivale à nobreza de seu caráter, que será desdobrada e analisada nesta seção, assim como seus propósitos internos: MATILDE (*Pisca o olho para o prefeito.*) Boa tarde, seu prefeito” (GOMES, 2015, p. 24).

Matilde é a porta-voz do trio. Ela ignora aquelas que lhe dirigiram impropérios e, de maneira irreverente, piscando o olho, dirige-se, quase que soberbamente, à maior autoridade local, o prefeito Florindo Abelha. Essa piscada, diferentemente de um cumprimento formal, revela intimidade e podemos, desse modo, assumir que o prefeito era um dos inúmeros frequentadores de sua boate. Realidade nos bordéis históricos e literários como o *Paradise retrouvé*, de *Madame Pommeroy* (TÁCITO, 1998), a presença de políticos nesses espaços sempre confere ao bordel a aura de um local de respeito. Além de um local de sociabilidade, o bordel foi sempre um espaço de livre trânsito para artistas, intelectuais, políticos e até mesmo religiosos. Muitas ideias ali eram nascidas e discutidas. Estratégias políticas eram debatidas e livros e espetáculos eram ali criticados. Enganava-se quem pensava que era um local restrito para a satisfação de prazeres carnavais.

3.4 Questões de espacialidade

O autor, através da rubrica “Cenário”, esclarece que: “Deve ser resolvido com uma rotunda azul e elementos essenciais, de molde a fornecer, sem mutações, os seguintes lugares de ação:

PRAÇA COM MONUMENTO A CABO ROQUE
CASA DA PORCINA
BORDEL
BOATE
(GOMES, 2015, p.12)

Como visto anteriormente, a zona de baixo meretrício ocupava sempre um espaço periférico, longe do centro da cidade, inclusive por razões sanitaristas, diferentemente do bordel e da boate, que era o espaço defendido e pretendido por Matilde na cidade de Asa Branca. Os espaços citados acima são locais importantes para o desenrolar do texto aqui analisado. Desses espaços o único público era a praça. Contudo, Matilde, Ninon e Rosali tinham que impor ali a sua presença, sempre às custas de humilhações e xingamentos. Historicamente, as apartações foram forjadas para separar o espaço do sagrado e do profano na sociedade, sendo o primeiro reservado à família e o segundo definido como receptáculo da libido masculina e da conduta desregrada de mulheres infames. Segundo Barreto e Rocha (2010), as fronteiras simbólicas da moral foram erguidas mediante a construção de práticas e discursos que traçavam para o bordel uma gama de estereótipos negativos, que o apresentam como lugar do desvio e da transgressão.

A presença de Matilde na praça era considerada uma ofensa, e para impedi-la o núcleo das beatas recorriam sempre a autoridade eclesiástica de Padre Hipólito:

(Entram Pombinha e Padre Hipólito. Ela aponta para as raparigas)

POMBINHA
Lá estão elas

PADRE HIPÓLITO
Era só o que faltava

NINON
Chi, a beata foi chamar o vigário. Vamos embora.

MATILDE
Eu daqui não saio, não arredo o pé. Tou na rua, não tou na igreja.
(GOMES, 2015, p. 28)

A frase proferida por Matilde revela sua consciência de limites de espacialidades e também indica o conflito da tentativa de limitar os espaços sacros e profanos. Matilde poderia aceitar sua expulsão do templo religioso, mas não da rua. E ela, diferentemente de Ninon, não se intimidava com a autoridade religiosa:

NINON

Matilde, tu sabe como é esse padre. Vai fazer um fuzuê.

MATILDE

Que faça. Tenho medo de homem que veste saia?
(GOMES, 2015, p. 29)

Ninon, sentindo-se apoiada por Matilde, também passa a defender a rua como seu espaço de direito, mesmo após insistência do Padre para que dali saíssem, dando continuidade ao embate do sacro versus o profano: “Mas a gente tá muito bem aqui, padre.” (GOMES, 2015, p. 29).

Como o Padre não consegue resolver o conflito, com a chegada do Prefeito, esse embate ganha as esferas do público versus o privado:

MATILDE

Que é, vão querer briga?

MOCINHA

É o cúmulo! Não respeitam nem o vigário!

FLORINDO

Mocinha, vamos com calma. Padre, elas têm o direito...

PADRE

Me admira o senhor, o prefeito, ficar do lado dessas...
(GOMES, 2015, p.29)

O Prefeito se vê fragilizado em meio àquela situação. É um frequentador da boate, entende, e secretamente apoia o projeto de Matilde em inaugurar uma boate, o que em muito contribuirá para o progresso de Asa Branca, mas também não pode abrir mão do apoio da Igreja, ali representada pelo Padre Hipólito, que poderia comprometer seu futuro eleitoral: “FLORINDO (*volta-se para as raparigas*) Dona Matilde, por favor... vão embora, não me arranjem encrenca com o vigário. As eleições estão aí, não posso me indispor com a igreja.” (GOMES, 2015, p. 29).

Talvez pelo uso do “Dona” como pronome de tratamento, talvez pela expressão “Por favor”, e muito mais porque ela própria tinha interesses naquele projeto político, Matilde consentiu: “Tá bem, a gente vai porque o prefeito pediu. Não porque a gente tenha medo dessas papa-hóstias.” (GOMES, 2015, p. 29).

Essa rápida e prática solução do embate na praça, em frente à igreja, deveu-se muito mais às razões do direito constitucional do que às razões do religioso, e é uma oportunidade para que o trio de prostitutas cantem, lembrando àquelas pessoas e ao público da peça, principalmente que o livro mais importante não seria a Bíblia, mas sim a Constituição:

MATILDE (*canta*)

A Constituição nos garante o direito de ir e vir.

FLORINDO

Artigo 141...

MATILDE

Ninguém pode nos impedir (*Bis*)

Vivemos num regime de livre empresa que é a base do capitalismo com certeza.

NINON e ROSALI

Mas que beleza!

AS TRÊS

Cada qual vende aquilo que pode e como quer, segundo a lei da oferta e da procura ao bel prazer e quem compra, compra por gosto e só se requer...

FLORINDO

Que pague imposto.

(As prostitutas viram as costas e levantam as saias, mostrando a bunda. Padre Hipólito, Pombinha e Mocinha reagem, horrorizados.)

(GOMES, 2015, p. 30)

Horrorizados, como devem ter ficado alguns espectadores ao verem essa cena, ao perceberem nela o clamor público para que o direito individual fosse respeitado. Nessa curta cena percebemos toda a caminhada histórica da prostituta ao tentar se impor como cidadã. Vemos, ainda, a evolução quando o discurso religioso não é mais suficiente para lhes restringir o espaço para o exercício de sua profissão; o Estado lembra-lhes que a única condição agora é o pagamento de impostos. Como em muitos países, hoje, a prostituição não é mais um pecado, é um crime, de ordem fiscal. Matilde desdenhava das súplicas do padre porque ela mesma, com a renda obtida através de seus negócios, tidos como um desvio das normas consagradas, pagava-lhe um tributo mensal, um espécime de dízimo:

MATILDE

[...] Quando o deputado exigiu que eu desse uma percentagem ao vigário como condição para abrir um “castelo” aqui em Asa Branca, eu disse: é direito. E a viúva é testemunha de nunca me atrasei. Aqui tá a quota desse mês. (*Entrega um maço de notas a Porcina.*)

(GOMES, 2015, p. 35)

Esse dízimo, que fosse talvez a danação de Padre Hipólito, tinha um sabor de absolvição para Matilde:

MATILDE

Se a gente vive do pecado e o pecado é obra de Satanás, a gente se aproveita dele pra ajudar o povo de Deus e o Diabo é passado pra trás.

PORCINA

E Deus deve dar boas gargalhadas.

MATILDE

E deve fazer um descontozinho na nossa conta, estamos trabalhando pra Ele também, é ou não é? Mas a gente trabalha satisfeita quando vê que o negócio tá se desenvolvendo, que a clientela tá aumentando e que ninguém tem queixa do nosso serviço.

(GOMES, 2015, p. 35)

Percebemos nestas falas que o dramaturgo está ciente de toda a jornada histórica da prostituição, especialmente em dois momentos: quando a religião a enxerga como um mal necessário, como uma aliada para o freio e um melhor controle do apetite sexual de seus membros, então a religião permite a sua existência, desde que a uma certa distância, e, preferencialmente, pagando tributos; e quando o Estado lhe autoriza o exercício de sua profissão desde que pague as devidas taxas, como enfatizado pela personagem Florindo. Apesar desses acordos tácitos e expressos, Matilde, numa representação da cortesã clássica, não tem descanso, além dos altos tributos, ela tem que lidar com o discurso da ala religiosa, especialmente feminina, que nela enxergam uma ameaça, pra quem sabem que perdem seus maridos todas as noites. Mas Matilde e Madame Pommery não querem esses homens, elas querem prosperar, elas querem dinheiro, elas querem poder. Essas mulheres sabem que, em uma sociedade hipócrita e capitalista, o passaporte para transitar livremente não é uma conversão religiosa ou um marido. Essas posições lhe garantiam no máximo frequentar a igreja ou um clube; elas querem mais, elas querem dinheiro.

Matilde, como Madame Pommery (TÁCITO, 1998), entende a sua função nesse universo capitalista e dele tenta extrair vantagens. Assim como Madame Pommery conseguiu estabelecer-se em São Paulo com seu bordel *Paradise Retrouvé*, todo o esforço de Matilde está concentrado na abertura da *Boate Sexu's*. Ambas pagam seus impostos devidamente, mas Matilde terá que pagar muito mais que isso.

Geralmente os bordéis, a despeito de, como dito anteriormente, serem espaços de sociabilidade, apresentações culturais e centros de discussão de ideias políticas e econômicas, são percebidos como “territórios da alteridade condenada” (PESAVENTO, 2003 p. 69-71) por abrigarem práticas sexuais plurais tidas como desviantes, e porque nesse espaço se aloja a prostituição. Esse fenômeno se apresenta de várias formas em diferentes meios sociais e, por isso, apresenta para cada contexto a sua especificidade. Entende-se como prostituição qualquer relação que ocorre a troca de sexo pelo dinheiro ou em que haja alguma compensação financeira ou material, em que é possível haver uma infinidade de parceiros e de experiências diferenciadas.

Asa Branca, uma cidade próspera, necessita e estimula novos empreendimentos locais, uma vez que a cidade é comumente visitada por centenas de romeiros que ali vão prestar suas homenagens e louvores ao santo. Todos os habitantes se organizam para melhor tirarem proveito de tal situação. Reformas e aberturas de novos estabelecimentos comerciais são atitudes celebradas:

MALTA

É bom. Tudo isso é bom. Quanto mais festas, melhor. Movimenta a cidade, o comércio. É gente que vem, dinheiro que entra.

PORCINA

Ganham os camelôs, as raparigas, os bicheiros, os trambiqueiros.

MALTA

Todos ganham, todos ganham.
(GOMES, 2015, p. 27)

Todos, menos Matilde, que também querendo aproveitar-se do momento próspero, cismou de abrir uma boate de luxo, mas enfrenta resistência de todos os lados, especialmente do núcleo religioso, e como os que poderiam apoiá-la não querem se indispor com a Igreja, ela se vê numa empreitada solitária:

PORCINA

Ouvi dizer que a senhora tá pensando em abrir uma filial.

MATILDE

Uma boate. Já tenho até o nome: Boate Sexus. Foi o professor Astromar Junqueira, um freguês antigo, que fala tudo que é língua, até latim, que botou esse nome.
(GOMES, 2015, p. 36)

O romance de Hilário Tácito tornou evidente a relevância da prostituição para o crescimento econômico do espaço urbano, caracterizando-a como uma atividade altamente rentável. *Madame Pommery* (1998) ainda registrou as transformações sociais e políticas e a mentalidade de uma época em que a satisfação sexual despertava o interesse de intelectuais, literatos, artistas, advogados, jornalistas coronéis e outros boêmios. Registro semelhante é obtido com a obra de Dias Gomes. Essas obras, em uma questão que interessa a este trabalho, demonstram a entrada de prostitutas no submundo não como vítimas da miséria e da pobreza, mas sim como mulheres formosas que atuam como profissionais capazes de ofertarem diversão e prazer a quem por elas procurarem.

Para além disso, observa-se que Hilário e Dias Gomes apresentam uma imagem de prostituta totalmente diferente das meretrizes dos períodos romântico e naturalista, como

Margarida, Naná e Lúcia, pois Madame Pommery e Matilde vivem numa atmosfera luxuosa, explicitando uma nova forma de representar a prostituição na literatura nacional.

Para citarmos aqui um outro dramaturgo que teve a prostituta como personagem em diversas peças de autoria, afirmamos que Matilde em muito difere das prostitutas criadas por Plínio Marcos, uma vez que estas são sempre marginalizadas, submissas e exploradas por um homem, como exemplo Dilma, Célia e Leninha de *O Abajur Lilás* (1969). Matilde, ainda que sofra rejeição, é senhora de seu destino, empresária de si mesmo.

O projeto de abertura da *Boate Sexu's* traz consigo as mesmas intenções que o *Paradise Retrouvee* tinha para São Paulo: civilizar e contribuir para a prosperidade social, uma vez que, nas palavras de Porcina, “Asa Branca não pode parar” (GOMES, 2015, p.37). Matilde percebe o rápido crescimento da cidade e quer aproveitar a oportunidade de ampliar seus negócios, abrindo uma filial, mas nunca usará como justificativa para tal ato a vontade ganhar mais dinheiro, mas sim o quanto a cidade precisa desse empreendimento sofisticado, com o nome em latim: “A senhora entende, o negócio hoje tá se sofisticando... e a gente tem que estar em dia” (GOMES, 2015, p. 36). Essa sofisticação exige, além de um novo espaço físico, um tipo diferente de prostituta: “moças das melhores famílias, com curso universitário e coisa e tal” (GOMES, 2015, p. 36). Porcina chama isso de “progresso” (GOMES, 2015, p. 36). Parece uma proposta irrecusável, não fossem o vigário e o prefeito que são contra. O primeiro frequentemente profere sermões contra tal projeto, ameaçando com “o fogo do inferno e o espeto do Cão” (GOMES, 2015, p.36) aqueles que forem a favor, apesar de:

MATILDE

[...] Esse padre é gira... Recebe o dinheiro e dana de xingar a gente. Sabe como esse povo é metido a puritano. Chegam a bater porta e janela quando eu passo na rua. E fazem o mesmo com as minhas meninas. Inda outro dia... Quiseram apedrejar nossa casa, depois de ouvir uma dessas arengas do vigário.

PORCINA

É uma gente muito atrasada, dona Matilde. Não entende que isso é uma consequência do progresso da cidade.
(GOMES, 2015, p. 37).

Matilde não se intimida nem retrocede diante desses obstáculos. Ela entende o seu projeto quase como uma missão benfeitora, como se fora o chamado para um ato heroico. Ela gostaria de fazer muito mais pela cidade: “não colaboro mais porque não me deixam” (GOMES, 2015, p. 38). Matilde cumpre todas as regras, paga os impostos, está ciente das regras sanitárias, conforme Engel (1989), e até mesmo se preocupa com a boa reputação do seu estabelecimento:

MATILDE

E eu só trago pra cá meninas de bom comportamento, boa saúde e bom caráter. Saiba a senhora que hoje em dia isso não é fácil. Não é mais como no meu tempo, quando se levava a sério a profissão. Hoje não há mais disciplina, respeito, essas meninas estão com a cabeça cheia de idéias. Chegam até a se voltar contra mim, achando que eu exploro elas.

(GOMES, 2015, p. 37)

A fala acima expõe muita coisa sobre Matilde, informações que o autor omitiu ao apresentá-la nas páginas iniciais. Podemos aqui inferir que:

- a. Matilde é uma cortesã e cafetã;
- b. Ela atua como prostituta já há muito tempo;
- c. Ela entende sua atividade claramente como uma profissão;
- d. Ela tem sua liderança muitas vezes contestada.

Matilde não se intimida com os nãos do prefeito e do vigário, porque sabe que há alguém além deles que poderá ajudá-la, o deputado Chico Malta: “Veja se a senhora fala com o deputado. Se ele mandar, o prefeito dá o alvará” (GOMES, 2015, p. 37). Então, podemos inferir, ainda, que Matilde conhece muito os meandros, os caminhos necessários a serem percorridos para conseguir o seu objetivo. Caminhos que não são originais, pois foram devidamente percorridos por Madame Pommery (TÁCITO, 1998).

Esses meandros históricos e literários somente uma mulher como a fibra de Matilde poderá percorrê-los, para ter acesso ao mundo masculino e de se sobrepôr aos homens que dominam a cidade de Asa Branca; todas as suas antecessoras tiveram que ceder diante de pressões semelhantes. Matilde, como uma anti-heroína, vai manchar suas mãos de sangue, para alcançar sucesso em sua missão. Assim, ela é advertida por Porcina: “Desanime não, Dona Matilde. Quem abre caminho enfrenta as cobras” (GOMES, 2015, p. 37). Essas cobras referem-se tanto aos seus opositores quanto às meninas que trabalham para Matilde, para quem ela tem a fama de ser uma patroa rígida, como se pode ver pela reação de Rosali, quando lhe pedem que façam sexo de graça, em retribuição a presentes:

ROSALI

A gente não pode. Matilde não deixa... Ela diz que puta não pode dar de graça, é uma questão de ética.

ZÉ DAS MEDALHAS

Eu entendo. Não devem. Senão avacalha o negócio. E negócio são negócios. Vamos trabalhar.

(GOMES, 2015, p. 41)

É um discurso que trata de poder e “onde há poder há resistência” (FOUCAULT, 1994, p. 98), a partir do qual podemos inferir que os sujeitos têm a capacidade de se insurgir e de se insubordinar e, conseqüentemente, modificar a sua dominação em determinadas condições.

Não é objetivo deste trabalho aprofundar-se na questão do lenocínio, mas achamos oportuno relatar que, em oposição ao comum silenciamento das vozes dos trabalhadores do sexo, começaram a surgir, a partir da década de 70, organizações de prostitutas capazes de falar por elas mesmas, numa tentativa de reconceituar o entendimento geral do que seria prostituição, cujo maior expoente em terras brasileiras foi Gabriela Leite, e sua maior conquista foi a inclusão, em 2002, da ocupação “trabalhador do sexo” na Classificação Brasileira das Ocupações (CBO), permitindo que prostitutas possam se registrar no Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) como autônomas e garantir uma aposentadoria futura. O autor, antecipando-se a isso, discute nas páginas da peça essas questões, sobretudo, apresentando a prostituição como uma profissão.

3.5 O bordel, uma igreja às avessas

Conflitos de ordem moral, religiosa e sanitária foram suficientes para, ao longo da história, separar o espaço do sagrado e do profano na sociedade, sendo o primeiro aquele reservado à família e o segundo definido como local da libido masculina e da conduta desregrada de mulheres infames. Então, conforme Barreto e Rocha (2010), fronteiras simbólicas da moral foram erguidas através da construção de práticas e discursos que relacionavam o bordel a uma variedade de estereótipos negativos, que o apresentam sempre como lugar do desvio e da transgressão, embora isso nem sempre corresponda à realidade. Esse conceito se apresenta de várias formas em diferentes momentos históricos e meios sociais e, por isso, apresenta para cada contexto a sua especificidade.

O bordel sempre visto como um espaço exclusivo do desvio e a prostituição como uma prática perversa são conceitos que mostram a maneira como a sociedade sempre considerou o sexo, a moralidade e o casamento. Novamente, conforme Barreto e Rocha (2010), essas representações, amplamente demonstradas na literatura e na historiografia, têm muito a dizer sobre o bordel. A partir do momento em que ruas estreitas se transformam em becos sempre submetidos a uma avaliação moral, estética e higiênica, são tidos como espaços malditos por serem o endereço de bordéis, bodegas e casas de jogo, lugares habitados por indivíduos, por fulanos de tal, e nunca por cidadãos. A prostituta, conforme Barreto e Rocha, “[...] era, pois, a

atriz principal dessa outra cidade, ela estava envolvida em praticamente todas as tramas cotidianas tecidas na urbe, fossem crimes de amor, suicídio, ciúmes ou mesmo desavenças corriqueiras (2010, p. 13)”.

As ruas, além dos bares, cabarés e bordéis eram opções de entretenimento e lazer, além dos cinemas, das praças públicas e dos clubes privados, entre outros. Esses últimos foram sempre espaços reservados à chamada boa sociedade, cuja parcela masculina não deixava, entretanto, de frequentar e desfrutar dos maus lugares.

Como visto, especialmente na primeira seção deste trabalho, a visão da prostituição na sociedade foi sendo modificada assim como os padrões morais e sociais se alteravam. Prostitutas, que outrora foram consideradas deusas, passaram a marginais; de seres de *status* sociais passaram a meros objetos; de detentoras dos poderes sagrados à escória, a sem lugar na sociedade. Assim como mudava o seu *status* social mudava o seu espaço físico de atuação – do templo às ruas, mas também em casas específicas, como os cabarés e bordéis. Esses espaços sempre estiveram condicionados ao tipo hierárquico da prostituta as quais nos referimos, no caso, como Madame Pommery, que sempre atuaram em casas luxuosas, como veremos logo mais.

Já no alvorecer do século XX, era facilmente perceptível a efervescência de diversos cabarés e bordéis, no período conhecido como *Belle Époque*, momento em que se tornaram evidentes as duas funções destinadas às mulheres, ambas, ironicamente, servindo à figura masculina: a de objeto de *status*, através do casamento, e a de objeto de prazer, quando cortesã de um bordel luxuoso. Nesse período histórico, às mulheres que sonhavam com alguma independência restavam pouquíssimas ou quase nenhuma opção além do exercício da prostituição. Acrescente-se a isso o fato de que as cortesãs eram vistas como mulheres poderosas, pois eram donas de seus corpos e transgressoras das normas vigentes, uma vez que eram livres financeiramente e não dependiam de um marido.

O moralismo vigente que proclamava a liberdade sexual do homem, mas reforçava o estereótipo da esposa casta, fazia com que a prostituição fosse, obrigatoriamente, uma atividade discreta para que não comprometesse a reputação dos homens de alta classe que frequentavam os bordéis, onde poderiam finalmente satisfazer seus desejos mais eróticos. A mensagem era clara: não se pedia o fim da prostituição, mas a sua descrição. O bordel atendia a essa exigência, pois, além de abrigar a prostituição, era ainda um espaço que proporcionava espetáculos artísticos, o que lhe conferia uma aura de respeitabilidade.

As artes visuais, a literatura e o cinema são os grandes responsáveis pela divulgação das imagens parisienses de famosas tavernas, que eram comumente os antigos bares masculinos

repletos de prostitutas, assim como as imagens dos bordéis, como espaços forrados de veludo vermelho nas paredes, candelabros nos tetos, quadros na parede e escadarias. A realidade histórica em muito se assemelhava a isso, provavelmente com uma dose a menos de romantismo e glamour.

Como visto anteriormente, mas para fins de situar, relembremos que a prostituição, de acordo com registros e documentos, surgiu na Mesopotâmia por volta de 2600 a.C. Então, com finalidade religiosa, chegando mais tarde em Atenas e Roma (onde as prostitutas eram conhecidas como *lupas* – tradução livre: lobas). A partir daí, no século XIII, expandiu-se até a França, e sob o reinado de Luis IX começou a ser regulamentada através de leis e decretos; é quando o Rei Luis obriga que o ofício do meretrício saia das margens do Sena e restrinjam-se a atividades em casas fechadas devidamente sinalizadas, com lanternas vermelhas na porta e distante de lugares sagrados, dando origem ao nome bordel, de *bordes de la Seine* (tradução livre: margens do Sena). O bordel francês será sempre fonte de inspiração para os bordéis brasileiros, assim como foi para Madame Pommery e para Matilde e suas meninas:

NINON

Eu só queria viajar para conhecer Pigalle. Um marinheiro francês me falou, uma rua inteira só de mulheres.

ROQUE

O mundo tem muitas ruas assim. É tudo igual.

MATILDE

Mas dizem que lá em Paris a profissão é muito bem organizada.

ROQUE

Mas não só a profissão, o amadorismo também.
(GOMES, 2015, p. 100)

Além do *Paradise retrouve* e da *Boate Sexu's*, outros bordéis foram criados em obras da Literatura Brasileira, talvez o mais famoso deles seja o Bataclan, de *Gabriela*, de Jorge Amado, que era conduzido pelas mãos de ferro de Maria Machado. O mesmo autor cria a Casa da Luz Vermelha em Santana do Agreste, onde se passa *Tieta*. Em Belo Horizonte havia o Maravilhoso Hotel, onde Hilda se transforma em *Hilda Furacão*, a prostituta mais famosa da cidade, uma personagem de Roberto Drummond. Todos esses espaços tem em comum o conforto e o razoável luxo que proporcionavam às mulheres que ali trabalhavam assim como aos seus clientes, que eram também um ponto em comum: todos homens bem-nascidos, autoridades políticas, intelectuais, artistas e até mesmo religiosos. Homens que tinham nos bolsos dinheiro suficiente para charutos, champanhes, mulheres e até mesmo para suas reputações manterem ilibadas.

Outro fato que esses bordéis tinham em comum era o fato de que o que haviam perdido como espaço religioso, haviam ganho como espaço artístico. O bordel era um reduto de artista, inclusive muitas prostitutas eram também cantoras e atrizes, como a Naná de Emile Zola. Isso garantia a presença de um público feminino que ia até lá para prestigiar a estreia de óperas e peças teatrais. Essa aproximação com uma casa de espetáculos era, muitas vezes, o que lhes garantia o funcionamento em lugares privilegiados na cidade, não sem o devido pagamento de altas taxas e alvarás diversos, o que Madame Pommery e Matilde sempre fizeram corretamente. Em Asa Branca, Matilde tem orgulho de seu bordel e acredita que está contribuindo para o progresso da cidade:

MATILDE

[...] um cafundó que nem o diabo era capaz de vir aqui fazer piquenique. Nem diversão tinha. Hoje uma pessoa tem aonde ir à noite. Se gosta de jogo, tem o cassino do grande Hotel e outros por aí. Se é um moço simpático, com cara de mulherengo, tem a minha casa... (pisca o olho, significativamente.)

RAPAZ (*surpreso*)

Casa de raparigas, aqui?

MATILDE

É a única da cidade, mas respondo por ela. Moças bonitas, experientes, saudáveis, não essas taboas, meninas da capital, escoladas, viajadas.

(GOMES, 2015, p. 42-43)

Matilde faz propaganda de seu negócio usando um discurso que qualifica a sua casa, suas garotas, o que torna muito próxima a sua casa de um histórico bordel francês, e ainda acrescenta:

MATILDE

Sabe onde é? Passando a cadeia, a segunda casa. Pergunte pelo “Castelo de Matilde”, que todo mundo sabe. *Canta*: Vai lá, rapaz. É uma casa de paz e respeito, o freguês sempre sai satisfeito. Em matéria de amores nós temos artigos de todo o matiz, em grande quantidade, tantas novidades, segundo a moda de Paris.

(GOMES, 2015, p. 44).

A personagem acima que dialoga com Matilde e é mantido no anonimato para o espectador, sob a alcunha de “Rapaz” e descrito por Matilde como quem tem “cara de anjo”(GOMES, 2015, p. 44), é na verdade Roque, que dá nome à peça, aquele que dado como morto, chega a cidade, e como um Jesus ressuscitado, cuja primeira aparição se deu a Maria Madalena, o Santo Roque aparece e conversa com Matilde. A chegada desse rapaz a Asa Branca é o grande conflito da peça, pois tido como herói morto na guerra e responsável por inúmeros milagres na cidade, ele é aquele que movimenta financeiramente a região, atraindo de vários

lugares turistas e romeiros que ali chegam para gastar seu dinheiro, provocando um rápido e intenso crescimento econômico.

A elite política e religiosa de Asa Branca, que muito proveito tira dessa situação, se vê ameaçada pela chegada do rapaz e com a eminente revelação do fato de que aquele que estava morto agora vive e tudo era uma trapaça. Reuniões na surdina são feitas e há que se achar uma rápida maneira para resolver a situação. Até o general, patente máxima do Exército Brasileiro, é chamado para ajudar a encontrar uma saída: “MALTA [...] Comuniquei ao Ministério da Guerra. Se mandaram um General é porque compreenderam a gravidade da situação. O que ele resolver tá resolvido.” (GOMES, 2015, p. 103-104).

Roque, o herói, sente-se encurralado, confuso, perdido e sem saber o que fazer e aconselha-se com Porcina, lhe sugere: “Numa hora dessas, só dois lugares oferecem segurança: a igreja ou o ‘castelo da Matilde’” (GOMES, 2015, p.98).

Essa afirmação, por si só antagônica, antepõe espaços sacro e profano como únicas possibilidades, talvez porque a vida se resolva assim, em oximoros, em céu e inferno, em bem ou mal. O rapaz, aquele que tem “cara de anjo”, aquele a quem é imputado diversos milagres, resolve fugir, mas não vai para a igreja. A didascália do décimo segundo ato assim sugere a montagem da cena: “(*Bordel. Roque sentado sobre uma mesa, cercado pelas prostitutas, canta*)” (GOMES, 2015, p. 99).

É uma Santa Ceia ao contrário, invertida, profanada. E, para um espectador mais amadurecido, ciente da influência e da importância da tradição judaica em nossa literatura, está clara a advertência de que haverá uma traição, de que alguém morrerá. Só não se sabe nem imagina quem será o assassino. E no décimo quarto quadro, no bordel de Matilde, enquanto Roque dança um tango, de maneira súbita entram Chico Malta, Florindo Abelha e o General. O bordel, um espaço de prazer, agora transformado em um esconderijo, tornou-se agora um quartel-general, onde planos e estratégias serão discutidos pela elite mandatária da cidade: o general, o deputado, o prefeito e, em um movimento posterior, Matilde, a dona da boate. Ambos estão ali para decidir o futuro da polis, às custas do futuro de um homem. Matilde torna-se, então, uma peça fundamental nesse universo masculino e violento. Malta diz: “Tenho um negócio a tratar com Matilde. (*Sai.*)” (GOMES, 2015, p.109).

Essa negociação é feita longe dos olhos do leitor e do espectador, criando, dessa maneira, um momento de suspense, recurso também utilizado nas tragédias clássicas, quando as cenas violentas eram realizadas fora do palco e somente narradas ao espectador. Momentos depois, quando Malta e Matilde retornam a cena, ele chama os companheiros para irem embora,

afirmando: “Então, vamos. Está tudo resolvido. *(Inicia a saída, deixando que o general passe à frente)*” (GOMES, 2015, p.111).

Há ainda uma outra cena escrita por Dias Gomes que cria o clima bíblico dos últimos momentos de Jesus, antes de sua traição e morte. Toda essa representação no bordel de Matilde assume proporções irônicas e dessacralizantes. Uma cena que parece solta no enredo, com apenas duas falas, de Rosali e do General, mas que nos remete diretamente à cena de Pilates, quando lava as mãos, como se assim pudesse inocentar-se do crime que iria ocorrer:

(Rosali passa com uma pequena bacia d'água e uma toalha de rosto no ombro. General a detém, lavando as mãos na toalha.)

ROSALI

Ei, cara, essa água era pra eu me lavar. *(sai)*

GENERAL

Resolvam os senhores como entenderem. *(Dá as costas)*
(GOMES, 2015, p.109)

Voltamos ao momento quando Malta, imediatamente antes de sair do bordel com Florindo Abelha e o General, afirma que está tudo resolvido (GOMES, 2015, p.111). O autor praticamente parodia a frase bíblica “Está tudo consumado” proferida por Jesus no final do sacrifício. Em uma cena que lembra o início da peça, com a chegada das três mulheres na praça, a trindade, vemos agora:

(Entram Ninon e Rosali, que cercam cabo Roque.)

MATILDE

Que é isso, cara de anjo? Com medo?

NINON

Um herói não tem medo

ROQUE

Que foi que ele conversou com vocês?

MATILDE

Negócios. Falamos de negócio.
(GOMES, 2015, p. 111)

Matilde reafirma, então, sua posição, sua vocação: ela é uma empresária. Uma mulher que tem um firme objetivo e não terá escrúpulos, nem medirá esforços para atingi-lo. Matilde não tem o romantismo, nem o altruísmo de Lucíola, ou mesmo de Madame Pommery, ela vê o momento como uma oportunidade e como uma Maria Madalena às avessas, será ela quem irá desferir o golpe fatal no cordeiro, o Cabo Roque. Dias Gomes, ao fazer isso, tira de Matilde, toda a empatia que ela poderia ter provocado na plateia até então e a transforma em uma mulher

fria, sem alma, o que, em todo o percurso histórico, foi sempre uma característica de uma cortesã.

E se há pouca quantidade de trabalhos acadêmicos existentes sobre a obra *Roque Santeiro ou O Berço do Herói*, os que existem versam sobre a personagem-título, enquanto este trabalho traz luz sobre Matilde, uma personagem subalterna, assim como é uma prostituta na vida real, e sobre o seu local de trabalho, o bordel. Revisto historicamente como um local de desvio, o autor reforça esse conceito a respeito do bordel, o qual, ainda que se assemelhe aos luxuosos bordéis franceses, um espaço dedicado aos prazeres intelectuais e carnavais, como eram os templos na antiguidade, torna-se agora uma igreja às avessas, um local de morte e não mais de vida. Às vésperas do crime que irá cometer, Matilde ordena um brinde, como outrora se compartilhou vinho e pão:

MATILDE

Precisamos comemorar... Traga aqueles cocos com pinga dentro. O acontecimento merece.

ROQUE

Que acontecimento?

MATILDE

Vamos abrir uma boate. A Boate Sexu's.

(GOMES, 2015, p. 113)

A boate carrega em seu nome aquilo pelo qual a igreja cristã sempre puniu a humanidade, especialmente as mulheres, aquilo pelo qual as prostitutas foram sempre condenadas por comercializar. Sexo é a mercadoria vendida naquele lugar, e não custa barato. Ainda que escrito em latim, numa tentativa de conferir uma aura de intelectualidade ao local, fica claro e evidente o negócio que é ali praticado. Matilde é a empresária e a sacerdotisa ao mesmo tempo, prestes a cometer o sacrifício final para a obtenção de sua licença. Se o vigário é um hipócrita, que ataca duramente o bordel, mas aceita o dinheiro que lá tem origem, Matilde é sincera, ostentando na placa do seu bordel, provavelmente em neon e para que não reste dúvidas a mercadoria com a qual trabalha, o sexo. Assim como uma igreja, o bordel nasce a partir de um sacrifício, a morte de Roque, o qual é seduzido e embebedado antes:

(Roque fica de pé sobre a mesa e bebe)

MATILDE

Mais! Mais!

(As prostitutas batem palmas cadenciadas. Roque esvazia o coco. Cambaleia e quase cai da mesa. Desce, tropeça, cai nos braços de Ninon e Matilde, que o ajudam a sentar-se. Ele cai de bruços sobre a mesa)
(GOMES, 2015, p. 114)

Talvez suspeitando que dentro do bordel estivesse sendo realizado um ritual de um sacrifício, as beatas, do lado de fora, começam a gritar palavras de ordem e a atirar pedras que quebram as vidraças: “*(Uma pedra arrebenta uma vidraça e vem cair dentro da sala, quase atingindo Roque, que nem se mexe)*” (GOMES, 2015, p. 116). Muito tempo antes, em um julgamento apressado, pedras foram atiradas em direção a uma prostituta, ato que foi condenado por Jesus, alegando que somente quem não tivesse pecado poderia fazê-lo. Essa atitude esvaziou o local do apedrejamento e após o êxodo da multidão, aquela mulher foi perdoada e despedida com a bênção e a ordem para que não mais pecasse. Dias Gomes aproveita-se desse incidente e reconstitui a cena acrescentando elementos diversos. Aqui todos têm pecados, aqueles que atiram e aqueles que recebem as pedradas. Não há salvação nessa igreja. Matilde não é uma pecadora arrependida, mas antes uma cortesã, uma empresária prestes a abrir o seu negócio.

Matilde aproveita-se do incidente e incita as beatas para que atirem mais pedras e quebrem tudo. E, novamente, usando um recurso da tragédia grega, há um corte de cena e quando volta há a seguinte didascália: “*(Bordel. No meio da sala, sobre uma mesa, o corpo de Roque, coberto por um lençol, entre quatro velas acesas. Em volta do corpo, Porcina, Malta, Matilde, Florindo Abelha, Zé das Medalhas, Ninon, Rosali e padre Hipólito.)*” (GOMES, 2015, p.117).

Dias Gomes identifica o ambiente físico como o bordel, mas, para além da aparência, seu funcionamento é o de uma igreja, onde o cordeiro fora recentemente imolado. À volta do cadáver estão aqueles envolvidos nesse sacrifício final, inclusive o vigário da paróquia que, junto com as quatro velas, são os elementos que garantem a sacralidade daquele lugar. “Quando a instalação já não é provisória, mas permanente, implica uma decisão vital que compromete a existência de toda a comunidade” (ELIADE, 2018, p.36).

A imolação do cordeiro, na ordem natural das coisas, marcaria o nascimento de uma igreja, mas, aqui, onde a ordem das coisas foi alterada, o que vai nascer é a Boate Sexu’s, onde Matilde demonstra sua inocência, como em uma cena teatral, tão típica de um bordel:

MATILDE

Ele estava sentado ali, bebendo, coitado. Tava tão alegrinho, contando casos... A pedra quebrou a vidraça, um estilhaço de vidro pegou bem aqui *(Mostra a carótida.)*, lá nele. Nunca vi tanto sangue. Uma cachoeira.

PORCINA
Quem jogou a pedra?

MATILDE
E quem vai saber? Eram mais de vinte, todas com o diabo no corpo.
(GOMES, 2015, p. 117)

Este foi o ritual que marcou o nascimento da Boate Sexu's, pois, segundo Eliade, "Instalar-se num território equivale, em última instância, a consagrá-lo" (2018, p. 36). Asa Branca ganha um novo estabelecimento comercial e é nele que se passa a última cena da peça, conforme rubrica do autor, no décimo sexto quadro: (*Boate Sexu's. Matilde, Ninon e Rosali dançam. Final de show. Aplausos*) (GOMES, 2015, p.122)

Diferentemente de outros bordéis literários, cujas origens desconhecemos, a Boate Sexu's é praticamente, além de uma cenografia, um organismo vivo, uma personagem da peça. A Boate foi sonhada, planejada, combatida, mas finalmente veio a existir, passando a ser mais um estabelecimento na cidade de Asa Branca; será frequentada pelos mesmos homens que frequentam a missa aos domingos, os quais poderão, por isso, serem perdoados por Deus, mas não por Matilde, que lhes esvaziará os bolsos e quem sabe a alma, como Lucíola ou Naná fizeram com seus clientes. Em algum momento, confundir-se-á as personagens de Matilde e da própria Boate e caberá ao espectador decidir quem está a serviço de quem. Assim como o padre serve a Igreja, sendo dela seu súdito, será a Matilde para com a Boate Sexu's. Matilde, a despeito da liberdade e autonomia alcançadas, não conseguirá fugir do padrão da prostituta perversa e perigosa, contra a qual a Bíblia sempre advertiu.

3.6 Matilde e o discurso de uma *business-woman*

Como anteriormente apresentada nesta pesquisa, Matilde, a personagem criada por Dias Gomes, está para além do estereótipo de uma prostituta comum, que tradicionalmente tem como conflito maior o desafio contra a moral e os bons costumes previamente estabelecidos. Matilde tem suas ações e discursos carregados por um vocabulário comum aos empresários empreendedores, cujo rigor linguístico visa sempre a possibilidade de obter lucro. Nesse contexto, Matilde é apenas mais uma forasteira que chega a Asa Branca com a intenção de ali se estabelecer com seu empreendimento. A cidade vive um momento próspero e é, então, uma ótima oportunidade para novas possibilidades empresariais. Mas a abertura de um bordel esbarra em questões morais e religiosas. E o fato de ser uma empreitada comandada por uma mulher trouxe à Matilde obstáculos maiores do que um outro empresário enfrentaria. Essa

situação fictícia como a de *Madame Pommeroy* (1920), foi, em muitas regiões do Brasil, um fato real e talvez um dos maiores exemplos seja a “Casa da Eny”, o famoso bordel em Bauru, mais precisamente na Rua Costa Ribeiro, ou “aquela rua”, como era também chamada:

Sófocles não teria melhor tema, melhor enredo que a vida de Eny, moça de “família” de rigorosa educação “à francesa”, que o destino se encarregou, sem quê nem por quê, de fazer dona de bordel, randevu ou casa de putas, como o leitor preferir. Coisa normal? Talvez, não fora o destino, sempre ele, zombando dessa bobagem do livre-arbítrio e nos levando para onde quer. (MELLO, 2002, [s.p.])

Localizada no final da rua, a Casa de Eny, com um vasto quintal e uma piscina com o formato de um violão, costumava ser sobrevoada por helicópteros com curiosos. Eny Cezarino ficou no comando, até o ano de 1982, da curiosa e invejável estrutura que continha 40 quartos, saunas, restaurante, bares e salões de festas, tudo ciceroneado por mulheres de vida nada fácil. A vida dessa cortesã foi contada em *Eny e o Último Grande Bordel Brasileiro*, lançado em 2002, uma biografia romanceada feita pelo jornalista Lucius de Mello. Abrangendo dez anos de pesquisa sobre o submundo da prostituição e a saga da família italiana Cezarino, cujo patriarca desembarcou no Brasil num navio infestado pela cólera, surpreendeu-se com leilões de escravos na Estação da Luz e por aqui ficou. Sua descendente Eny Cezarino, uma garota criada para casar, seguiu um rumo inesperado. Fugiu de casa, trabalhou como prostituta em São Paulo, frequentou baladas do Cassino da Urca, prostituiu-se em bordéis de Porto Alegre e Paranaguá, até ser convidada para montar seu próprio negócio na promissora Bauru. Elegante e educada, Eny aprendeu logo os segredos do negócio, especialmente como tratar bem os clientes, transformando-se, assim, numa figura pública envolvente. O autor conta que seu maior prazer era ir ao correio todos os meses para enviar dinheiro à família. Como uma tenaz mulher de negócios, Eny Cezarino conseguiu construir um império de 26 imóveis, mas morreu pobre, em 24 de agosto de 1987, aos 69 anos, numa cama de hospital. Quando Matilde rodeia-se de autoridades, especialmente o deputado Sinhozinho Malta, talvez seja uma lição aprendida com Eny, além do tino para os negócios, amplamente demonstrado por Eny: “Pagou em dia os pequenos empréstimos que fez para quitar as três casas no centro de Bauru e por isso mesmo crédito não lhe faltou para investir no maior projeto: a compra da área fora da cidade para construção do Eny’s Bar” (MELLO, 2002, p, 192).

Como uma das marcas de preconceito da ordem de gênero, observamos que em Asa Branca uma outra personagem, assim como Matilde, queria aproveitar do momento em que a cidade vivia para se estabelecer comercialmente. Trata-se de Zé das Medalhas que, como

anuncia o seu nome, tinha como atividade a fabricação de medalhas que homenageavam o santo mártir da cidade; e para melhor rendimento, havia feito um alto investimento em seus negócios:

FLORINDO (*examina as medalhas.*)
Medalhinhas benfeitas... Zé das Medalhas está caprichando...

POMBINHA
Ele comprou uma máquina moderna que cospe uma medalha por segundo;

FLORINDO
Eu soube. Uma tal de fresadora pantográfica. Máquina importada. Tá podre de rico o danado. (GOMES, 2015, p.23)

Como visto acima, atividades lucrativas, mesmo que às custas da fé, eram bem recebidas pela comunidade. Reação contrária era obtida pela simples aparição pública de Matilde: “MOCINHA (*escandalizada.*) Olha que atrevimento! / POMBINHA Essas mulheres aqui... é muito desaforo!” (GOMES, 2015, p.23).

Toninho Jiló era outra personagem que lucrava vendendo objetos, os quais dizia terem sido pertences do cabo Roque:

TONINHO JILÓ
Vosmincê qué uma relíquia de cabo Roque?

MATILDE
Queria

TONINHO JILÓ (*tira do bolso um pequeno objeto*)
Uma prosperidade.

MATILDE
Que é isso?

TONINHO JILO
Tá vendo não? É um botão, não sabe, da cueca do cabo Roque. Dá sorte e faz parir filho macho.

MATILDE (*Incrédula*)
Da cueca dele mesmo?

TONINHO JILÓ
Oxente, só não peço o testemunho da viúva porque seria desrespeito. Pode levá sem susto, dá uma sorte arretada.

MATILDE
Quanto é?

TONINHO JILÓ
É só cem paus. Tenho também um amuleto feito da farda de cabo Roque e benzido pelo vigário... (GOMES, 2015, p.26)

A bem dizer, os negócios que lucravam com a fé do povo, conduzidos patriarcalmente, eram bem aceitos e estimulados pela comunidade, enquanto a possibilidade da abertura de um

bordel por Matilde era uma atitude reprovada. A trajetória bem sucedida de Matilde custou-lhe dissabores e, por fim, um sacrifício de ordem moral, como já analisado. Matilde valeu-se, na consecução de suas metas, de favores e acordos secretos que poderiam constar facilmente na biografia de qualquer outro magnata exitoso. Em Asa Branca, o surgimento dos endinheirados trouxe consigo diversas necessidades materiais, inclusive o divertimento. É da percepção clara dessa conjuntura extremamente favorável somada à contribuição prestada por Matilde na solução do conflito que assombrava Asa Branca, que possibilitará a inauguração da boate Sexu's, o bordel pretensiosamente luxuoso de Matilde, como outrora fora o Retrouvé Paradise de Madame Pommery, por meio do qual Dias Gomes apresenta e questiona diversos aspectos da vida cotidiana. Essa mercantilização do corpo, da carne, embora pareça perversa, é assumida como um aspecto importante do mercado.

A prostituição, ao longo dos tempos, condenou e aceitou cumprir diferentes funções socializadoras, chegando mesmo a cumprir tarefas típicas de um agente civilizador, como por exemplo, iniciando sexualmente os rapazes, preservando a virgindade das moças e a castidade das esposas, contentando, desse modo, o Estado e a Igreja especialmente. Assim, a prostituição domava a pulsão sexual dos jovens, funcionando como um polo aglutinador de determinados grupos sociais e, sobretudo, apresentava um forte aspecto econômico, pois, integrando um campo de oferta e consumo em torno do prazer, a prostituição transformava-se numa atividade lucrativa como qualquer outra; a exemplo de Zé das Medalhas, que exigia investimentos cada vez maiores. As prostitutas profissionalizavam-se com o crescimento urbano-industrial, constituindo um mercado de trabalho disputado:

Políticos influentes, fazendeiros ricos, estudantes de direito, advogados de projeção, delegados de polícia, assim como trabalhadores e jovens dos setores mais pobres da população divertiam-se em companhia dessas mulheres, solicitavam-nas, bebiam e dançavam com elas. Mesmo aquelas que se tronavam cortesãs de luxo provinham de meio social inferior e, na maior parte dos casos, fizeram fortunas através dos homens que as procuravam. (RAGO, 1991, p.124)

A cena de abertura da peça ocorre na praça em frente à igreja local. É um clima de efervescência, onde todos desfilam suas melhores roupas, políticos fazem seus contatos, e o pároco, a título de comemorar uma data em honra ao mártir transformado em santo, arrecada fundos para sua igreja, que está com o teto para cair. Este detalhe do autor soa como uma crítica à ruína espiritual que a igreja vivia com seus rituais esvaziados de sentido e valor. Era ali naquela quermesse que Zé das Medalhas, Toninho Jiló e tantos outros vendiam seus produtos, usando como jargão que se tratavam de produtos milagrosos. Todos estão lucrando, inclusive Matilde:

PORCINA

Dona Matilde, como vão os negócios?

MATILDE

Andavam muito fracos. Mas este mês, não sabe, com o calor, as festas e a ajuda de Deus, melhoraram bastante. A gente não pode se queixar.

PORCINA

Muita gente de fora, muitos homens em jejum... as meninas devem ter sido muito procuradas.

MATILDE

Se foram, minha senhora. Trabalharam tanto que tou até pensando em fechar a casa por uma semana de férias a todas elas.

PORCINA

É justo.

MATILDE

Merecem, a senhora não acha? Ah, eu sou assim, o que é direito é direito. (GOMES, 2015, p. 35)

Porcina é uma das poucas pessoas em Asa Branca que reconhece Matilde como uma empresária, o que fica evidente em seu cumprimento através da escolha do pronome de tratamento “Dona” e a indagação de como vão “os negócios”. A conversa se estende oferecendo outras marcas linguísticas da posição profissional empreendedora de Matilde, que trata as meninas como suas empregadas – “Trabalharam tanto [...]” –, não como escravas, a quem reconhece até o direito de férias após um período de intenso trabalho – “[...] tou até pensando em fechar a casa por uma semana e dar férias a todas elas”. Esse discurso coloca Matilde no rol de empresários daquela cidade e ainda lhe confere o status de uma empreendedora honesta que reconhece o que é justo e que paga devidamente, além de observar as leis trabalhistas, seus impostos: “MATILDE [...] a viúva é testemunha de que nunca me atrasei. Aqui está a quota desse mês. (*Entrega um maço de notas a Porcina*)” (GOMES, 2015, p.35).

“Quota” é outro verbete típico do linguajar empresarial, característica do discurso de Matilde, além de “serviço”, “desconto”, “clientela” e filial” e expressões como “passado pra trás”. Matilde se apropria desse vocabulário no afã de conquistar seu espaço junto àqueles que dominam o mercado em Asa Branca:

MATILDE

E deve fazer um descontozinho na nossa conta, estamos trabalhando pra Ele também, é ou não é? Mas a gente trabalha satisfeita quando vê que o negócio tá se desenvolvendo, que a clientela tá aumentando e que ninguém tem queixa do nosso serviço.

PORCINA

Ouvi dizer que a senhora tá pensando em abrir uma filial. (GOMES, 2015, p. 35)

Esse mesmo conceito empresarial se estende ao tratamento dado às meninas que trabalham na casa, uma vez que Matilde as trata como funcionárias, como profissionais:

MATILDE

As profissionais hoje são todas moças das melhores famílias, com curso universitário e coisa e tal. Eu só trago pra cá meninas de bom comportamento, boa saúde e bom caráter... tenho que tirar a minha parte, também preciso viver. Mas explorar, nunca explorei. (GOMES, 2015, p. 37)

Para o êxito de nossa pesquisa é importante o reconhecimento de Matilde como uma empresária, embora a mercadoria com que trabalhe seja muitas vezes relacionada com o imoral, o errado: o sexo. No discurso e nas ações de Matilde confirmam a sua vocação e o seu comprometimento com o ofício, colocando-a no mesmo nível de qualquer outro empreendedor preocupado com o seu sucesso: lisura no tratamento com seus funcionários, retidão no pagamento de seus impostos e, ainda, o desejo de estar sempre se aprimorando para melhor atender aos seus clientes. Para melhor entendimento desta análise, nos reportamos aos estudos históricos, iniciados na Seção 1 desta pesquisa, nos quais se afirmou que havia três classes distintas de prostitutas na antiguidade e acrescentamos estudos de Silva (2017), nos quais aponta que as escravas que ficavam nos bordéis, eram chamadas *deikteriades*; as flautistas e dançarinas, eram denominadas *auletrides*; e as cortesãs, prostitutas de alta classe, chamadas *hetairas*, que eram sempre muito bem educadas e influentes – algumas delas ganharam estátuas na Grécia em sua homenagem.

As prostitutas de alta classe eram as únicas mulheres às quais se permitia ocupar um espaço social [...] Elas foram as mulheres mais educadas que havia no ocidente. Reservava-se o melhor papel feminino para as prostitutas não somente na Grécia, mas em muitas culturas orientais, como na Índia, onde ocorria que as únicas mulheres educadas e cultas eram as dedicadas à prostituição. Pode-se afirmar que essas prostitutas de alta classe não tinham a função exclusiva de satisfazer sexualmente os homens que pagavam por isso, já que para isso estavam à disposição as escravas, mas de satisfazer as necessidades intelectuais ou emocionais. [...] Por um lado, o matrimônio não era considerado o lugar do amor, senão o lugar da procriação e as alianças familiares, de maneira que não se esperava que a esposa fosse uma mulher a compartilhar nada. Somente ante as prostitutas os homens se permitiam relaxar; mas a essas mulheres permitia-se cotas de independência intelectual e de liberdade com a que as mulheres “livres” não podiam nem sonhar. (GIMENO, 20123 apud NUCCI, 2014, p. 51)

Como antes mencionado, foi durante o governo de Sólon (Atenas, 650 a.C – 570 a.C) que se regulamentou os papéis e as funções femininas na sociedade. Foi, então, quando se optou por instituir a denominada *pornikotelos*, que era uma taxa paga pela prostituta e a partir da qual estaria apta para trabalhar e até mesmo abrir seu próprio bordel. Ocorreu de essa atividade

passar a ser vista por um viés econômico e lucrativo para o estado, como já acontecia em Roma, onde as prostitutas eram taxadas e registradas em órgão público:

Na antiga Roma, a sexualidade e a prostituição eram fatos aceitos da vida; abertamente demonstrados e explorados. O estado não se envergonhava de tirar proveito publicamente do comércio sexual, inclusive cobrando imposto sobre as prostitutas, objetivando-se diretamente lucro da indústria do sexo. (ROBERTS, 1992, p. 77)

Ainda segundo Silva (2017), naquela época tais espaços não tinham autorização para funcionamento e mesmo assim faziam parte do cotidiano com suas funções sociais, como atender as necessidades das tropas de guerra, conforme apresenta Emmett Murphy:

Os primeiros bordéis militares eram muito simples, pouco mais que choupanas de madeira cobertas de sapé, sobre fundações de barro. Em lugar dos bancos de pedra cobertos de almofadas e colchões utilizados em Roma, os clientes tinham que satisfazer-se com estrados de madeira cobertos de palha. Nas casas mais requintadas os estrados eram cobertos de peles de ovelha, só que, evidentemente, esses locais estavam reservados para os oficiais. (MURPHY, 1994, p. 39)

E, então, com o fim do império Romano e surgimento da Idade Média, que trouxe consigo a forte influência da igreja católica, a prostituição urbana começou a desaparecer. Apenas em poucas cidades importantes conseguiam se localizar um ou outro bordel financiado, muitas vezes, pelo próprio Estado ou locais destinados aos banhos públicos, mas que passaram a servir como prostíbulo. Durante esse período, a opinião da igreja, expressa através dos sermões, era extremamente rígida e contrária à prostituição. Isso mudou ao longo do tempo, após a igreja perceber que era necessária uma adaptação aos novos costumes e ao funcionamento social, consequência direta da movimentação pecuniárias nos cofres públicos e eclesiásticos.

A posição da igreja católica sobre a prostituição, em muitos momentos da história, transitou entre a condenação e a tolerância, assim como em muitos momentos da peça de Dias Gomes, quando, por exemplo, o Padre Hipólito transita entre momentos de discurso de moralismo e de convivência, e quando aceita o pagamento do dízimo de Matilde. Essa tolerância geralmente era sustentada mediada tributos e impostos pagos pelos serviços dessas mulheres. Nas situações em que se atribuía à prostituição a responsabilidade de “conter o fogo masculino”, para que os homens não procurassem as mulheres de “boa família”, chegou a ser considerada uma instituição social de serviço público, sendo tolerada pela igreja e regulamentada pelo Estado. (MENDONÇA, 2013, [s.p.])

Em um momento que Asa Branca se sente beneficiada com o advento do capitalismo, a prostituição passa a ser considerada um instituto capaz de contribuir com o fator econômico da

sociedade, mesmo trazendo o estigma sobre a mulher e profissional do sexo que foi construído ao longo dos séculos e reforçado pelo sistema patriarcal, em que o homem torna-se capaz de controlar e ter acesso ao corpo das mulheres, não apenas através do contrato de casamento, mas também através do contrato de prostituição. Se em um contrato de casamento, o que aparentemente foi a escolha de Porcina, a mulher tem proteção garantida pela vida toda, pelo próprio cônjuge, no caso da prostituição a proteção é feita por pessoa externa ao contrato ou, às vezes, até pelo estado. Ainda que nessa posição privilegiada, num determinado momento, Porcina, embora “dona de fazenda, com pensão do Estado, considerada, bajulada”, assume a inveja que tem da liberdade de Matilde:

PORCINA

Só não sei se tudo isso vale a liberdade da gente fazer o que dá veneta... É claro que nada me impede de pular a cerca de vez em quando e pregar uns chifres na testa do deputado... Ora, eu sou moça e não vou me enterrar antes do tempo, não é? (GOMES, 2015, p.34)

Essa inveja sempre existiu, uma vez que às mulheres que desempenhavam o papel de mãe e esposa, era vedada a liberdade financeira ou intelectual, enquanto as prostitutas podiam enriquecer e estudar. Esse processo de independência de uma prostituta deve ser analisado cuidadosamente, considerando seus momentos históricos, culturais e econômicos e permitindo uma compreensão concreta sobre as influências recebidas pela prostituição atual em todo o mundo. Esse fenômeno social que se convencionou chamar de prostituição é extremamente complexo e multifacetado, produto de uma conjunção de diversos fatores, o que impede o estabelecimento de um modelo explicativo único e rígido sobre ele.

Na esteira das considerações de Silva (2017), vimos que muitos dos autores que se debruçaram sobre o tema da prostituição costumam dividi-la em três sistemas básicos: proibicionismo, regulacionismo e abolicionismo, e algumas vezes incluem o neoabolicionismo. E quem acrescenta um olhar diferente é Nucci (2014), que divide os sistemas em proibicionismo, regulacionismo, abolicionismo e misto, apresentando algumas divergências quanto à definição desse terceiro sistema. Essas formas apresentadas variam desde a mais absoluta proibição ou criminalização, passando por uma legalização regulamentada, até uma visão mais crítica da prostituição que faz com que os países, na maioria dos casos, somente punam os clientes e/ou todos os demais indivíduos que favoreçam ou auxiliam a atividade. No primeiro caso, a prostituição é considerada uma atividade torpe e contrária aos “bons” costumes, podendo acontecer de em muitos não obter reconhecimento jurídico nem estatal, o que contribui para que ela seja uma atividade com existência ameaçada, pois as prostitutas são

culpadas, criminalizadas e constantemente reprimidas pelo sistema policial. Considerando que o Direito, nesse caso, não reconhece a relação cliente-prostituta como um negócio jurídico, tornam-se inválidas as iniciativas de discussões sobre o assunto e para a busca de políticas públicas e melhorias de vida para essas mulheres. O sistema do regulacionismo geralmente funciona em dois aspectos: sob o prisma de que a prostituição é um mal inevitável o qual deve ser controlado para fins de garantir a saúde e a ordem pública e sob o aspecto da perfeição do contrato de prostituição, existente, válido e eficaz, celebrado entre maiores de idade, que possuem a liberdade de autodeterminação para pactuarem a realização do serviço, cabendo, desse modo, ao estado legalização e a regulamentação da atividade. Assim, a prostituta torna-se uma trabalhadora sexual, o proxeneta empresário e o prostituidor cliente (NUCCI, 2014). Reconhecido como abolicionista aparece no final do século XIX, quando diversos movimentos lutavam para acabar com a extinção do tráfico de pessoas e da exploração da prostituição uma vez que nessa ótica a mulher que se prostitui é percebida como vítima e apenas os agenciadores e donos de bordéis que devem ser punidos por suas condutas. Quando passamos para o neo-abolicionismo o que se acrescenta é unicamente a penalização daquele que compra o serviço sexual.

Dias Gomes situa a peça em 1960, uma época historicamente pós-neo-abolicionista, a mesma época do funcionamento da “Casa da Eny” em Bauru, no interior do Estado de São Paulo. Tanto Eny quanto Matilde gozaram das benesses dos novos tempos. Não eram mais punidas ou criminalizadas pelo Estado, pelo contrário, suas casas tinham como clientes habituais inúmeras autoridades, o que conferia aos seus estabelecimentos uma aura de respeitabilidade. Matilde, desde o início da peça, mostra-se cônica de sua posição assim como de seus direitos e deveres, deixando claro através de suas falas qual é o seu negócio:

MATILDE (*canta*)

A Constituição nos garante o direito de ir e vir.

FLORINDO

Artigo 141...

MATILDE

Ninguém pode nos impedir. (*Bis*)

Vivemos num regime de livre empresa

Que é a base do capitalismo com certeza.

NINON E ROSALI

Mas que beleza

AS TRÊS

Cada qual vende aquilo que pode

e como quer,

segundo a lei da oferta e da procura

ao bel prazer
e quem compra
compra por gosto
e só se requer...

FLORINDO

Que se pague impostos. (GOMES, 2015, p. 30)

A cena acima esclarece que a única obrigação de Matilde para com a cidade é o pagamento dos impostos, lembrete feito pelo prefeito local. Contudo, pressionadas pelos defensores da moral e dos bons costumes, as autoridades, receosas de perderem o prestígio, se veem impedidas de conceder o alvará de abertura da Boate Sexu's, o novo e luxuoso empreendimento de Matilde. O que Dias Gomes oferece ao espectador com a construção da personagem Matilde é uma prostituta dos novos tempos, ainda que para isso o autor tenha recorrido ao estereótipo da antiga *hetaira*. Diferentemente daquela imagem construída no imaginário popular, o qual é sempre caracterizado por uma prostituta vitimizada, explorada por outrem e geralmente imbuída de uma vingança contra seus algozes, Matilde é uma mulher com propósitos e estratégias firmes, que a todo tempo exige ser vista e compreendida como mais um dos inúmeros comerciantes de Asa Branca. O que Matilde não sabia é que os “impostos” aos quais Florindo provavelmente se referiu na última fala citada acima fossem lhe custar tanto. Dias Gomes não traz a público o quanto custou internamente a Matilde o sangue de Cabo Roque; não sabemos se ela teve conflitos de ordem moral, se ela tentou fugir daquele desfecho. O que sabemos é que ela marcha triunfantemente em direção ao seu ideal, ela não titubeia, não hesita, antes ela faz conchavos, promete sociedade nos lucros da nova boate a Ninon e a Rosali, desde que a apoiem nesse ato final: “MATILDE: Dou, já disse, dou sociedade às duas.” (GOMES, 2015, p. 115).

Às vésperas de assassinar um homem, Matilde age como uma ávida mulher de negócio, não se importando em ter que partilhar os lucros futuros. Importante notar que essa morte fora tramada pela sociedade masculina, mas quem a executa é a trindade feminina. Os homens de Asa Branca, assustados com o enorme prejuízo moral e financeiro que a volta do mártir significa, só tem inteligência e força para tramar e enredar, mas não para executar. O sangue estará nas mãos de Matilde, o que ela vê apenas como mais um imposto a pagar.

COMENTÁRIOS CONCLUSIVOS

Refletir sobre o lugar que a prostituição ocupa na sociedade contemporânea tem sido alvo da preocupação de estudiosos e, em particular, de movimentos organizados de prostitutas que lutam pelo reconhecimento do ofício como uma profissão a ser respeitada, protegida e legitimada socialmente, conferindo todos os direitos trabalhistas às mulheres que sobrevivem dessa ocupação por escolha própria, como o caso da personagem Matilde ou mesmo por falta de oportunidades. A importância de pesquisar a prostituição na literatura se baseia, especialmente, no fato de ser necessário desconstruir as leituras e as posturas negativas sobre esse ofício, gerando preconceito e rejeição por parte da sociedade. A prostituição, nesta pesquisa, foi considerada um lugar de produção de relações sociais que reflete a cultura e as formas de sociabilidades em territórios mal vistos (bordéis/cabarés) que sofreram significantes alterações no movimento histórico.

Em nossa pesquisa, pudemos observar que diversas áreas do saber procuraram entender a prostituição assim como as suas causas. Procuramos, neste trabalho, refletir sobre a representação da prostituta e da prostituição em alguns romances brasileiros, em específico na peça teatral *Roque Santeiro ou O Berço do Herói*, escrita por Dias Gomes. Deflagramos, assim, uma perspectiva que reconhece a relevância dos estudos da prostituição na constituição da cultura literária.

Com o propósito de compreender como se define e se caracteriza a prostituição ao longo da história, a primeira seção desta pesquisa, “A Prostituição feminina: um mito e uma realidade”, ofereceu uma revisão da literatura acerca dessa prática, destacando, sobretudo, as reflexões advindas dos estudos das Ciências Sociais, da História e do Movimento Feminista sobre a prostituta e seu ofício, além de discutir as causas originais da comercialização do sexo. Pôde-se, então, perceber que a prostituição é uma temática recorrente na literatura universal. Por sua complexidade e abrangência, o assunto oferece afortunadas leituras para pesquisadores interessados em descobrir suas facetas e nuances. Muito ainda se teria a escrever sobre o ofício de venda do corpo e das relações sociais estabelecidas entre a prostituta e o cliente, a prostituta e o cafetão/proxeneta, a prostituta e as companheiras de profissão e a prostituta e a família. Se houve um tempo em que a prostituição foi concebida como prática sagrada (período matriarcal), na contemporaneidade, este exercício ainda é considerado uma chaga social. As mulheres da vida são discriminadas e engrossam o cordão dos excluídos, tornando-se fortes candidatas a aplacarem a solidão amargurada pelas perdas afetivas.

Na segunda seção, “Quando a arte representa a prostituição”, antes de falarmos diretamente da Literatura, deflagramos a representação da figura da prostituta em outras linguagens como a música, o cinema e a televisão. Em cada um desses segmentos, através de recortes cronológicos e geográficos, pudemos assegurar que essa figura esteve sempre presente, atendendo aos mais diversos estereótipos, mas sempre sendo aquela que luta para não estar à margem. Em seguida, propusemos um alinhamento de algumas obras literárias que desenham a figura da meretriz, tendo como balizamento as obras *Lucíola*, de José de Alencar (1862) e *Madame Pommery*, de Hilario Tacito (1920). Se no livro de José de Alencar a prostituta foi apresentada como uma pecadora que precisava se redimir através do casamento e da maternidade para obter salvação, visão típica da sociedade patriarcal, não faltou ousadia para Hilario Tacito ao desenhar a prostituta valente, guerreira e sonhadora, como é o caso de Madame Pommery, recém chegada ao Brasil se estabelecendo na cidade de São Paulo, onde inaugura um bordel, atraindo a alta sociedade paulistana mas ainda assim espera encontrar um marido, o porto seguro, que lhe propiciaria a oportunidade de construir uma família e abandonar a prostituição, obedecendo, portanto, a estatutos imaginários de um mundo patriarcal e cristão. Contudo, enquanto esteve à frente do negócio, Madame Pommery teve sempre uma vida luxuosa, regada a champanhe e ao som de boas músicas. Como visto na primeira seção, se a prostituição constitui um dos traços de brasilidade que, por um lado, envergonhou e feriu os preceitos morais das famílias de bons costumes, por outro lado, ela representa o progresso e a modernidade, exatamente como o papel desempenhado por Madame Pommery que introduziu nas noites de São Paulo a boemia, o champanhe e o gosto refinado, promovendo uma rede de sociabilidades no seu elegante bordel e demonstrando que nesse espaço os homens não procuram apenas sexo e entretenimento, mas, sim, discutem política e filosofia. Registramos ainda que o Brasil tem disponível uma considerável bibliografia assim como uma farta produção de telenovelas nas quais é abordada a temática da prostituição feminina. Não há uma década sequer do século XX, em especial, que a literatura não explore o meretrício, oferecendo aos leitores visões divergentes de um mesmo ofício.

Na última seção, “Matilde, a terceira mulher: uma cortesã em Asa Branca”, fixamos o nosso olhar sobre o *corpus* desta pesquisa, ou seja, o texto teatral *Roque Santeiro ou O Berço do Herói*. O estudo dessa peça permitiu concluir que o processo de construção da personagem Matilde se valeu dos estudos históricos da prostituição, especialmente no que se refere aos elementos hierárquicos e específicos da *hetaira*, a cortesã: quando prostituição não é uma prática sexual gratuita e que ser puta é apenas um modo de existir, Matilde não corresponde ao papel desempenhado pelas prostitutas genéricas que, em grande número, povoam as narrativas

se apresentando como criaturas insatisfeitas que vivem em busca de alguém que preencha o vazio de suas carências – ocasionado pela ausência de familiares e de um homem com o qual possam se casar e construir a própria família –, atendendo finalmente aos preceitos sociais e morais de todas as épocas. Matilde dispensa esses anexos ou apêndices e se posiciona como uma mulher de negócios, uma empreendedora, provida de discurso e atitudes coerentes com essa vocação. Nós a comparamos com a Madame Pommery, mas registramos que ela foi mais longe. E para melhor averiguação desse processo de construção, associamos Matilde, essa personagem fictícia, a uma personagem real.

Várias das obras aqui estudadas não fazem menção a ida das prostitutas a lugares visitados por mulheres casadas, como igrejas, teatros, restaurantes, entre outros. Talvez porque esses ambientes, considerados sacros, sejam proibidos para as meretrizes, já que as “boas famílias” não concebem facilmente a ideia de dividir o mesmo espaço com essas mulheres; ainda se permanece a ideia desenvolvida na ciência médica do século XIX de que a prostituta é uma ameaça, podendo funcionar como um estímulo às senhoras casadas a participar da vida dita pública ou profana. Desse modo, a sociedade estabelece uma divisão entre os espaços que podem ou devem ser frequentados pelas prostitutas e pelas mulheres consideradas honestas, determinando, então, o espaço de cada uma de acordo com a ética, os costumes e os valores ditados pela época.

Qualquer um desses espaços se caracteriza pela convenção de regras/normas, nos quais são postos à prova os valores tradicionais, que transformam o lar em um ambiente sagrado. Seguindo essa segregação preconceituosa, Matilde é malquista pela sociedade de Asa Branca, pois não constituiu uma família padrão, composta pelo pai, pela mãe e filhos. Historicamente, essa dialética entre o espaço da ordem e da desordem aparece sempre como um divisor de grupos, colocando à margem social todas as mulheres que não se submetem aos rígidos padrões morais e aos preceitos religiosos. Como consequência dessa segregação, as prostitutas são rebaixadas e condenadas a um isolamento, ao qual Matilde se impõe utilizando de um discurso masculino, típico de um empresário.

Os textos literários aqui analisados confirmam a nossa hipótese de que por força dos severos códigos comportamentais prescritos por uma sociedade patriarcal e, em boa parte, calcados na moral cristã, a prostituta ocupa um lugar sempre à margem, não podendo nunca ocupar um lugar central, a não ser quando se encaixe no perfil de uma cortesã. O lugar que Madame Pommery e Matilde, especialmente, ocupam na condição de cortesãs é, sem dúvida, um espaço privilegiado, conquistado outrora pelas *hetairas* da antiguidade. Essas personagens, à sua maneira e com suas armas, lutaram por todos os seus direitos e a dignidade necessária à

vida em sociedade. Matilde, diferentemente de Madame Pommery, não demonstra nenhuma sede de romance nem vislumbra a possibilidade de um casamento. É de outra forma que ela planeja driblar a solidão das meretrizes imposta historicamente pelo preconceito e o machismo.

Parece a nós, ainda, que a prostituição anula outros papéis que uma mulher possa desempenhar na sociedade, como se elas fossem apenas putas e não tivessem o direito de se inserir na comunidade nem mesmo como uma empresária, legitimada pelo pagamento dos impostos, como era a intenção de Matilde. Diante de uma sociedade que não permite sua inserção no centro social onde poderia desempenhar livremente a sua função econômica e social, lhe restaria a solidão e o desprezo. Todavia, Matilde reage e utiliza de acordos inomináveis para driblar essa condição e atinge seu objetivo.

Ao concluir este trabalho, cabe-nos fazer algumas observações. A primeira consiste no fato de que as leituras negativas e preconceitos sobre a prostituição ensejadas pelos autores dos romances citados não significa que comungavam dos valores patriarcais, condenando as prostitutas. Entendemos que a habilidosa maneira de descrever as estruturas sociais na obra pode nos levar à leitura de que Dias Gomes não tinha preconceitos em relação ao meretrício. A segunda observação refere-se à relevância da temática trazida ao centro das diversas narrativas comentadas ao longo deste trabalho, permitindo-nos enxergar através das lentes da ficção que nem sempre o lugar destinado à prostituta inserida em uma sociedade sexista e opressora, seja a solidão, a marginalidade e o desespero, encontrando a paz na morte, como foi o caso de diversas heroínas literárias. Por fim, destacamos a necessidade de se pensar sobre a temática da prostituição considerando o ofício feito por livre e espontânea vontade.

Quando assim feita, essa atividade chama para si uma atenção que contribui para a descriminalização da prostituição, tentando lhes assegurar o direito à voz e à visibilidade para que possam, então, romper com o silêncio que as privou durante muito tempo de uma vida em sociedade, o que poderia ser caracterizado como o maior gesto de democracia e um passo fundamental em direção à inserção da meretriz na família e na sociedade. Matilde, assim como a também fictícia Madame Pommery ou a verdadeira Eny, é uma cidadã em Asa Branca, ali residindo e trabalhando.

Dias Gomes rompe com os anteriores estereótipos literários e nos entrega uma personagem pulsante e demasiadamente humana, sem cair na tentação de transformá-la numa heroína. Se ela tivesse que frequentar algum tribunal na condição de ré, seria por assassinato, nunca por ser uma prostituta. Matilde, ao final, por ter subvertido e transgredido valores normativos da boa conduta, a fim de obter prestígio social e a autorização decisiva para a abertura e funcionamento de sua empresa, apresenta-se como uma anti-heroína, e como outros

personagens da peça, mais um agente da degradação moral, tornando inviável qualquer tentativa de heroicidade. Sua amoralidade contribui para a desmistificação de uma sociedade fundamentada em conceitos de moral e honra. Portanto, o preço de sua ascensão socioeconômica coloca-a em pé de igualdade junto aos demais membros da comunidade de Asa Branca, feito que não pode ser desconsiderado uma vez que nem esse lugar lhe permitiam ocupar desde o início da peça.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, J. *Lucíola*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- ANDRADE, J. C.; SILVA, F. P. L. *A Prostituta na Literatura: Constatação e Denúncia*. Disponível em: https://docgo.net/view-doc.html?utm_source=a-prostituta-na-literatura-luciola-a-dama-das-camelias. Acesso em 11 de novembro de 2019.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- AULETE, J. C. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1974.
- AZEVEDO, S. L. *Dicionário de Nomes de Pessoas*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1993.
- BARRETO, S. L.; ROCHA, R. N. A. *Cartografias do Prazer e da Maldição: Os Bordéis Mossoroenses na década de 1950 e 1960*. 2010. Disponível em: https://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1270391090_ARQUIVO_Artigocompleto.Sonni.XEnc.Hist.Oral.pdf. Acesso em 20 de junho de 2019.
- BASSERMANN, L. *História da Prostituição – Uma interpretação cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. 7 ed. Santo André/SP: Geográfica Editora, 2007.
- BOAINAIN, R. M. *Madame Pommery: na multiplicidade de vozes, a tradição reinventada*. Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Literatura e Crítica Literária. 2008.
- BRIVIO, G. R. B. *Representações sobre a prostituição feminina na obra de Jorge Amado: um estudo estatístico*. Dissertação de mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo. Salvador: UFBA, 2010.
- CAMPEDELLI, S. Dias Gomes. São Paulo: Abril, 1981.
- CAILLOIS, R. *O Homem e o Sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1836- 1880)*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.
- CARMO, P. S. *Entre a luxúria e o poder: a história do sexo no Brasil*. São Paulo: Octavo, 2011.
- CECCARELLI, P. R. Prostituição – Corpo como mercadoria In: *Mente & Cérebro –Sexo*. v. 4. Belo Horizonte: Sociantrop, 2008. Disponível em: http://www.cpaqv.org/socioantrop/corpo_prostituicao.pdf. Acesso em 15 de agosto de 2019.

CHEVALIER, J.; CHERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympo, 2000.

CORBETT, N. *A Prostituta Sagrada: A face eterna do feminino*. 2 ed. São Paulo: Ed. Paulus, 1990.

CORBETT, N. A prostituta sagrada. In: *Instituto de Pesquisas Psíquicas Imagick*. Disponível em: <http://www.imagick.org.br/pagmag/themas2/ProstitutaSagrada.html>. Acesso em 21 de janeiro de 2020.

CRUZ, I. C. S. *A construção da imagem feminina através das prostitutas na obra de José de Alencar e Jorge Amado*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Artes. UEPB, 2011. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2164/1/PDF%20-%20Isabel%20Cristina%20dos%20Santos%20Cruz.pdf>. Acesso em 07 de outubro de 2019.

DÉA, M. L. F. *Representações do leitor implícito no processo de leitura em textos dramáticos: O berço do herói, de Dias Gomes e O livro de Jó, do Grupo Vertigem*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná. 2005. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/4256>. Acesso em 30 de janeiro de 2020.

DUMAS FILHO, A. *A Dama das Camélias*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

DURIGAN, M. A leitura e a (re)construção de sentidos. *Anais XXX do Gel*. 2001. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/GEL_XXX/ART67.pdf. Acesso em 03 de setembro de 2019.

ENGEL, M. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FERRO, E. P. *Prostituição e romance*. Goiânia: UCG, 1997

FIGUEIREDO, L. *O avesso da memória: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília; Edunb, 1993.

FIGUEIREDO, V. A. *Caminhos cruzados x Atitudes opostas: imagens eróticas em Lucíola e Teresa Batista cansada de guerra*. *Revista Garrafa*, v.7, 2005.

FONSECA, G. *História da prostituição em São Paulo*. São Paulo; Resenha Universitária, 1982.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I – A vontade de saber*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1994.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREITAS, R. S. *Bordel, bordeis: negociando identidades*. Petrópolis, Vozes, 1985.

GOMES, R. C. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

GRIFFIN, S. *O livro das cortesãs*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

- GRUMAN, M. A Prostituição Judaica no Início do Século XX: desafio à construção de uma identidade étnica positiva no Brasil. *Campos*. n.1, v. 7, p. 83- 99, 2006. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/view/5446/4001>. Acesso em 17 de julho de 2019.
- HOUAISS, A. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- KIRSCH, J. *As prostitutas na Bíblia: algumas histórias censuradas*. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.
- KUSHNIR, B. *Baile de Máscaras: mulheres judias e prostituição*. As polacas e suas associações de ajuda mútua. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.
- MATTOS, M. F. S. C. G. Representações da Belle Époque - a ilusão e as marcas de uma sociedade em transformação. In: *II Encontro de História da Arte, Cadernos de Resumo do II Encontro de História da Arte*. Campinas, SP, UNICAMP - IFCH, 2006. Disponível em: [www.ifch.unicamp.br/pos/hs/anais/2006/posgrad/\(56\).pdf](http://www.ifch.unicamp.br/pos/hs/anais/2006/posgrad/(56).pdf). Acesso em: 10 abr. 2019.
- MELLO, L. de. *Eny e o grande bordel brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- MENDONÇA, D. A prostituição sob o olhar do feminismo que transforma. *Blog da Marcha Mundial das Mulheres*. 12 de abril de 2013. Disponível em: <https://marchamulheres.wordpress.com/2013/04/12/a-prostituicao-sob-o-olhar-do-feminismo-que-transforma/>. Acesso em 21 de maio de 2020.
- MORAES, E. R. Uma prostituta no limiar do Modernismo. In.: VELLOSO, Monica Pimenta, ROUCHOU, Joelle, OLIVEIRA, Cláudia de (orgs.). *Corpo: identidades, memórias e subjetividades*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- MOREIRA, A. S. O espaço da prostituta na literatura brasileira do século XX. In: *Caligrama: Revista de Estudos Românicos* v.12. 2007. Disponível em <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/190>. Acesso em 01 de setembro de 2019.
- MURPHY, E. *História dos grandes bordéis do mundo*. Tradução de Heloísa Jahn. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1994.
- NÓBREGA, M. da. *Cartas do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.
- NUCCI, G. de S. *Prostituição, Lenocínio e Tráfico de pessoas: Aspectos Constitucionais e Penais*. 1. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2014.
- PEREIRA, A. *Prostituição: uma visão global*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1976.
- PERETTI, C.; NATEL, A. As Mulheres da Genealogia de Jesus no Evangelho de Mateus. São Leopoldo, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/9845449/AS_MULHERES_DA_GENEALOGIA_DE_JESUS_NO_EVANGELHO_DE_MATEUS. Acesso em 14 de julho de 2019.
- PESAVENTO, S. J. *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*, São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2001.

PISCITELLI, A. G. Sexo Tropical. Comentários sobre gênero, raça e outras categorias de diferenciação social em alguns textos da mídia brasileira. *Revista Estudos Feministas*. Campinas, v. 6/7, p. 9-35, 1996.

PRIORE, M. D. *Histórias Íntimas – Sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta Ltda., 2011.

RAGO, L. M. *Os Prazeres da Noite: Prostituição e Codigos da Sexualidade Feminina em São Paulo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

ROBERTS, N. *As prostitutas na história*. Tradução Magda Lopes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

ROSENFELD, A. *O mito e o herói no moderno teatro brasileiro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.

ROSSIAUD, J. *A prostituição na Idade Média*. Trad. Cláudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991

SILVA, G. N. As muitas faces da prostituição: uma abordagem histórica sobre o controle da sexualidade a partir de Foucault. In: *Divers@ Revista Eletrônica Interdisciplinar*. Matinhos, v. 11, n. 1, p. 15-25, jan./jun. 2018 ISSN 1983-8921.

SILVA, M. F. Contrato de prostituição e regulamentação da atividade: um viés feminista e à luz dos direitos de personalidade. *Revista Ideias*. n. 1., v. 19, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ideias/article/view/230460>. Acesso em maio de 2020.

TÁCITO, H. *Madame Pommery*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1998.

VARELLA, P. 11 Retratos de prostitutas feitos pelos grandes mestres da pintura. *Arte/Ref*, 2018. Disponível em: <https://arteref.com/diversos/11-retratos-de-prostitutas-feitos-pelos-grandes-mestres-da-pintura/>. Acesso em 15 de agosto de 2019.

VIDIGAL, R. 12 músicas brasileiras sobre prostituição. *Esquina Musical*. Disponível em: <http://www.esquinamusical.com.br/12-musicas-brasileiras-sobre-prostituicao/>. Acesso em 18 de outubro de 2019.

VIEIRA, P. de A. *Epitáfio para Luísa e Irene: prostituição, solidão e morte no romance brasileiro*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade – PPGLI – da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Literatura e Estudos Interculturais. 2016.

ZOLA, E. *Naná*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.